

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**  
**NÍVEL MESTRADO**

**LUÍSA SCHENATO STALDONI**

**CULTURAS ALTERNATIVAS E A PRODUÇÃO AMADORA EM MUDIATIZAÇÃO:**  
**Entre ascensões e declínios**

**São Leopoldo**

**2016**

Luísa Schenato Staldoni

CULTURAS ALTERNATIVAS E A PRODUÇÃO AMADORA EM MEDIATIZAÇÃO:  
Entre ascensões e declínios

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em Ciências  
da Comunicação, pelo Programa de Pós-  
Graduação em Ciências da Comunicação da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -  
UNISINOS

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Paula da Rosa

São Leopoldo

2016

## FICHA CATALOGRÁFICA

S782c Staldoni, Luísa Schenato  
Culturas alternativas e a produção amadora em  
mídiação: entre ascensões e declínios / Luísa Schenato  
Staldoni. – 2016.  
152 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos  
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da  
Comunicação, São Leopoldo, RS, 2016.  
“Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa”

1. Comunicação. 2. Mídiação. 3. Dispositivos  
midiáticos. 4. Circulação comunicacional. 5. *Heavy Metal*. 6.  
Veganismo. I. Título.

CDU 659.3

Catálogo na Fonte:

Bibliotecária Mariana Dornelles Vargas – CRB 10/2145

---

LUÍSA SCHENATO STALDONI

**"CULTURAS ALTERNATIVAS E A PRODUÇÃO AMADORA EM MEDIATEZAZÃO:  
ENTRE ASCENSÕES E DECLÍNIOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovada em 22 de abril de 2016


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. LUÍS MAURO SÁ MARTINO – CÁSPERO LIBERO



Prof. Dr. JAIRO GETÚLIO FERREIRA – UNISINOS



Profa. Dra. ANA PAULA DA ROSA – UNISINOS

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO PÚBLICA Nº 014/2016

Aos vinte e dois dias do mês de abril de dois mil e dezesseis, realizou-se na Sala de Palestras do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, a sessão de *Arguição Pública da Dissertação* "CULTURAS ALTERNATIVAS E A PRODUÇÃO AMADORA EM MEDIATIZAÇÃO: Entre ascensões e declínios" apresentada pela aluna **Luisa Schenato Staldoni**, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, nível Mestrado, à Comissão Examinadora constituída pelos professores Luis Mauro Sá Martino (Cáspero Libero), Jairo Getúlio Ferreira (UNISINOS) e Ana Paula da Rosa (Orientadora). Desenvolvidos os trabalhos nos termos do Regimento Interno, Capítulo VI e registrados os resultados nas Planilhas de Avaliação, a Comissão atribuiu à aluna, o grau 10,0. A emissão do Diploma está condicionada à entrega da versão final da Dissertação.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Luis Mauro Sá Martino

Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira

Prof.ª. Dra. Ana Paula da Rosa (Orientadora)



## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente e profundamente à minha orientadora Ana Paula da Rosa pelo carinho, dedicação e apoio. Sem você este trabalho não seria possível.

A todos os professores do PPG de Comunicação da Unisinos, pelas críticas, sugestões e pelo aporte teórico que me permitiu construir este texto. Especialmente aos professores Jairo Ferreira e José Luiz Braga pelos valiosos ensinamentos nos meus anos como bolsista de iniciação científica. Certamente esta dissertação é, também, resultado desse aprendizado e do estímulo de vocês para que eu entrasse na pós-graduação.

A todos os colegas do mestrado, em especial Bruno Vinhola, Cintia Miguel, Milton Martins e Marcelo Salcedo Gomes por dividirem as alegrias e angústias desse período, pelo companheirismo e sugestões.

Aos meus pais, Adelaide e Luiz, por apoiarem e estimularem minhas escolhas. À minha madrinha Ângela Schenatto pelo cuidadoso e dedicado trabalho de revisão deste texto e à minha prima Carolina Schenatto pela inspiração compartilhada durante nossas conversas.

Ao meu namorado Fernando Candioli por “segurar a barra” comigo, sempre ao meu lado em todos os momentos mais difíceis. E aos amigos Max Proença, Ricardo Alexandre, Giovane Miranda, Pedro Hoffmann, Ícaro Maciel e Juliana Nichele por todo apoio e compreensão nos meus momentos de ausência. À amiga Amanda Borges pela tradução do resumo desta dissertação.

Ao fim, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq pela valorização dos pesquisadores brasileiros demonstrada pelos benefícios a nós concedidos.

## RESUMO

Esta pesquisa é um estudo de duas *culturas alternativas*: *heavy metal* e *veganismo*. Nossa proposta é analisar os processos de interação (entre indivíduos) e a circulação comunicacional derivada nessas culturas na perspectiva intra e intermediática (FERREIRA, 2007; 2013 e ROSA; 2012), sob a ótica dos conceitos de sociedade em rede (CASTELLS, 2002) e dispositivo midiático (BRAGA, 2015 e FERREIRA, 2006; 2015), a fim de entender como se constitui o processo de midiatização nesses espaços. Para a observação empírica selecionamos o site Whiplash, que veicula matérias sobre *heavy metal* e seus subgêneros, e o Portal Vista-se, que produz conteúdo sobre *veganismo*. Em ambos identificamos agrupamentos e lógicas que conceituamos como *confraria de amadores* (FLICHY, 2010). A partir disso, a pergunta de base deste trabalho é: **Nos casos específicos (Whiplash e Vista-se), que lógicas são acionadas na circulação intramediática e intermediática para a constituição de culturas alternativas?** Com base nessa problematização, constituímos nosso caso de pesquisa, elaborando análises individuais para cada um desses objetos, observando usos e apropriações midiáticas realizadas pelos atores sociais inscritos nesses espaços, construindo, deste modo, um episódio analítico. Por fim, cruzamos estes dados em um texto de reflexão transversal, que nos permitiu entender, para além dos casos específicos, como está acontecendo o processo de midiatização dessas culturas alternativas e como este cenário complexifica não só as relações, mas a própria cultura.

**Palavras-chave:** Midiatização. Dispositivos. Circulação. *Heavy Metal*. *Veganismo*.

## ABSTRACT

This research is a study of two *alternative cultures: heavy metal and veganism*. Our proposal is to analyze the interaction (among individuals) and communicational circulation processes derived in these cultures in the intramediatic and intermediatic perspective (FERREIRA, 2007: 2013) and (ROSA, 2012), under the scrutiny of network society (CASTELLS, 2002) and mediatic devices (BRAGA, 2015 e FERREIRA, 2006; 2015) concepts, in order to understand how the mediatization processes occur in these spaces. To the empiric observation, we selected the site Whiplash that issues reports on *heavy metal* and its subgenres, and the site “Vista-se”, which produces content about *veganism*. On both we identified groupings and logics which we named “Confraria de Amadores” (Amateur Confraternity) (FLICHY, 2010). From that, the main question for this research is: **In these specific cases (Whiplash and Vista-se), what reasoning is activates at the intramediatic and intermediatic circulations for the construction of alternatives cultures?** Based on this problematization, we constituted our research case, elaborating individual analysis for each of these objects, observing the use and mediatic appropriation carried out by the social actors subscribed in this objects, building, thus, an analytical episode. Finally, the data were crossed in a transversal analytical text allowing, thus, the understanding beyond the specific cases how the mediatization processes of these alternative cultures are occurring and how this scenario, complexifies, not just the relations, but the culture itself.

**Key-words:** Mediatization. Devices. Circulation. *Heavy Metal*. *Veganism*.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Homepage do Whiplash.....	41
Figura 2 - Cabeçalho do Whiplash .....	42
Figura 3 - Sessões do Whiplash.....	42
Figura 4 - Caixa de comentários do Whiplash até 2011 .....	45
Figura 5 - Fóruns do Whiplash até 2011 .....	45
Figura 6 - Caixa de comentários do Whiplash atualmente.....	46
Figura 7– Folheto de Divulgação da <i>Vegetarian Society</i> .....	50
Figura 8 – Produção Industrial de Ovos .....	54
Figura 9 – Criação Industrial de Porcos .....	54
Figura 10 – Esteira Móvel em Abatedouro .....	55
Figura 11 – Anúncio Banido por Machismo .....	58
Figura 12 – Logo Original da ALF.....	60
Figura 13 – Variação Antifa do Logo da ALF .....	60
Figura 14 – Resgate de Coelhos em São Paulo/Maio de 2015 – Invasão .....	62
Figura 15 – Resgate de Coelhos em São Paulo/Maio de 2015 – Resgate .....	63
Figura 16 – Resgate de Coelhos em São Paulo/Maio de 2015 – Animais para Adoção .....	63
Figura 17 – Slogan do Santuário Australiano Edgar’s Mission .....	64
Figura 18 – Capa do <i>Facebook</i> do Santuário Australiano Edgar’s Mission .....	65
Figura 19 – Flyer do Santuário Canadense Happily Ever Esther Farm Sanctuary.....	65
Figura 20 - Homepage do Portal Vista-se .....	67
Figura 21 - Comunidade Vista-se.....	68
Figura 22 - Cabeçalho do Portal Vista-se.....	69
Figura 23 - Sessões do Portal Vista-se .....	69
Figura 24 - Caixa de Comentários no Portal Vista-se .....	70
Figura 25 Caixa de Comentários no Página de <i>Facebook</i> do Vista-se.....	71
Figura 26 – <i>Hotsite</i> Eu Quero Churrasco .....	72
Figura 27– <i>Hotsite</i> Me Faça Voltar a Comer Carne.....	73
Figura 28 – Desenho Inicial da Pesquisa.....	77
Figura 29 - Matéria do G1 sobre shows no Rock In Rio.....	115
Figura 30 – Diagrama do Whiplash Fase 1 - Dispositivo.....	126
Figura 31 – Diagrama do Whiplash Fase 2 - Dispositivo em Declínio.....	126
Figura 32 – Matéria Inicial do G1 .....	128

Figura 33 – Primeiro Grupo de Ativistas no Local do Acidente.....	129
Figura 34 – Ativistas Pedem Ajuda.....	129
Figura 35 – Cobertura ao vivo do Vista-se.....	130
Figura 36 – Campanha de Financiamento Coletivo .....	131
Figura 37 - Nota sobre a matéria do Domingo Espetacular .....	132
Figura 38– Matéria sobre o veganismo da Beyoncé.....	134
Figura 39 – Matéria sobre comentário feito pelo Dado Dolabella .....	135
Figura 40 – Diagrama do Vista-se.....	139

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1- Formação original da banda Black Sabbath (1971) .....	18
Fotografia 2 – Led Zeppelin (1971) .....	19
Fotografia 3 – Deep Purple (1970).....	19
Fotografia 4 - Iron Maiden (1983).....	26
Fotografia 5 - Judas Priest (1981).....	26
Fotografia 6 - King Diamond em apresentação ao vivo (1988) .....	27
Fotografia 7 - Van Halen (1984) .....	28
Fotografia 8 - Motörhead (1983).....	28
Fotografia 9- Megadeth (1990).....	29
Fotografia 10- Arch Enemy (2005) .....	30
Fotografia 11- HammerFall (2000) .....	31
Fotografia 12 – My Dying Bride (2003) .....	31
Fotografia 13- Poison (1986).....	32
Fotografia 14- Dream Theater (2013) .....	33
Fotografia 15- Behemoth (2008) .....	34
Fotografia 16 - Linkin Park (2005) .....	35
Fotografia 17 - Nightwish (2004).....	36
Fotografia 18- Steelwing (2014) .....	36

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2 DA CONSTITUIÇÃO DO CASO ÀS INFERÊNCIAS PRELIMINARES</b> .....	<b>17</b>
2.1 HISTÓRICO DO <i>HEAVY METAL</i> .....	17
2.1.1 Subgêneros – Nossas Perspectivas .....	25
2.1.2 História do <i>Heavy Metal</i> no Brasil .....	37
2.1.3 A Comunidade <i>Heavy Metal</i> .....	38
2.2 DESCRIÇÃO DO DISPOSITIVO – WHIPLASH .....	40
2.3 HISTÓRICO DO <i>VEGANISMO</i> .....	47
2.3.1 Origens.....	47
2.3.2 Enfim, o <i>Veganismo</i> .....	52
2.3.3 <i>Veganismo</i> Abolicionista .....	55
2.3.3.1 Táticas e Grupos Ativistas.....	57
2.4 DESCRIÇÃO DO DISPOSITIVO – VISTA-SE .....	66
2.5 INFERÊNCIAS PRELIMINARES .....	74
<b>3 CONTEXTO DE REFLEXÕES TEÓRICAS</b> .....	<b>78</b>
3.1 REFLEXÕES CONCORRENTES.....	78
3.1.1 Comunidades Virtuais?.....	80
3.1.2 Os Amadores e a Cultura da Participação.....	86
3.1.3 Perspectivas em Tensionamento .....	89
3.2 REFLEXÕES REFERENCIAIS .....	91
3.2.1 Da Sociedade dos Meios a Mídiação .....	92
3.2.2 A Mídiação do <i>Habitus</i> .....	96
3.2.3 Circulação .....	97
3.2.4 Dispositivos Mídiaicos.....	100
3.2.5 Usos e Apropriações .....	102
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>104</b>
4.1 DEFINIÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	107
4.2 TÁTICA DE ABORDAGEM DO <i>CORPUS</i> .....	110
<b>5 CONSTITUIÇÃO DE CULTURAS ALTERNATIVAS EM PROCESSOS DE MÍDIATIZAÇÃO</b> .....	<b>112</b>
5.1 ANÁLISE DO WHIPLASH E O EPISÓDIO DO ROCK IN RIO 2015 .....	113
5.1.1 “Nós” contra “eles” – Aspectos Comunitários em Jogo.....	114

5.1.1.1 Para além do Episódio Comunicacional.....	117
<b>5.1.2 Dispositivo em Declínio .....</b>	<b>121</b>
5.2 VISTA-SE E O EPISÓDIO DAS PORCAS DO RODOANEL.....	127
<b>5.2.1 Inferências Sobre o Episódio .....</b>	<b>135</b>
5.3 ANÁLISES TRANSVERSAIS .....	140
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>144</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>147</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Com o acelerado processo de midiatização da sociedade, percebemos, especialmente na internet, a expansão dos mais diversos movimentos sociais e culturas alternativas, os discursos feministas, LGBTs, veganos, artísticos fora dos espaços *mainstream*, tem ganhado força e se reverberado mais facilmente pelo tecido social. Mas, ao mesmo tempo em que a midiatização contribui ou facilita a circulação desses conteúdos, coloca-os em choque e gera disputa entre grupos, por vezes antagônicos. Entendemos que, ao investigar e problematizar estes espaços, onde encontram-se tensionamentos e construções de campos polêmicos, seremos capazes de compreender melhor a problemática da midiatização na atualidade.

Diante disso, essa pesquisa é um estudo dos processos de interação (entre indivíduos) e circulação (comunicacional), em ambientes que chamamos de *comunidades alternativas*; alternativo aqui se refere a cultura de massa. Para tal, selecionamos dois dispositivos distintos entre si: o Whiplash, um site construído de forma colaborativa para vincular materiais sobre *heavy metal* e o Portal Vista-se, criado por um publicitário com o objetivo de divulgação do *veganismo*. Como elementos que conectam esses dois objetos identificamos: ambos são difundidos através da internet; são elaborados fora de uma lógica econômica tradicional (não são profissionalizados); reúnem pessoas que interagem nesses espaços, funcionando como uma espécie de comunidade.

Os objetos foram selecionados essencialmente porque refletem um fenômeno da midiatização e da cultura percebido como relevante para esse campo de estudo, ainda que sejam do meu gosto e envolvimento pessoal essas *culturas alternativas*. Em seguida, partimos da premissa de que, no processo de midiatização, o campo comunicacional tem se desenvolvido como central no tecido social, constituindo seu próprio modo de “falar”. Entendemos que ele se expande e é apropriado por outros campos sociais. A religião, a ciência, a política, entre outros, utilizam-se do campo das mídias e são afetados por suas lógicas de funcionamento (Braga, 2007). Além disso, a midiatização possibilita o surgimento de novos dispositivos interacionais e sociotécnicos que constituem práticas e formas de articulações sociais essencialmente novas, facilitando a apropriação midiática por parte, do que chamamos nessa pesquisa, de *culturas alternativas*.

Por conseguinte, acreditamos ser relevante atentar para o estudo dessas culturas, pois aparentemente as ações/práticas comunicacionais desses grupos se demonstram potencializadas pelo processo de midiatização.

Assim, essa pesquisa é resultado da combinação entre meu interesse particular em estudar *culturas alternativas*, alinhado com as discussões desenvolvidas na Linha de Pesquisa 4 - Mídiação e Processos Sociais (na qual me inscrevo).

Nosso esforço é voltado para observar como se configuram, no âmbito da internet, essas duas *culturas alternativas*, bem como, que afetações o processo de mídiação da sociedade causa nelas. Dessa forma, delimitamos a pergunta central da pesquisa: **Nos casos específicos (Whiplash e Vista-se), que lógicas são acionadas na circulação inter e intramidiática para a constituição de culturas alternativas?**

Definimos também algumas questões adjacentes que norteiam o desenvolvimento da pesquisa. As questões podem ser agrupadas em torno de três eixos:

a) processos de comunicação midiaticizados:

Como os objetos são tensionados ou não nos meios massivos? Que tipos de discursos são vinculados sobre os mesmos?

b) processos sociais em jogo:

Como essas duas *comunidades de sentidos/tribos* incidem sobre a cultura de massa? Como o *heavy metal* atravessou? E como o *veganismo* se apresenta?

c) espaços-dispositivos criados para isso:

Como essas *confrarias de amadores* se configuram nos dispositivos sociais? De que forma co-produzem e/ou disseminam o sentido social? Que indícios essa configuração de espaços amadores pode fornecer sobre o processo de mídiação da sociedade?

Nossa pesquisa se insere no campo comunicacional, concentrando-se em extrair de episódios comunicacionais empíricos inferências acerca de como está acontecendo o processo de mídiação e como este está afetando os campos sociais. Fazemos isso através da observação e análise das práticas, apropriações e usos das lógicas comunicacionais, por parte dos atores sociais, para interagir dentro dos espaços selecionados (comunicação intramidiática ou dentro do dispositivo) e fora dos espaços selecionados (evidenciando o fluxo da circulação - intermediática). (FERREIRA, 2013).

Nosso objetivo geral é investigar como as *culturas alternativas* incidem sobre a sociedade mesmo quando se configuram ou são regidas por lógicas de amadores. Para isso,

será realizada a observação dos empíricos, constituídos em objetos de pesquisa, afim de compreender o modo como diferentes objetos se inscrevem na circulação, logo, na mediação.

Avançando adequadamente na compreensão da relação entre a mediação e os objetos e o que, esta relação, está transformando nos casos específicos, teremos pequenos fragmentos sobre o processo de mediação. Esses fragmentos poderão fornecer novas inferências, capazes de ultrapassar os casos específicos, incidindo sobre o macro dos processos de mediação da sociedade, contribuindo assim, com o campo comunicacional.

A exposição inicial do texto refere-se à apresentação da pesquisa, descrevendo o tema, os objetivos e a problematização.

No capítulo 2 – Da Constituição do Caso Às Inferências Preliminares - delimitamos o caso da pesquisa dividindo-o em contextualização sobre o *veganismo* e o *heavy metal*, ambas as culturas centrais do trabalho, para posterior constituição do caso na delimitação do campo de observação e inferências preliminares.

No capítulo 3 - Contexto de Reflexões Teóricas - tratamos das bases teóricas que auxiliaram na construção da pesquisa e entendimento dos objetos empíricos. Este capítulo foi dividido em duas partes: contexto de reflexões concorrentes - que aciona conceitos fora dos estudos de mediação, como comunidade de sentido, sociedade em rede e amadores – e contexto de reflexões referenciais – que traz as elaborações teóricas referentes aos estudos de mediação, dispositivo mediático e circulação.

O capítulo 4 – Percurso Metodológico - aborda os procedimentos metodológicos que orientaram a construção da pesquisa. Descreve detalhadamente os métodos de seleção, coleta e análise do *corpus*, enfatizando uma articulação constante entre a teoria e a prática de pesquisa.

O capítulo 5 - Constituição de Culturas Alternativas em Processos de Mediação – foi dividido em duas partes. Num primeiro momento, produzimos as análises e inferências acerca dos dois objetos empíricos, Whiplash e Vista-se. No segundo momento, trazemos as transversalidades encontradas entre os dois objetos e as inferências mais amplas sobre o processo de mediação de culturas alternativas, retomando nosso problema de pesquisa.

As Considerações Finais – apresentam, de forma sistematizada, inferências centrais sobre a constituição e o funcionamento do processo de mediação de culturas alternativas retomando as perspectivas iniciais da pesquisa e abrindo caminho para novas visadas ou angulações de trabalho.



## 2 DA CONSTITUIÇÃO DO CASO ÀS INFERÊNCIAS PRELIMINARES

O caso desta pesquisa versa sobre a internet e o processo de midiaticização da sociedade. Entendemos que estes aspectos favorecem o ativismo e a disseminação de *culturas/comunidades alternativas* em busca de algum tipo de representação midiática e social.

Neste item, elaboramos a descrição – voltada para as questões da pesquisa – dos dispositivos específicos que são estudados (Whiplash e Vista-se) demarcando nosso campo observacional, bem como, o contexto mais amplo no qual estão inseridos (*heavy metal* e *veganismo*). E, a partir daí, delimitamos lógicas e padrões que parecem relevantes para o desenvolvimento deste trabalho.

### 2.1 HISTÓRICO DO *HEAVY METAL*

O *heavy metal*<sup>1</sup> começou a se configurar entre os jovens - principalmente homens - filhos de operários que viviam em violentos subúrbios industriais ingleses, no final dos anos 60. Esses jovens frustrados com sua condição social e econômica começaram a incorporar elementos de “revolta” do *rock* mais tradicional e da geração *hippie* com os acordes melancólicos do *blues*. Acrescentando letras que retratavam as angústias e os medos desse grupo social e temas considerados *tabus*: como sexo, drogas e ocultismo. Gerando assim uma música mais agressiva, rápida e obscura do que tudo que já havia sido feito até então, com guitarras mais distorcidas, bateria mais rápida e grave, vocal agudo e operístico, e um baixo pesado que marcava bem o ritmo.

Um dos grandes símbolos de identificação desse gênero são os “chifres” feitos com as mãos. Esse sinal foi introduzido na cultura do *heavy metal* pelo segundo vocalista do Black Sabbath, Ronnie James Dio. Em algumas tradições pagãs esse gesto é usado, por vezes para “espantar” os maus espíritos e outras para “amaldiçoar” os que desejam fazer algum mal. (WEINSTEIN, 2000).

O *metal* não possui um tipo de dança como outros gêneros de música popular. Ao invés disso, tem toda uma gama de gestuais e movimentos que são utilizados nos shows. Tanto fãs quanto músicos praticam nos shows: o *headbanging* (que dá origem ao termo

---

<sup>1</sup> O resgate histórico apresentado nesse capítulo foi construído através do meu conhecimento prévio a cerca do tema em conjunto com a compilação de informações dos livros: *Heavy Metal: The Music and its Culture* (2000) de Deena Weinstein, *Trevas Sobre a Luz - O Underground do Heavy Metal Extremo No Brasil* (2010) de Leonardo Carbonieri Campoy. O artigo *A História do Heavy Metal no Brasil*, publicado por Ricardo Batalha, em 2013, no site *Heavy Metal Nacional*.

headbanger), que é balançar a cabeça de acordo com o ritmo da música e um impulso com o braço que é um sinal de aprovação pelo que está sendo executado, também feito no ritmo da música. Esse gesto é feito com o punho cerrado.

Outros comportamentos comuns em shows são o *stagediving*, *crowdsurfing* e *mosh pit*. *Stagediving* é quando um músico ou fã “mergulha” de cima do palco sobre a plateia. *Crowdsurfing* é o ato de ser “levado”, de “sufar” por cima da plateia, onde todos vão direcionando a pessoa com as mãos sobre as próprias cabeças. E o *mosh pit* é uma espécie de briga caótica na qual, pessoas fazem uma roda e empurram umas as outras, porém, não tem um apelo direto à agressão física, parece mais com uma forma de extravasar a raiva. (WEINSTEIN, 2000).

As bandas inglesas Black Sabbath (1968 – atualmente), Led Zeppelin (1968 – 1980) e Deep Purple (1968 – atualmente) são consideradas os pilares do *heavy metal*, cada uma introduzindo novos elementos, tanto estéticos quanto musicais, os quais serviram de influência para as gerações posteriores. Como as roupas pretas, o couro, o ocultismo, os cabelos compridos e os solos de guitarra.

Fotografia 1- Formação original da banda Black Sabbath (1971)



Fonte: Site pessoal de Tony Iommi<sup>2</sup>

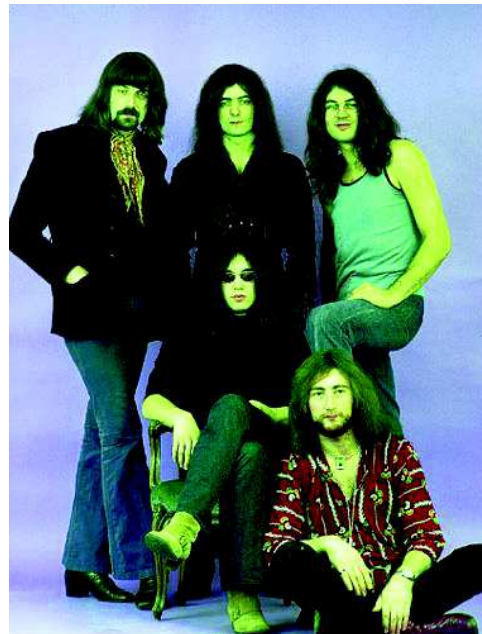
---

<sup>2</sup> Disponível em <<http://www.iommi.com/wp-content/uploads/2014/05/sabbath.jpg>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

Fotografia 2 – Led Zeppelin (1971)

Fonte: SomSemPlugs<sup>3</sup>

Fotografia 3 – Deep Purple (1970)

Fonte: The High Way Star<sup>4</sup>

Essa cena musical inglesa rompeu estética e sonoramente com o passado do *rock* e do *blues* mais clássicos, diferenciando o novo estilo daquele praticado pelas das bandas já estabelecidas, como Rolling Stones ou Genesis. Deep Purple, Led Zeppelin e Black Sabbath experimentaram a fusão entre *rock* e *blues* resultando em harmonias, ritmos e melodias mais

---

<sup>3</sup> Disponível em <<http://www.somsemplugs.com.br/wp-content/uploads/2014/07/led.jpg>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

<sup>4</sup> Disponível em <<http://www.thehighwaystar.com/specials/zill/pix/1971mark2.jpg>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

rápidas, extremas e experimentalistas. Eles tocavam mais rápido, mais pesado e mais alto do que os outros.

A expressão *heavy metal* surge pela primeira vez no cenário musical, com a música *Born to be Wild*<sup>5</sup>, da banda Steppenwolf em 1968 - *I like smoke and lightning, heavy metal thunder, Racing with the Wind, And the feeling that I'm under*. Foi também uma referência literária retirada do romance de 1964, *Nova Express*, de William S. Burroughs. O crítico musical Lester Bangs utilizou o personagem Uranium Willy, conhecido como “garoto do metal pesado” para fazer uma analogia com a banda Black Sabbath em suas críticas. Assim, a expressão se tornou definitivamente vinculada ao estilo. (WEINSTEIN, 2000).

O *heavy metal* se consolida, em termos de aceitação da indústria fonográfica, a partir de 1971, quando o Black Sabbath chega ao topo da *Billboard*<sup>6</sup>, com o *single Paranoid* do álbum homônimo. Isso ocorre no mesmo momento histórico em que toda a geração do *rock flowerpower*<sup>7</sup> estava chegando ao fim juntamente com o movimento *hippie*. Quando os Beatles se separam seguindo direções contrárias, quando Jimi Hendrix, Jim Morrison e Janis Joplin morrem de overdose, levando junto deles toda a ideologia pacífica dos anos 60.

Então uma nova ideologia surge no *rock*. Aliando peso e agressividade, criada em um ambiente decadente, violento e industrial, pelas mãos desses jovens músicos. Isso rapidamente agregou outros jovens que se identificavam, iniciando a comunidade dos *headbangers*. Os primeiros fãs surgem na mesma área geográfica, mas logo, o movimento ganha outros adeptos, adolescentes “revoltados” das classes operárias, mundo afora.

Desde o início, o *heavy metal* se tornou um dos únicos gêneros musicais que se subdivide em diversos outros gêneros com sonoridades, vestimentas e temas líricos que podem ser essencialmente diferentes entre si. Assim, é interessante situar que subgêneros são esses.

O documentário *Metal: a headbanger's journey* (2005), dirigido pelo antropólogo canadense Sam Dunn, traz um histórico revisado do gênero através de uma abordagem antropológica do estilo. Nessa obra, Dunn cria classificações mais detalhadas e bem definidas para os subgêneros do *heavy metal*, resultando em uma “árvore genealógica” do *metal*. Mostrando 24 subgêneros que surgiram ao longo do tempo, enquanto busca listar os principais exemplos de bandas que se enquadram em cada categoria.

<sup>5</sup> A música fala sobre viajar de motocicleta livre, sem regras e sem compromissos. Foi trilha sonora do filme *Easy Rider* (Sem Destino, no Brasil) de 1969. Conta a história de dois jovens atravessando os EUA de motocicleta.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.allmusic.com/artist/black-sabbath-mn0000771438/awards>.

<sup>7</sup> Slogan usado pelos hippies dos anos 60 até o começo dos anos 70 como um símbolo da ideologia da não violência.

Segundo Dunn os subgêneros são:

- **Early metal (1966–1971)** - Exemplos de bandas: Cream, Jimi Hendrix, Blue Cheer, Deep Purple, Led Zeppelin, MC5, Mountain, The Stooges, Black Sabbath.
- **Original hard rock (1974–1979)** - Exemplos de bandas: Thin Lizzy, Blue Öyster Cult, Aerosmith, AC/DC, Ted Nugent.
- **Shock Rock (1968–1983)** - Exemplos de bandas: Arthur Brown, Alice Cooper, New York Dolls, Kiss, Ozzy Osbourne, W.A.S.P.
- **Early punk (1976–1979)** - Exemplos de bandas: The Ramones, The Damned, Sex Pistols, The Clash, The Dead Boys.
- **Power metal (1976–presente)** - Exemplos de bandas: Scorpions, Judas Priest, Rainbow, Accept, Manowar, Dio, Yngwie J. Malmsteen, Helloween, Blind Guardian, HammerFall, Primal Fear.
- **New Wave of British Heavy Metal (1979–1983)** - Exemplos de bandas: Motörhead, Saxon, Iron Maiden, Angel Witch, Girlschool, Tygers of Pan Tang, Diamond Head.
- **Progressive metal (1970–presente)** - Exemplos de bandas: Uriah Heep, Rush, Queensrÿche, Savatage, Fates Warning, Voivod, Dream Theater, Meshuggah, Symphony X, Evergrey.
- **Glam metal (1973–1990)** - Exemplos de bandas: Slade, Sweet, Hanoi Rocks, Mötley Crüe, Twisted Sister, Poison, Cinderella, Skid Row.
- **Pop metal (1978–presente)** - Exemplos de bandas: Quiet Riot, Van Halen, Whitesnake, Def Leppard, Europe, Dokken, Lita Ford, Ratt; Guns N' Roses, Winger, Warrant, Doro, The Darkness.
- **Stoner metal (1982–presente)** - Exemplos de bandas: Witchfinder General, Trouble, Candlemass, Cathedral, Kyuss, Today Is the Day.
- **Original hardcore (1980–1986)** - Exemplos de bandas: Agnostic Front, D.O.A. , The Exploited, Bad Brains, Misfits, GBH, Discharge, Dead Kennedys, Minor Threat, Black Flag.

- **Thrash metal (1983–presente)** - Ejemplos de bandas: Metallica, Slayer, Anthrax, Megadeth, Exodus, Overkill, Kreator, Destruction, Sodom, Testament, Nuclear Assault, Death Angel, Pantera, Sepultura, Children of Bodom.
- **First wave of black metal (1981–1986)** - Ejemplos de bandas: Venom, Bathory, Mercyful Fate, Celtic Frost.
- **Norwegian black metal (1990–presente)** - Ejemplos de bandas: Mayhem, Darkthrone, Immortal, Gorgoroth, Emperor, Satyricon, Enslaved, Dimmu Borgir, Cradle of Filth.
- **Grindcore (1987–presente)** - Ejemplos de bandas: Napalm Death, Carcass, Repulsion, Exhumer, Extreme Noise Terror, Cephalic Carnage, Brutal Truth.
- **Death metal (1985–presente)** - Ejemplos de bandas: Possessed, Death, Morbid Angel, Obituary, Deicide, Cannibal Corpse, Immolation, Autopsy, Nile, Dying Fetus.
- **Death metal sueco (1990–presente)** - Ejemplos de bandas: Grave, Entombed, At the Gates, Unleashed, Dismember, Arch Enemy, Soilwork, In Flames, Dark Tranquillity, The Haunted.
- **Goth metal (1990–presente)** - Ejemplos de bandas: Paradise Lost, Tiamat, Therion, Type O Negative, My Dying Bride, Anathema, Theatre of Tragedy, Katatonia, Opeth.
- **Metalcore (1985–presente)** - Ejemplos de bandas: Corrosion of Conformity, Suicidal Tendencies, Dirty Rotten Imbeciles, Machine Head, Stormtroopers of Death, Hatebreed, The Dillinger Escape Plan.
- **Grunge (1988–1993)** - Ejemplos de bandas: Green River, The Melvins, Soundgarden, Mudhoney, Nirvana, Alice in Chains, Mother Love Bone, Stone Temple Pilots, Pearl Jam.
- **Industrial metal (1988–presente)** - Ejemplos de bandas: Ministry, White Zombie, Godflesh, Nine Inch Nails, Fear Factory, Marilyn Manson, Static-X, Rammstein.
- **Hard alternative (1985–presente)** - Ejemplos de bandas: Faith No More, Jane's Addiction, Prong, Living Colour, The Smashing Pumpkins, Rage Against the Machine.
- **Nu metal (1994–presente)** - Ejemplos de bandas: Biohazard, КoЯн, Slipknot, Limp Bizkit, Godsmack, Coal Chamber, System of a Down, Disturbed, Kittie.

- **New Wave of American Metal (2000–presente)** - Exemplos de bandas: Shadows Fall, Lamb of God, Darkest Hour, Chimaira, Killswitch Engage, Unearth; God Forbid.

Vale ressaltar que quase todas as classificações mostradas por ele, já haviam sido usadas antes. Trata-se, então, de uma sistematização, organizada segundo preferências do autor. Mas existem algumas controvérsias entre os especialistas do assunto.

Dunn, pelo caráter antropológico, tem a tendência de classificar alguns gêneros como o *black metal norueguês* e o *death metal sueco* de acordo com proximidades geográficas e outros, como *NWOBHM (New Wave of British Heavy Metal)* restritos a um local geográfico e também a determinado momento histórico.

No caso da *NWOBHM*, ele a classifica no mesmo estilo bandas com a sonoridade substancialmente diversa, apenas porque surgiram na Inglaterra no final dos anos 70 e início dos anos 80, como Iron Maiden e Motörhead. Enquanto uma banda tem características de *heavy metal tradicional* (melodias marcantes, vocais técnicos e agudos, duetos de guitarra), a outra tem uma sonoridade bastante calcada no *punk* (músicas simples, melodias retas com poucas variações de notas, vocal agressivo e pouco técnico) porém, com mais velocidade e peso.

As categorias *shock rock* e *death metal sueco* não são utilizadas, normalmente, entre os *headbangers*. No *shock rock*, Dunn engloba bandas com sonoridades realmente diversificadas. New York Dolls, por exemplo, tem um som muito mais “sujo” e *punk* do que qualquer fase da carreira solo de Ozzy Osbourne. O que ele identifica como elemento comum é apenas a identidade visual: roupas coloridas, por vezes femininas<sup>8</sup>, maquiagem e apresentações ao vivo, performáticas e teatrais. Porém, bandas como Mötley Crüe ou Poison possuem exatamente as mesmas características visuais dessas classificadas como *shock rock* e, no entanto, são classificadas como *glam metal*.

Já o citado *death metal sueco* abrange uma série de bandas com sonoridade mais pesada que tenham origem sueca, mesmo que muitas não possam ser enquadradas na classificação de *death metal* mais tradicional, o qual consiste em vocal gutural, andamento acelerado, bateria rápida com uso frequente da técnica *Blast Beat*<sup>9</sup> e letras sobre temas mórbidos (morte e violência). Arch Enemy, por exemplo, é normalmente classificado como *death metal melódico*, exatamente pelo fato de ser uma evolução do *death metal*,

---

<sup>8</sup> Considerando que a grande maioria dos músicos e dos fãs de metal naquela época (década de 70, 80 e início da década de 90) eram homens.

<sup>9</sup> Padrão rítmico da bateria, onde o músico faz uso de “baquetadas” na caixa e no chimbau em alta velocidade e alternadas, gerando o som semelhante ao de uma metralhadora atirando ou de uma britadeira em funcionamento.

ultrapassando algumas dessas características e inserindo elementos melódicos e cadenciados às suas músicas, além de letras que abordam questões como anarquismo, feminismo e direitos dos animais.

Além disso, Dunn exclui alguns subgêneros, como o *metal sinfônico* e o *metal neoclássico*. Classificações essas, frequentemente utilizadas por fãs e músicos, presentes nos diversos meios onde o *heavy metal* circula (catálogo de gravadoras, imprensa, blogs, sites e etc).

*Metal sinfônico* é uma tendência mais moderna (anos 2000) derivada das bandas de *power metal* e *goth metal*, possui elementos sinfônicos oriundos da música clássica e orquestral, normalmente utilizando um vocal feminino lírico. *Metal neoclássico* é geralmente tocado por guitarristas em carreira solo, conhecidos pela técnica apurada e complexa. Utilizam escalas de música clássica e técnicas desse estilo adaptadas a guitarra como *arpejos* e *tapping*. Muitas dessas músicas são apenas instrumentais.

Assim, percebemos que algumas das classificações utilizadas por Dunn parecem ser subjetivas e confusas, pois ele não demonstra ter um método claro para classificar as bandas. Ora ele classifica de acordo com as questões geográficas, ora com a identidade visual e, por outras vezes, ele utiliza as classificações mais tradicionais e já conhecidas dos fãs.

Entendemos que, mais importante do que o espaço e o tempo, as características musicais, líricas e de vestuário são determinantes para definir os subgêneros, pois é assim que os fãs se identificam. E podem, como hipoteticamente mencionamos nesse trabalho, construir ou caracterizar uma comunidade de sentido.

Para melhor reelaboração dos conceitos de gêneros, mais alinhados com nossas perspectivas, vamos discorrer sobre classificações mais abrangentes do que as de Dunn e que são utilizadas com mais frequência pelos fãs para distinguir as bandas – o que pode ser observado empiricamente na imprensa especializada (incluindo o Whiplash), na divulgação de shows, nas resenhas e nos catálogos de gravadoras.

Essa reelaboração é necessária, pois encontramos uma lacuna bibliográfica nesse aspecto. Não existe uma obra que delimite essas classificações e seja aceita consensualmente. Diante disso, faremos um resgate e explanação dessas categorias através do que é observado no meu convívio com o objeto. Complementarmente, acrescentamos meu conhecimento como musicista, para propor uma delimitação dos subgêneros e suas características, incluindo uma descrição das questões técnicas de cada estilo. A explicitação dessas características se faz necessária, pois tem papel decisivo na forma como os participantes dessa cultura interagem entre si.



É importante frisar que acreditamos não existir definições exatas e permanentes para cada subgênero, pois muitos elementos são híbridos e muitas bandas produzem materiais que transitam entre estilos. Afinal, cada banda tem características particulares.

E ainda, os próprios subgêneros tem suas subclassificações, como é o caso do *power metal*, no qual encontramos: *power metal clássico*, *power metal melódico*, *extreme power metal*, *folk power metal*, *power metal progressivo*, *medieval power metal* e *thrash power metal*. Seria exaustivo e desnecessário discorrer sobre cada uma dessas subclassificações, pois elas são utilizadas (por alguns fãs) para diferenciar pequenos elementos entre bandas, que, via de regra, tem sonoridades semelhantes. Essas subclassificações ora versam sobre as letras e figurinos (*medieval power metal*), ora sobre a sonoridade em si (*thrash power metal*).

Por exemplo, HammerFall é chamado, por vezes, de *medieval power metal* quando se quer deixar claro que suas letras tratam, quase que exclusivamente, sobre batalhas, guerreiros, dragões e outros temas da fantasia medieval europeia. Já Iced Earth é enquadrado como *thrash power metal* por ter características sonoras mais pesadas em relação às outras bandas de *power metal*, especialmente a forma como é tocada a guitarra e a utilização, pelo vocalista, de técnicas que deixam o vocal mais agressivo.

### 2.1.1 Subgêneros – Nossas Perspectivas

Quase 10 anos após seu surgimento, o *heavy metal* estava estagnado. Então, no final dos anos 70 e início dos 80, surge a primeira onda de bandas pós Black Sabbath com o movimento *NWOBHM* (*New Wave of British Heavy Metal*), o qual buscava resgatar o *metal* em uma Inglaterra em plena ascensão do movimento *punk*, paralela a uma recessão econômica. Novamente a condição social dos músicos foi determinante para o estilo. Eles eram jovens proletários e desempregados, vivendo sob o governo conservador e controverso da primeira ministra Margaret Thatcher<sup>10</sup>. Bandas como Judas Priest e Iron Maiden, juntamente com Saxon lideraram o estilo e se tornaram “gigantes” do *heavy metal*. Eles retiraram elementos do *blues* e adicionaram mais peso e velocidade, como duetos de guitarra, vocais mais agudos - potentes gritos - e composições mais sofisticadas. Estes foram alguns dos elementos introduzidos nesse momento.

---

<sup>10</sup> Chamada de “A dama de ferro” ou “Iron Maiden”, esse apelido serviu de inspiração para o nome de uma das bandas expoentes da NWOBHM, o Iron Maiden. Além da referência a ministra a banda também faz referência ao instrumento de tortura medieval homônimo.

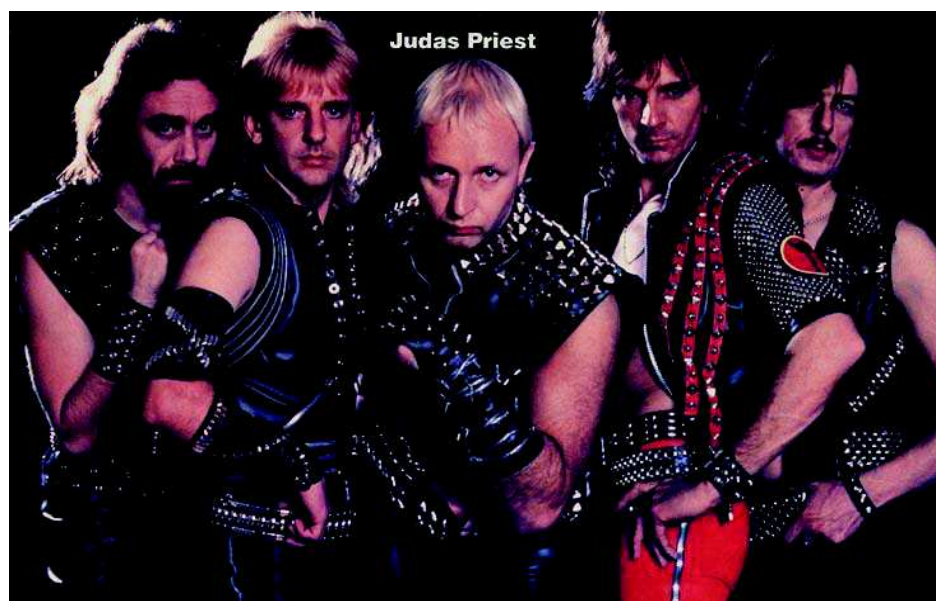
A temática das letras não teve muita alteração, mas essas bandas em específico abordam com frequência temas e personagens históricos. A sonoridade decorrente desse movimento é classificada atualmente como *heavy metal tradicional*.

Fotografia 4 - Iron Maiden (1983)



Fonte: Fórum - Pop Justice<sup>11</sup>

Fotografia 5 - Judas Priest (1981)



Fonte: Site - Taringa<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Disponível em < <http://www.popjustice.com/forum/threads/28021-Top-100-Best-Selling-Singles-Acts-Of-the-80s/page4>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

O vocalista dinamarquês King Diamond e sua primeira banda Mercyful Fate possuem uma sonoridade que pode ser considerada como *heavy metal tradicional*, porém acrescida de muitos elementos novos nos quesitos letra e performance. Seus álbuns são, em sua maioria, conceituais e narram histórias de terror inspiradas em escritores como Stephen King e HP Lovecraft, além de utilizar lendas. King é declaradamente praticante de magia e ocultismo e se considera um *satanista*<sup>13</sup>, fato que se tornou marca registrada. Assim como suas apresentações teatralizadas, com momentos no show em que ele interpreta partes das músicas contracenando com atores convidados.

Fotografia 6 - King Diamond em apresentação ao vivo (1988)



Fonte: Site - Public Collectors<sup>14</sup>

Ao mesmo tempo, nos Estados Unidos surgia uma safra de músicos que tocavam um *metal* mais acessível, mais comercial, com letras sobre amor, mulheres e diversão. Esta nova sonoridade, do ponto de vista técnico, conserva elementos das bandas tradicionais de *metal*, mas tem uma “pegada” mais *rock*’ *n* *roll*, com melodias mais simples e fáceis de memorizar. Esse é o chamado de primeira geração do *hard rock*, com bandas como Kiss, Van Halen, Whitesnake e Aerosmith.

---

<sup>12</sup> Disponível em <<http://www.taringa.net/posts/info/15315955/Clamando-Venganza--Judas-Priest-30-Aniversario.html>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

<sup>13</sup> Satanismo neste caso deve ser visto como uma doutrina mais filosófica do que religiosa, que prega a liberdade individual do ser humano, e principalmente confronta e nega os dogmas e ensinamentos cristãos e não como uma adoração à figura do diabo cristão.

<sup>14</sup> Disponível em <<http://www.publiccollectors.org/KingDiamondpage2.htm>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

Fotografia 7 - Van Halen (1984)



Fonte: Blog - Like The Spider<sup>15</sup>

O Mötörhead é uma banda inglesa contemporânea a essa primeira geração do *hard rock*, que se destaca por fusões com a crueza do *punk*: mais rápido e agressivo, menos melódico e embasado na filosofia do “faça você mesmo”. Esse estilo ficou conhecido como *speed metal*. Uma de suas características marcantes é a de ser geralmente tocado mais rápido, com músicas acima de 170 bpm<sup>16</sup>.

Fotografia 8 - Motörhead (1983)



Fonte: Blog – Heavy Rock Bootlegs<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://likethespider.com/?p=441>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

<sup>16</sup> Batidas por minuto, unidade de marcação de tempo na música.

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://bootlegsheavyrock.blogspot.com.br/2015/04/motorhead1982-03-18-glasgow.html>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

A tendência do *heavy metal*, ao se espalhar pelo mundo, foi criar uma série de cenas locais com características bem definidas. Em meados da década de 80, na cidade de São Francisco e arredores (Bay Area), surgiu o *thrash metal*. Em relação à sonoridade, assemelha-se ao *speed metal*, mas é mais complexo em termos técnicos. É uma música de protesto, feita por jovens provenientes de áreas carentes. Suas letras tematizam a crítica social através de metáforas sobre destruição e morte. Metallica, Slayer, Megadeth e Anthrax são os maiores representantes do gênero. O *thrash metal* possui também uma cena muito forte na Europa, principalmente na Alemanha, porém lá as músicas tendem a ser mais rápidas e com menos elementos cadenciados que o *thrash* da Bay Area.

Fotografia 9- Megadeth (1990)



Fonte: Site – Gallery Hip<sup>18</sup>

O *death metal* é uma versão mais radical e mais pesada do *thrash metal*, surge em meados dos anos 80, notadamente na Suécia, Brasil e EUA. Temas mórbidos são recorrentes nas letras, com características *niilistas*, tratando de violência, morte e muitas vezes, de questões filosóficas. Sua sonoridade é caracterizada por vocais guturais e linhas de bateria que utilizam da técnica chamada *blast beat*. Entre as grandes bandas do gênero podemos citar: Death, Sodom, Carcass e Cannibal Corpse. Atualmente, temos o gênero *death metal*

---

<sup>18</sup> Disponível em < <http://galleryhip.com/dave-mustaine-live-1990.html>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

*melódico*, que surgiu no final dos anos 90, acrescentando harmonizações melódicas e outras temáticas de letras ao *death metal*, como por exemplo, In Flames e Arch Enemy.

Fotografia 10- Arch Enemy (2005)



Fonte: Site - Pinterest<sup>19</sup>

Como uma resposta ao *death metal* surge o *power metal*, em meados dos anos 80, com bandas como Helloween e Gamma Ray. Ganha força novamente através de uma segunda onda de bandas em meados dos anos nos 90, quando o *heavy metal* como um todo estava em decadência.

Visualmente o *power metal* é uma releitura das roupas de couro, jeans e adereços de metal do *heavy metal tradicional*. Esse estilo é associado ao épico e a música erudita, é um dos primeiros subgêneros a utilizar teclados. A música é mais acelerada, vocais ainda mais agudos, a bateria usa *pedal duplo*<sup>20</sup> e possui refrões e melodias marcantes.

Os temas das letras geralmente tratam sobre fantasia, medievalismos, lendas e com forte influência literária, especialmente na obra de J.R.R. Tolkien. Existe também uma tendência a se escrever letras que abordam questões da vida cotidiana e questões filosóficas em um tom de autoajuda. Grupos como Blind Guardian, Stratovarius, Helloween, HammerFall e Angra são exemplos do gênero. O *metal neoclássico* surge em meio ao *power metal*.

<sup>19</sup> Disponível em < <https://www.pinterest.com/nekrotic/arch-enemy/>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

<sup>20</sup> Técnica utilizada por bateristas que possibilita a execução (no bumbo) de mais notas por segundo.

Fotografia 11- HammerFall (2000)



Fonte: Site – No Life Til Metal<sup>21</sup>

Paralelamente ao surgimento do *power metal* temos o *doom metal*. Gênero sombrio, com ritmo lento, músicas arrastadas com atmosfera de terror, predominância de escalas menores, afinação mais grave. As letras tratam de depressão, morte, medo e angústia. As bandas, muitas vezes, relacionam sua imagem com cemitérios e caveiras. São expoentes do subgênero: Candlemass, My Dying Bride e The Gathering.

Fotografia 12 – My Dying Bride (2003)



Fonte: Site – Naitim Mp3<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Disponível em < <http://www.nolifetilmetal.com/hammerfall.htm>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

<sup>22</sup> Disponível em < <http://www.naitimp3.ru/artist/32517/>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

Ainda nos anos 80, especificamente na cidade de Los Angeles, surge o subgênero *hard rock*. Esse foi o estilo mais veiculado nos grandes meios de comunicação - como a MTV. Os músicos desse gênero estavam entre as grandes estrelas da música mundial. Suas características sonoras e estéticas são muito semelhantes à primeira geração do *hard rock*.

Os músicos desse estilo se caracterizavam por uma aparência andrógena - integrantes usando roupas e maquiagem feminina. As bandas que mais “exageravam” nessas características foram apelidadas de *hair metal*<sup>23</sup> ou *glam metal*.

Grande parte de “mítica” criada em torno do termo *Rock Star* se consolidou através de comportamentos dos músicos desse estilo, como uso abusivo de drogas e escândalos sexuais. As bandas mais importantes no gênero são: Guns N’ Roses, Ratt, Mötley Crüe, Twisted Sister, Poison e Bon Jovi.

Fotografia 13- Poison (1986)



Fonte: Blog - Amoeba Music<sup>24</sup>

O *metal progressivo* – ou *prog metal* – surge no final dos anos 80 buscando uma alternativa menos comercial do que *hard rock*. Com a sonoridade semelhante ao *heavy metal tradicional*, se distingue pelo uso de melodias muito complexas, com linhas de tempo e compassos difíceis de executar, tais como os tempos ímpares. Os músicos desse estilo

<sup>23</sup> Termo pejorativo utilizado por fãs de outros subgêneros do *heavy metal* para enfatizar que esses músicos se preocupavam muito com as aparências e pouco com a música. No Brasil essas bandas também são chamadas, pejorativamente, de metal fãrofa.

<sup>24</sup> Disponível em < <http://www.amoeba.com/blog/tags/poison/page1.html>>. Acessado em 25 de maio de 2015.



geralmente possuem formação acadêmica em música e capacidade técnica apurada. As canções são mais longas do que o usual – muitas chegam aos 15 minutos ou mais e uma mesma música possui diversas atmosferas. Liricamente, em sua maioria, versam sobre temáticas mais filosóficas. O Dream Theater e o Symphony X são bandas expoentes no gênero.

Fotografia 14- Dream Theater (2013)



Fonte: Site - Nvivo<sup>25</sup>

Nos anos 90 o *metal* entra em evidente decadência comercial, quando as grandes emissoras, gravadoras e, principalmente, a MTV voltaram sua atenção para o crescente movimento *grunge*. Mesmo assim o estilo conservou uma base sólida de fãs.

Foi nesse momento que o *black metal* nasceu, mais especificamente na Noruega. Esse movimento rompe de forma radical com a estética, com a musicalidade e com a ideologia presente no *metal* de até então. O som novamente é mais pesado e mais rápido do que o de seus antecessores e os músicos tem fortes ligações com o satanismo. Em suas letras pregam uma redescoberta do passado histórico-religioso da Escandinávia - a cultura pagã *Viking* - com o fim de destruir o cristianismo.

A primeira onda de bandas de *black metal* ficou bastante restrita a um grupo específico de pessoas - todos os atores sociais dessa cena moravam nas mesmas cidades e em sua

<sup>25</sup> Disponível em < <http://www.nvivo.es/artistas/Dream+Theater>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

maioria eram amigos, vizinhos ou colegas de escola. Das bandas mais expressivas podemos destacar Burzum, Mayhem, Dark Throne, Behemoth e Gorgoroth.

Fotografia 15- Behemoth (2008)



Fonte: Site – Metal List<sup>26</sup>

Ainda no início dos anos 90 surge o *goth metal* ou *metal gótico*, uma evolução do *doom metal*, que incorpora elementos de música clássica, uso de teclados para criar atmosferas. As letras e vestimentas tem características do ultra-romantismo<sup>27</sup>. Paradise Lost; Tiamat; Therion e Anathema são exemplos de bandas.

Em meados dos anos 90 surge o *nu metal*<sup>28</sup>, um estilo híbrido que faz uma fusão entre o *metal* e outros gêneros, como *rap* e a música eletrônica. É sem dúvida o subgênero mais odiado e criticado pelos fãs de *metal* em geral, exatamente pelo caráter híbrido.

A música é geralmente mais pesada, alternando passagens calmas e melódicas, com uma cadência rítmica mais próxima do *rap*, principalmente nas características do vocal. O uso

<sup>26</sup> Disponível em < <http://www.metalist.co.il/InterviewPrivate.asp?id=256&lang=eng>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

<sup>27</sup> Movimento literário que aborda o amor e a morte de forma dramática e romanceada, através de uma visão “adolescente”, enfatizando o tédio, a desilusão, a solidão, o saudosismo e o egocentrismo.

<sup>28</sup> O termo original era *new metal* (metal novo), foi substituído pela abreviação *nu metal*, pois *new* e *nu* tem pronúncia parecida no inglês.

de guitarras sincopadas<sup>29</sup> é comum. Slipknot, Linkin Park e Evanescence são exemplos de *nu metal*. Atualmente esse é o estilo mais popular e vendável, pois é o mais aceito da grande mídia norte-americana.

Fotografia 16 - Linkin Park (2005)



Fonte: Site – Gallery Hip<sup>30</sup>

No início dos anos 2000, principalmente nos países da Europa, surge o *metal sinfônico*. Bandas como Nightwish, Therion, After Forever, Epica e Lacuna Coil possuem um visual inspirado em filmes e histórias sobre vampiros - maquiagem “carregada”, espartilhos pretos e trajes medievais. Sua sonoridade se aproxima muito da música clássica e do épico, outra característica marcante é que na maioria dessas bandas os vocais femininos, cantados num estilo lírico dividido com um vocal gutural masculino. Grandes bandas do estilo fizeram releituras de obras clássicas, como o Nightwish, com a música *Phanton Of The Opera*.

---

<sup>29</sup> Quando uma nota musical é executada com acentuação diferenciada, quebrando a lógica do compasso.

<sup>30</sup> Disponível em <<http://galleryhip.com/linkin-park-2001.html>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

Fotografia 17 - Nightwish (2004)

Fonte: Site – Gitare<sup>31</sup>

Nos últimos tempos, com a popularização da internet e dos downloads de MP3, inúmeras bandas surgem todos os dias, portanto é difícil identificar a criação massiva de cenas em torno do *metal*, entretanto pode-se notar um número crescente de bandas, no mundo todo, tentando resgatar a sonoridade do *heavy metal tradicional* dos 80. Esse movimento vem acontecendo desde meados dos anos 2000 e está sendo chamado de NWOTHM (*New Wave Of Traditional Heavy Metal*), mas ainda não está plenamente consolidado.

Fotografia 18- Steelwing (2014)

Fonte: Site – Deviant Art<sup>32</sup>

<sup>31</sup> Disponível em < <http://www.gitare.info/page.php?id=15825>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

### 2.1.2 História do *Heavy Metal* no Brasil

Especificamente no Brasil o *heavy metal* começa, de fato, a partir do Rock In Rio I, em 1985, objeto que será recuperado, posteriormente em nossas análises empíricas específicas. Grandes bandas do estilo, como Iron Maiden, Megadeth e Ozzy Osbourne tocaram no festival. Inclusive foi nessa ocasião que a expressão “*metaleiro*” surgiu. Durante as transmissões do Rock In Rio os repórteres da Globo usaram essa palavra para definir os fãs das bandas de *heavy metal*. Esse termo não é completamente aceito entre os fãs, muitos preferem *headbanger*. (BATALHA, 2013).

Com o estímulo causado pelo festival, somado ao enfraquecimento da ditadura militar, o primeiro grande movimento brasileiro dentro do *heavy metal*, ocorreu em São Paulo e Minas Gerais com uma série de bandas de *heavy metal*, *thrash* e *death metal*.

Nesse período, os fãs e músicos juntaram esforços para organizar festivais no Rio de Janeiro e em São Paulo no início da década de 80, revelando as bandas pioneiras do estilo, como: Made in Brazil, Harppia, Viper, Patrulha do Espaço, Salário Mínimo, Korzus e Vulcano. Culminando com o lançamento do LP do Stress, uma banda de Belém no Pará, que foi a primeira a lançar um álbum de *heavy metal* no Brasil (BATALHA, 2013). Nessa época as bandas de São Paulo e Rio tinham sonoridade e vestuário semelhante ao *heavy metal tradicional* (Iron Maiden, Accept), porém compunham em português e as letras tratavam de questões sociais.

As bandas Mutilator, Holocausto, Sepultura, Sarcófago e Dorsal Atlântica, formaram um sistema de gravação, divulgação e distribuição de forma independente, eficiente e forte, através da Cogumelo Records. A Cogumelo Records surge em 1980, em Belo Horizonte, como uma loja de discos e em 1985 se torna um selo independente, mantido pelos próprios músicos e apoiadores. Todo o processo de produção era cooperativo, as bandas ajudavam umas as outras em aspectos de criação e divulgação, tais como impressões, organização de shows, prensagem e venda de álbuns. (BATALHA, 2013).

A partir desse movimento, fãs e músicos passaram a se unir (em outras partes do país) para organizar shows independentes, criar pequenas gravadoras, trabalhar na venda de *merchandising* e escrever *fanzines*<sup>33</sup>. Existia um apelo muito grande pela união nas cenas locais e fortalecimento do *underground*, em relação ao *mainstream*, que perdura até a

---

<sup>32</sup> Disponível em < <http://timtronckoe.deviantart.com/art/Steelwing-2010-301412788>>. Acessado em 25 de maio de 2015.

<sup>33</sup> Abreviação de *fanatic magazine*, é uma revista mantida por fãs de determinada área.

atualidade. Isso cria uma tradição *underground* muito enraizada na cultura “metálica” brasileira, que não aceita muito bem a inscrição de bandas do gênero nos circuitos da cultura de massa.

Sepultura foi a única dessas bandas a se tornar realmente grande e construir uma carreira musical de sucesso, tanto no Brasil quanto no exterior, tornando-se uma das maiores bandas de *metal* do mundo. No documentário *Ruído Das Minas (The early history of the Brazilian Heavy Metal = 80s)* (2011), músicos de outras bandas acusam o Sepultura de “trair” o movimento depois de fazer sucesso, impedindo-os de também atingirem a notoriedade.

Do início dos anos 90 até os anos 2000, o Brasil teve uma leva enorme de bandas de *power metal*, com destaque para a banda Angra, que atingiu sucesso comercial, inclusive tocando em meios de comunicação mais tradicionais como o Programa do Jô. O Angra também é acusado de trair o movimento e de ser uma banda “montada” pelo dono da revista Roadie Crew. Evidenciando o paradoxo existente entre popularidade e se manter “fiel” as raízes.

Atualmente no Brasil ainda temos esse caráter dual, onde a maioria das bandas é *death/thrash metal* ou é *power metal*. Alguns nomes de destaque na atualidade: JackDevil, Nervosa, Shaaman, Hibria, Almah, Shadowside, Hangar e Violator.

### **2.1.3 A Comunidade *Heavy Metal***

As diversas cenas dentro do *heavy metal* se constituem na forma de uma comunidade alternativa, pois sempre se colocam à margem da sociedade como um todo. E tem uma forte tendência de protestar contra valores e instituições socialmente aceitas pela maioria, pregando uma forma de vida alternativa. A contribuição de mecanismos especializados como: imprensa, gravadoras, estúdios e *fanzines* é fundamental para manter e expandir essa comunidade.

Os fãs do *heavy metal* se unem através das características estéticas e ideais que definem um tipo de filosofia de vida. O que algumas dessas pessoas têm em comum é um nível, maior ou menor, de insatisfação com o “sistema” social e/ou econômico no qual estão inseridas. Ressaltamos que certamente nem todos os apreciadores do estilo compartilham desses ideais. Porém, para fins dessa pesquisa, consideramos que aqueles que estão inseridos na comunidade, são os que seguem as lógicas e regras da mesma.

O *heavy metal* e seus fãs devem ser entendidos como um processo comunitário bastante paradoxal, constituído a partir de um conceito global: o *heavy metal*, que se

reconfigura e se readapta em cenas geográfica e especificamente locais. Tem uma estrutura rígida, mas se desdobra em inúmeros subgêneros bastante distintos entre si; busca manter-se à margem dos grandes meios de comunicação, e ainda assim muitas bandas já circularam entre os grandes nomes da música mundial.

Outra característica essencial dessa comunidade alternativa é que ela nasce por meio de uma ruptura, inicialmente com o *rock* dos anos 60 e, ao longo de toda sua história, cada nova cena também representa uma ruptura em relação às antecessoras.

Toda vez que um certo estilo dentro do *heavy metal* se estabilizava, ou ele ficava estagnado e começava a morrer, ou se tornava mais comercial e, nesse processo, sempre surgiu, dentro da própria comunidade, uma nova ruptura gerando um novo estilo. Por exemplo, o *death metal* é uma resposta ao som comercial e “pop” do *glam* e *hard rock*. Já o *power metal* é a resposta à radicalização estética e sonora do *death metal*. Nos anos 90 o *power metal* foi uma tentativa de retomar o estilo “metálico” então decadente, por conta do *grunge*. E assim sucessivamente.

Existem inúmeras regras de identificação para “pertencer” à comunidade, primeiramente o gosto por *heavy metal*, em seguida o uso de determinados vestuários, cortes de cabelo, gestos e preferências literárias.

As fronteiras são definidas mais pelo o que o *heavy metal* não é, do que pelo o que ele é. E quando um estilo ou banda se distancia do que já foi feito, surge a necessidade de se criar outro subgênero em resposta ao desvio estabelecido.

A própria existência de tantos subgêneros é, ao mesmo tempo, um mecanismo de inclusão e exclusão, pois para fazer parte da comunidade é necessário ter conhecimento desses subgêneros e de suas lógicas e regras específicas.

Conforme a comunidade se constitui de grupos homogêneos e heterogêneos, paralelamente, vivencia uma relação dúbia entre a venda de discos, a popularização nos grandes meios e o manter-se “fiel” ao estilo. Parece que essas regras de identificação se tornam mais rígidas e excludentes. Não é à toa que existem termos, como *poser*<sup>34</sup> utilizado para definir pessoas que até podem apreciar algumas bandas de *heavy metal*, mas não são verdadeiros *headbangers*. Da mesma forma, os fãs de verdade são chamados de *true*<sup>35</sup> e é frequente a metáfora que retrata os fãs *true* como “guerreiros” que “lutam” pelo verdadeiro *heavy metal*.

---

<sup>34</sup> Uma pessoa que finge ser algo que ela não é. No Brasil também é utilizado o termo “metaleiro de final de semana” ou “metaleiro de butique”.

<sup>35</sup> Verdade; verdadeiro.

É importante frisar que esse contexto específico do *heavy metal* e muitas das características que o definem, moldam as lógicas de interação dos usuários do Whiplash e configuram as práticas de produção de conteúdo do site, por isso parece necessário explicitá-los.

## 2.2 DESCRIÇÃO DO DISPOSITIVO – WHIPLASH

O Whiplash (<http://whiplash.net>) é um site que veicula informações, comentários e debates sobre o gênero musical *heavy metal* e seus subgêneros. Foi criado em 1996, pelo engenheiro João Paulo Andrade, com sede física em São Luis, no Maranhão.

João Paulo afirma, em texto publicado no próprio site<sup>36</sup>, que se sentia insatisfeito com a forma como o jornalismo cultural tradicional tratava do *heavy metal*, julgando que as matérias eram “frias” e sem “paixão”. Ele considera que existe preconceito e falta de conhecimento por parte dos jornalistas para com o gênero. Então, decidiu criar um meio onde a música *heavy metal* fosse veiculada por pessoas que de fato gostassem do estilo e que pudessem demonstrar com clareza suas opiniões acerca disso.

Em entrevista<sup>37</sup>, João Paulo conta que o site iniciou com a tradução de um FAQ<sup>38</sup> da banda Iron Maiden. Logo em seguida pessoas com as quais ele mantinha laços através de IRC<sup>39</sup> (*Internet Relay Chat*) começaram a enviar materiais para o site. Durante três anos o veículo foi sustentado com conteúdo elaborado pelos membros desse chat, configurando-se como um dos primeiros sites colaborativos do Brasil. A partir de 1999, leitores em geral começaram a colaborar.

A filosofia do site, segundo o próprio João Paulo, é investir na comunidade que existe em torno do *heavy metal*, divulgando informações sobre bandas, artistas e jornalistas que se interessem pelo ramo, além de criar um espaço de encontro para os usuários que se identificam com esta comunidade.

O site se tornou, desde 2008, plenamente lucrativo e possui, em média, 300 mil acessos diários, sendo considerado o maior site brasileiro do gênero. O perfil do público do Whiplash é bastante homogêneo. Majoritariamente masculino, concentrado em São Paulo e

---

<sup>36</sup> Disponível em: <http://whiplash.net/materias/whiplash/000766.html>.

<sup>37</sup> Em entrevista para o blog <http://whiplashcredibilidade.blogspot.com.br/>, resultado de um trabalho sobre jornalismo e credibilidade feito por Camila Cunha e Isabela Sander, alunas de jornalismo da PUC-RS.

<sup>38</sup> Sigla de *Frequently Asked Questions*, ou seja, perguntas frequentes.

<sup>39</sup> É um protocolo de comunicação via internet, utilizado também como chat e fórum. É anterior a Web, surgiu em 1993.



principalmente composto de estudantes. Esses dados foram fornecidos pelo Google Analytics<sup>40</sup> e estão disponíveis no próprio site.

O Whiplash atualmente conta com a participação cerca de 100 colaboradores fixos que enviam diariamente notícias e matérias. Muitos desses colaboradores são jornalistas, mas a maioria é composta por profissionais ou estudantes de outras áreas que apenas se interessam por *heavy metal*.

Na página principal aparecem todas as notícias e matérias de destaque dos últimos cinco dias, além de anúncios publicitários diretamente relacionados com a música, tais como lojas de discos e casas de show.

Figura 1- Homepage do Whiplash

The screenshot shows the Whiplash website homepage. At the top, there is a navigation bar with links for 'QUEM SOMOS', 'ANUNCIAR', 'ENVIAR MATERIAL', and 'FALE CONOSCO'. Below this is a search bar and a row of social media icons (Facebook, Twitter, Google+, Email, WhatsApp). The main content area is divided into three columns. The left column features a large image of Bruce Dickinson with the headline 'Bruce Dickinson: foi difícil evitar as drogas durante tours'. Below this are several smaller news items with images and headlines, such as 'Hugo Mariutti Indignado com piada sobre a realidade da cena metal no Brasil' and 'Heavy Metal Hit Parader elege os 100 melhores vocalistas'. The middle column is titled 'Destques de 03 de maio' and lists various bands and their latest news, including Oasis, Metallica, Helloween, Paradise Lost, Hugo Mariutti, Mr. Catra & Os Templários, Hit Parader, Marilyn Manson, Pink Floyd, Megadeth, 30 Seconds to Mars, Iron Maiden, Zakk Wylde, and Ozzy Osbourne. The right column is titled 'Autores mais lidos' and lists the top 8 contributors with their names, access counts, and the number of articles they have written. At the bottom right, there are two advertisements: one for 'EXTREME' with the text '11/06: CURITIBA, TEATRO POSITIVO' and another for 'Rádio & TV Corsário'.

Ainda que a maior parte do conteúdo e dos visitantes esteja relacionada com o *heavy metal* e seus subgêneros, o site procura trabalhar com bandas de *rock*, em geral, e *punk*. Sua interface é dividida em três colunas. Na coluna da direita temos as notícias que são destaques. Na do meio uma lista de notícias separadas por dia e com a hora de publicação. Na coluna da esquerda temos o índice das matérias e, logo abaixo, a lista dos colaboradores mais lidos da última semana. No topo do site temos links para:

<sup>40</sup> O Google Analytics é um programa de análise e dados referentes a páginas da Web. Fornece diversas informações acerca dos usuários do site, como: quantidade de visitas, concentração geográfica das visitas e o tipo de plataforma que foi utilizado para acessar determinado site.

Figura 2 - Cabeçalho do Whiplash

QUEM SOMOS | ANUNCIAR | ENVIAR MATERIAL | FALE CONOSCO     

- **Quem Somos:** reúne uma série de perguntas e respostas elaboradas pelo próprio João Paulo sobre o funcionamento e sobre a história do Whiplash.
- **Anunciar:** valores e opções de compra de *banners* para anunciar no site.
- **Enviar Material:** link direto onde os usuários podem enviar materiais para o site. Também são disponibilizadas informações e regras sobre como colaborar.
- **Fale Conosco:** onde estão disponibilizadas as seguintes formas de contato: e-mail, telefone, endereço de uma caixa postal e um formulário de contato.
- **Facebook:** direciona para a página do *Facebook* do site.
- **Twitter:** Direciona para o perfil no *Twitter* do site.
- **Google+:** Direciona para o perfil no *Google+* do site.
- **RSS:** possibilidade de se inscrever para receber o *feed* e notícias do site por e-mail.
- **APPS:** download gratuito de aplicativos para poder acessar o site via Android e iPhone.

Logo abaixo há uma barra para buscas dentro do site. Na sequência, estão as sessões do site:

Figura 3 - Sessões do Whiplash



- **Principal:** volta para página inicial do site.
- **Novidades:** este item é subdividido por mês e dia, onde é possível acessar todas as notícias publicadas anteriormente.

- **Agenda:** datas de eventos e shows relacionados ao *heavy metal*. Este item se divide em bandas nacionais, bandas internacionais, festivais e bandas independentes. Também é possível fazer uma pesquisa por eventos em determinado estado. Qualquer usuário pode cadastrar um novo evento e em poucas horas o material já está disponível *online*.
- **CDs e DVDs:** lista de resenhas por ordem de lançamento, dos mais recentes aos mais antigos.
- **Shows:** lista de resenhas de shows, dos mais recentes aos mais antigos.
- **Bandas:** neste item é possível localizar bandas e artistas através de seus nomes.
- **Mapa do Site:** este item se divide em diversos outros tópicos. Primeiro temos matérias temáticas que tenham alguma relação com o *heavy metal*, como artigos sobre sexo, drogas, pirataria e satanismo. Também temos sessões com: colunas; biografias; curiosidades; datas de nascimento; data e causa de morte; citações; entrevistas; artigos de opinião; álbuns traduzidos; downloads de *wallpapers*; vídeos; galeria de fotos dos artistas; fotos de infância dos artistas; fotos de tatuagens enviadas por fãs; letras de músicas; cifras; tablaturas; finalizando com matérias de conteúdo humorístico.

Desde seu princípio, até dezembro de 2011, o Whiplash permitiu que usuários postassem comentários sobre cada matéria publicada. Quando havia comentários em duas ou mais matérias relacionadas com uma mesma banda ou artista, estes eram reunidos, por ordem de postagem, em um fórum específico da banda ou artista em questão. O site disponibilizava um fórum para cada banda, seção e tema.

Qualquer visitante, mesmo sem cadastro algum, poderia acessar o que foi postado nos fóruns. Até 300 comentários ficavam armazenados por tempo indeterminado em cada fórum.

Já para realizar uma postagem, o usuário precisava se cadastrar, criando um *login* e uma senha. Para tanto era necessário fornecer: nome completo, e-mail válido, cidade, estado, gênero, idade e profissão, além de assinar um termo de compromisso.

Até 2009, os comentários não tinham limite de caracteres. Depois desse ano passaram a ser limitados em até 1000 caracteres.

Ao lado de cada postagem aparecia o número de IP<sup>41</sup> do usuário. Isso era uma característica bastante peculiar da estrutura dos fóruns do Whiplash, pois esse número pode ser usado para encontrar fisicamente um determinado usuário. Além disso, o fato do IP se tornar público não estava especificado no termo de compromisso assinado ao se cadastrar no site. Mesmo assim, aparentemente, os usuários não questionavam esta prática e o site não respondeu nenhum processo por tornar esse dado público.

Devido ao fato da legislação brasileira ainda não possuir leis claras quanto à responsabilidade pelo que é publicado em fóruns ou comunidades virtuais, o Whiplash criou um sistema de moderação que atrasava a publicação das mensagens em cerca de oito horas. Todas as mensagens passavam por moderação e as que infringissem alguma lei, possuindo, por exemplo, conteúdo de cunho racista ou incentivo à pedofilia, eram barradas. Esse sistema de moderação parecia ser bastante eficiente em relação a essas questões legais, pois realmente não se encontravam mensagens incitando crimes.

Era comum encontrar postagens com ofensas diretas e pessoais à artistas, bandas, colaboradores, ao próprio Whiplash, e principalmente a outros *foristas*. Nesses casos, o sistema de moderação não barrava essas mensagens e quando alguém questionava essa liberação os moderadores respondiam para ignorar os *trolls*<sup>42</sup>. Frequentemente os moderadores respondiam aos questionamentos postados nos fóruns, principalmente quando se tratava de uma crítica feita diretamente ao site.

As outras formas de funcionamento desses fóruns parecem ter sido criadas ao longo do tempo pelo próprio processo de interação dos participantes. Dentre elas apontamos: na maioria das vezes a figura do *troll*, ou seja, usuário que busca gerar polêmica, conseguia fazê-lo, pois todos costumavam responder a esse tipo de ação interacional; pessoas que chegavam com propostas de conteúdo relacionado a outros estilos musicais eram simplesmente ignoradas; os usuários, em sua grande maioria, utilizavam de argumentos técnicos sobre música e produção para sustentar suas teses; os comentários eram realmente longos, quase sempre utilizando os 1000 caracteres disponíveis; discussões sobre uma determinada matéria geralmente continuavam durante vários dias; sempre existia a criação e a manutenção de um campo polêmico, pois apesar de debaterem sobre um mesmo tipo de música, existem inúmeras vertentes dentro do *metal*, por vezes bastante divergentes.

---

<sup>41</sup> O endereço IP, de forma genérica, é um número que indica o local de um computador específico em uma rede local ou pública.

<sup>42</sup> Um *troll*, na gíria da internet, designa uma pessoa cujo comportamento tende a desestabilizar uma discussão, provocar e enfiar as pessoas envolvidas nela.

Em fóruns observados podia-se notar debates que se estendiam para assuntos não necessariamente relacionados à banda específica e usuários que postavam todos os dias mantendo conversas e criando amizades com outros usuários.

No final de 2011 o Whiplash passou por algumas mudanças de *layout* e troca de servidores. Nesse processo o sistema de comentários foi completamente modificado. O sistema de fóruns foi encerrado e todas as postagens foram perdidas. Não houve nenhuma informação oficial do Whiplash sobre essa mudança. Esse modelo anterior de comentários foi substituído pelo uso do *plugin do Facebook*<sup>43</sup>. Todos os comentários, hoje, são feitos via *Facebook*.

Figura 4 - Caixa de comentários do Whiplash até 2011

Figura 5 - Fóruns do Whiplash até 2011

<sup>43</sup> Aplicativo de fácil instalação, para ser usado por sites e blogs como sistema de comentários.

Atualmente, cada matéria tem no fim da página um espaço destinado aos comentários, não sendo possível a visualização de comentários por temas como era antes. Esse sistema é o mais utilizado pelos veículos jornalísticos tradicionais, como os portais Terra, G1 e o site da Folha.

Figura 6 - Caixa de comentários do Whiplash atualmente

**Em vídeo**  
Seguidores do Demônio, as 10 bandas mais perigosas segundo pastor americano

**30 Seconds to Mars**  
30 novas fotos de Jared Leto como Doringa

**Postura**  
12 coisas que você nunca deve dizer a um músico

**Helloween**  
Banda lança novo clipe, "My God-Given Right"

**Substituição**  
As 10 mudanças mais controversas do mundo do rock

**Heavy Metal**  
Os 10 maiores hinos de todos os tempos

Os comentários são postados usando scripts e logins do FACEBOOK, não estão hospedados no Whiplash.Net, não refletem a opinião dos editores do site, não são previamente moderados, e são de autoria e responsabilidade dos usuários que os assinam! Caso considere justo que qualquer comentário seja apagado, [entre em contato](#).

Respeite usuários e colaboradores, não seja chato, não seja agressivo, não provoque e não responda provocações; Prefira enviar correções pelo link de [envio de correções](#); Trolls e chatos que quebram estas regras podem ser banidos. [Denuncie e ajude a manter este espaço limpo](#).

**12 Comments** Sort by Principais ▾

Add a comment...

Macaúbas  
Cara toca muito nem precisa provar mais nada - ta até arrancand...  
cotovelo de nego a distância rs,  
[Like](#) · [Reply](#) · 22 h

Baterista na empresa Oficial-R2  
"Onde há uma vontade, há um caminho"  
[Like](#) · [Reply](#) · 5 · 19 de maio de 2015 15:37

Guitarrista na empresa Must Resist  
A aquele maluco da esquerda é o Ator da quele filme the warriors??  
Que fala, "Guerreiros venham aqui me pegar" com as garrafinhas de vidro nos dedos ...  
[Like](#) · [Reply](#) · 3 · 19 de maio de 2015 15:15

UEPB  
Masssssa  
[Like](#) · [Reply](#) · 1 · 15 de maio de 2013 04:53

Santo André  
Fatos recentes a parte, taí uma biografia que eu gostaria de ler. Não pela idolatria pelo cara, pois nem baterista eu sou e também não acho que ele seja o cara mais humilde da cena brasileira. Mas sim pra saber um pouco da história de vida do muleque pobre e fudido na vida que nunca desistiu e hj é avaliado 12 vezes como o melhor do Brasil e um do melhores do mundo.  
[Like](#) · [Reply](#) · 12 · 6 de maio de 2013 16:12

Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI) na empresa Prefeitura Municipal de Arapiraca  
Pra mim,o melhor.  
[Like](#) · [Reply](#) · 2 de maio de 2013 22:37

Logo abaixo das matérias há um aviso do Whiplash informando que os comentários são postados via *Facebook*, não estão hospedados no site e não são de responsabilidade do mesmo. Ainda ressaltam que é possível denunciar comentários inadequados usando o item “Fale Conosco”, pois os administradores têm a possibilidade de apagar comentários que são postados através desse *plugin do Facebook*.

Atualmente os comentários não possuem número tão limitado de caracteres, passando de 4000. Em contrapartida a esse fato os comentários são visivelmente mais curtos, geralmente não passando de 500 caracteres e, muitas vezes, limitando-se a uma ou duas frases.

O leitor precisa estar *logado* no *Facebook* para conseguir deixar o comentário nas matérias. Esse comentário é postado instantaneamente no perfil do *Facebook* do leitor já vinculado à matéria em que foi deixado. Dessa forma os amigos dos comentaristas podem ver o comentário e com que assunto ele se relaciona. Não há necessidade de estar *logado* para visualizar os comentários.

Esse movimento de sair do Whiplash para o *Facebook* tem gerado manifestações, no Whiplash, de pessoas visivelmente “fora” da comunidade *heavy metal* que provavelmente veem as notícias através de amigos no *Facebook*.

Em uma das matérias sobre a banda Iron Maiden, uma das maiores e mais famosas bandas do estilo, havia o seguinte comentário: “não sabia que ainda existia esse negócio de *metaleiro*. Achava que essa música já era”. Isso é um indício da presença dos que estão “fora” da comunidade.

De forma geral, e não só no Whiplash, essa maneira de funcionamento parece gerar dois grandes movimentos: tendência a um esvaziamento do espaço da polêmica ou do espaço de discussão e a diminuição da responsabilidade do veículo sobre o que é postado, afinal, cada postagem é relacionada a um perfil, real ou não, mas particular.

## 2.3 HISTÓRICO DO *VEGANISMO*

Diante da escassez de bibliografia que forneça um resgate documental do *veganismo*, buscamos as informações históricas descritas nesse capítulo em diversos sites, tais como Animal Liberation Front<sup>44</sup>, Instituto Nina Rosa<sup>45</sup>, Vegan Society<sup>46</sup> e Sociedade Vegetariana Brasileira<sup>47</sup>, bem como na tese do biólogo André Luís de Lima Carvalho, intitulada “Além dos confins do homem: Frances Power Cobbe contra o darwinismo na controvérsia sobre a vivissecção no Reino Unido (1863-1904)”.

### 2.3.1 Origens

O *veganismo* pode ser, sinteticamente, definido como um movimento político fundado em uma ética que almeja romper com o antropocentrismo, para através da *não-violência* contra quaisquer indivíduos vivos, garantindo assim, o direito de existência, de

---

<sup>44</sup> <http://www.animalliberationfront.com>.

<sup>45</sup> <http://www.institutoninarosa.org.br>.

<sup>46</sup> <http://www.vegansociety.com>.

<sup>47</sup> <http://www.svb.org.br/>

reprodução e de não privação da liberdade das espécies animais. (FELIPE, 2010). Porém, para compreendermos mais profundamente o que reivindica esse movimento se faz necessário descrever brevemente suas origens.

Segundo o historiador Keith Thomas (1988) a noção de direito dos animais já era largamente discutida pela filosofia desde 1700, através da constituição de argumentos éticos/filosóficos, tais como: o abate de animais é capaz de “brutalizar” e dessensibilizar o homem que desempenha essa atividade, tornando-o feroz e cruel (THOMAS, 1988, p. 350); analogias entre violência para com os animais e as guerras entre os homens (THOMAS, 1988, p. 345); o consumo de carne faz mal à saúde, trazendo consigo uma espécie de carma ou energia negativa derivada do sofrimento do animal perante a morte.

Thomas ressalta que a preocupação com os direitos dos animais não teve sua origem entre homens que trabalhavam diretamente com eles (fazendeiros, açougueiros e etc). Nasceu em meio aos intelectuais que viviam nos centros urbanos e estavam afastados dos processos de produção agropecuária e de outras formas de trato com animais. Conforme interpreta o historiador, essas pessoas eram “propensas a considerar os animais como bichos de estimação” (THOMAS, 1988, p. 218) e complementa:

A delicadeza com os animais era um luxo que nem todos tinham condições de praticar. Tal como as classes trabalhadoras do início do século XIX, dependendo do trabalho de seus filhos, relutavam em adotar o ideal (da classe média) de isolar e proteger do mundo das crianças em crescimento, a maioria dos trabalhadores continuava a considerar os animais com uma perspectiva funcional. (THOMAS, 1988, p. 222).

Já o biólogo André Carvalho pondera que a realidade se tornou mais complexa. Apesar da domesticação de alguns animais (especialmente cães e gatos) ser consequência direta da dominação humana sobre a natureza, esta se mostrou eficaz em estreitar os laços entre espécies, elevando o status desses animais a “membros da família”. Ao mesmo, uma nova prática industrial surgia, na qual os animais considerados de fazenda eram afastados dos centros urbanos e passaram a ser criados de forma mais intensiva, enfraquecendo a relação bucólica do fazendeiro com seus animais. Dessa forma, foi sendo estabelecida uma relação dúbia, que se estende até os dias de hoje, onde os moradores das cidades consomem produtos decorrentes da exploração de alguns tipos de animais e mantém relações de afeto com outros. (CARVALHO, 2010).

Thomas em seu livro resgata obras dos séculos XV e XVIII, onde é possível notar uma mudança lenta e gradual na forma como o homem europeu (especialmente o britânico) se relacionava com as plantas e animais. O historiador exemplifica essa mudança através de



poemas, tratados de filosofia, relatórios científicos e relatos pessoais, que seriam indícios de que havia uma crescente sensibilização em relação aos outros habitantes do planeta.

Nesse mesmo período os filósofos Rousseau e Jeremy Bentham e o teólogo Humphry Primatt publicaram: “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens (1754)”, “Uma Introdução aos princípios da moral e da Legislação (1789)” e “A Dissertation on the Duty of Mercy and the Sin of Cruelty against Brute Animals (1776), respectivamente. Três obras que notadamente eram reflexo desse momento histórico na tentativa de interligar a natureza humana ao mundo natural e as formas de vida não humanas. Esses ideais foram apropriados por indivíduos que pregavam a abstinência de carne, permitindo uma reflexão baseada na ética sobre o processo de exploração dos animais. Segundo a filósofa Sônia Felipe,

Bentham defende, com a mesma inspiração e lógica do texto de Primatt a tese de que a ética não será refinada o bastante, enquanto o ser humano não estender a aplicação do princípio da igualdade na consideração moral, a todos os seres dotados de sensibilidade, capazes de sofrer. Bentham, analogamente a Primatt, não se refere a direitos dos animais, mas ao dever humano de compaixão para com todos os seres em condições vulneráveis à dor e ao sofrimento. (FELIPE, 2006, p. 209)

Portanto, durante o século XVIII despontou a sensibilização cada vez maior em relação à natureza e aos animais, baseada em discussões filosóficas, especificamente no contexto europeu e com mais força no Reino Unido.

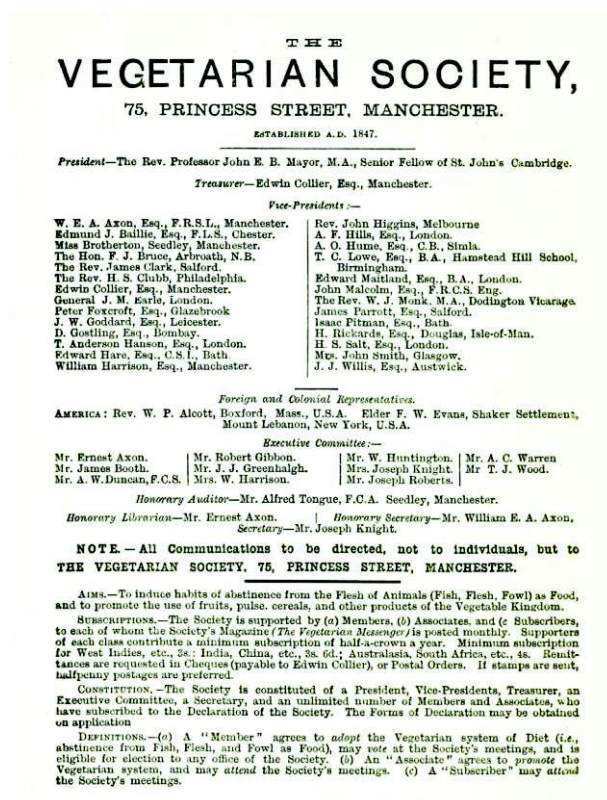
Já no século XIX esses ideais começaram a gerar frutos e surgiram várias organizações de proteção animais. A SPCA (*Society for the Prevention of Cruelty to Animals*) – que ainda hoje é referência na proteção animal - foi fundada em 1824 na Inglaterra, expandindo-se para os EUA em 1866. Também em 1866 a feminista irlandesa Frances Power Cobbe fundou a *Society for the Protection of Animals Liable to Vivisection*.

A pressão desses grupos motivou a criação das primeiras leis de proteção animal. O decreto inglês conhecido como *Martin's Act*, de 1822, é considerado a primeira dessas leis e visava impedir o tratamento cruel e/ou abusivo com o gado, prevendo punição para os infratores. Na sequência, leis semelhantes foram feitas em outros países, destacamos: a lei francesa Grammont (1822) proibindo crueldade contra animais domésticos e em Nova York a crueldade contra animais também passou a ser considerada crime em 1822. É importante ressaltar que essas leis não tinham uma definição clara do que era considerado ou não crueldade e abuso, logo, diante do hábito social e da tradição, esses decretos tiveram pouca efetividade na vida prática. (CARVALHO, 2010).

Durante o processo de abolição da escravatura negra, foi criada a *British Union for the Total Abolition of Vivisection* ou BUAV (ainda ativa) em 1898, fazendo uma reapropriação do termo abolição na tentativa de criar uma analogia entre a exploração e objetificação dos negros e a exploração e objetificação dos animais não humanos.

Em 1847 o político britânico Joseph Brotherton, cunhou o termo *vegetarian*<sup>48</sup> para definir pessoas que não consumiam nenhum tipo de carne. No mesmo ano, a Sociedade Vegetariana da Grã-Bretanha (*Vegetarian Society*) foi fundada sob os princípios da *Bible Christian Church*, uma igreja cristã que pregava a eliminação de carnes da dieta através de interpretações da Bíblia, tendo como seu mentor o pastor William Cowherd. Iniciando uma ligação entre o movimento vegetariano/vegano com questões espirituais que se mantém até hoje. Adventistas do sétimo dia, outros grupos cristãos minoritários, alguns espíritas, umbandistas, hare krishnas, seguidores de algumas linhas do budismo, são alguns dos diversos grupos religiosos que não consomem ou pregam a redução do consumo de carnes, por motivos religiosos.

Figura 7– Folheto de Divulgação da *Vegetarian Society*



Fonte: Wikipédia <sup>49</sup>

<sup>48</sup> Anteriormente pessoas que não comiam carne eram chamadas de “pitagóricos” em referência a Pitágoras, que deixou em seus escritos que não comia carnes por princípios éticos.

<sup>49</sup> Disponível em <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/48/Vegetarian\\_Society.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/48/Vegetarian_Society.jpg)>. Acessado em 11 de janeiro de 2016.

Ressaltamos que não se pode considerar essas entidades como veganas, pois todas se focavam em combater apenas um único aspecto da exploração animal, por exemplo, apenas lutavam contra os testes em animais ou contra a caça esportiva. Diversas obras acerca do tema foram publicadas durante o século XIX, muitas inclusive utilizando o termo “direito dos animais”, uma noção nova para época. O médico William Lambe (1808) foi o primeiro a escrever um artigo ligando uma boa saúde à dieta vegetariana, ao mesmo tempo em que trazia argumentos éticos em relação aos animais. John Frank Newton, partindo do texto de Lambe, escreveu o livro “Return to Nature, or a defence of the vegetable regimen” (1813). Outras obras relevantes desse período: “Inquiries on the Situation of Man and of Brutes” (1824) de Lewis Gompertz; “Rights of an Animal: A New Essay” capítulo do livro “Ethics” (1879) de Edward Nicholson e “Animals’ Rights: Considered in Relation to Social Progress” (1894) escrito por Henry Sant. Todos estes trabalhos traziam a ideia de que animais deveriam entrar para o nosso círculo moral, pois apresentam indícios de que possuem alma (esse conceito vem das leituras de Pitágoras) ou tinham características semelhantes aos humanos, demonstrando sensibilidade (como já afirmavam, um século antes, Rousseau e Benthan). Complementa Felipe (2006):

Mesmo não tendo, nem Primatt, nem Bentham, no final do século XVIII, defendido explicitamente que animais têm ou devam ter direitos, seus argumentos, elaborados para fundamentar a tese de que os seres humanos têm deveres morais relevantes para com os animais, permitiram a Henry Salt, no final do século XIX, e ao teólogo britânico, Andrew Linzey, no final do século XX, escrever livros, cujos títulos defendem direitos, para os animais. (FELIPE, 2006, p. 209)

Os séculos XVIII e XIX foram tempos de profundas alterações na estrutura da sociedade, através da Revolução Francesa, do desenvolvimento do iluminismo - que transformou o pensamento político, filosófico, ético e moral da humanidade -, do acelerado processo de industrialização, do nascimento de novas ciências, de movimentos pela abolição da escravatura negra e do início do movimento feminista com o sufrágio. Essa reconfiguração (ainda em processo) do sistema moral e filosófico de crenças em relação ao outro (mulheres, negros, etc) permitiu que alguns buscassem estender o alcance dessas mudanças a todos os habitantes do planeta, configurando o início do movimento pelos direitos dos animais.

### 2.3.2 Enfim, o *Veganismo*

O movimento *vegano*, propriamente dito, surge através de reflexões propostas pelo britânico Donald Watson. Vegetariano desde a juventude, ele mantinha uma pequena associação - com mais cinco membros - para discussão acerca de dilemas éticos e morais envolvendo o consumo de carne. Em um dos encontros dessa associação, Watson levantou a perspectiva de discutir/elaborar dietas sem nenhum produto de origem animal.

De acordo com os registros mantidos por Watson, os outros membros concordaram com as ideais levantadas e em novembro de 1944<sup>50</sup>, criaram a palavra *vegano* para definir suas novas práticas. O termo original, em inglês, é *vegan* e sua grafia contém as três primeiras e as duas últimas letras da palavra *vegetarian* (vegetariano). Watson definiu dessa forma para que marcasse, simbolicamente, o começo e o fim do vegetarianismo. Somente em 1979 a associação foi reconhecida oficialmente, pelo nome *The Vegan Society*.

Como resultado desse debate Watson publicou o primeiro número da *Vegan News Magazine of the non-dairy vegetarians*<sup>51</sup> trazendo um texto que buscava dialogar diretamente com os vegetarianos.

The recent articles and letters in ‘The Vegetarian Messenger’, on the question of the use of dairy produce have revealed very strong evidence to show that the production of these foods involves much cruel exploitation and slaughter of highly sentient life. The excuse that it is not necessary to kill in order to obtain dairy produce is untenable for those with a knowledge of a livestock farming methods and of the competition with even humanitarian farmers must face if they are to remain in business. [...]. For years many of us accepted, as lacto-vegetarians, that the flesh-food industry and the dairy produce industry were related, and that in some ways, they subsidized one another. We accept, therefore, exceptionally strong, and we hoped that sooner or latter, a crisis in our conscience would set us free. That’s freedom has now come to us.<sup>52</sup>

Nesse trecho<sup>53</sup> selecionado Watson evidencia a crueldade envolvida na produção de leites e seus derivados, onde há, em suas palavras “exploração e abate de seres sencientes”, na

<sup>50</sup> Ver texto publicado pela Vegan Society, disponível em <http://www.vegansociety.com/society/history>.

<sup>51</sup> *Vegan News – Magazine of the non-dairy vegetarians*. Leicester: Ed. by Donald Watson, 1944, p. 01.

<sup>52</sup> Os recentes artigos e cartas na ‘The Vegetarian Messenger’ sobre a questão da utilização de produtos lácteos têm revelado uma evidência muito forte que mostra que a produção destes alimentos envolve uma exploração muito cruel e abate de vida altamente sensível. A desculpa de que não é necessário matar a fim de obter laticínios é insustentável para aqueles com conhecimento dos métodos de criação de gado e da competição, que mesmo os agricultores humanitários, devem enfrentar se quiserem permanecer no negócio. [...] Durante anos, muitos de nós aceitaram, como lacto-vegetarianos, que a indústria de carne e a indústria de laticínios estão relacionadas, e que, de certa forma, elas subsidiam uma a outra. Aceitamos, portanto de forma excepcionalmente forte, e esperávamos que, mais cedo ou mais tarde, uma crise na nossa consciência iria nos libertar. Essa liberdade chegou agora para nós.

<sup>53</sup> O texto pode ser lido na íntegra em: [http://www.ukveggie.com/vegan\\_news/vegan\\_news\\_1.pdf](http://www.ukveggie.com/vegan_news/vegan_news_1.pdf).

tentativa de argumentar que o consumo desses alimentos é incompatível com uma preocupação ética para com os animais.

Outro aspecto abordado refere-se aos métodos utilizados nas fazendas cada vez mais industrializadas. Após os flagelos promovidos na Europa durante Segunda Guerra Mundial, com a dificuldade em alimentar a crescente população humana e a tentativa de maximização dos lucros do agronegócio fez com o que, na década de 40, o governo Britânico distribuisse subsídios para o desenvolvimento de novas tecnologias para a criação de animais, dando origem ao que chamamos hoje de *factory farms* (fazendas industriais). Essas novas técnicas consistiam em: minimização do espaço utilizado (criando animais aos milhares em galpões ou em gaiolas ao invés de mantê-los soltos nos campos como era feito anteriormente), aceleração do processo de crescimento e aumento da produtividade no caso de vacas leiteiras e galinhas poedeiras, ovelhas e etc (através da utilização de anabolizantes, antibióticos, cruzamentos controlados e mais recentemente engenharia genética). Gradativamente esse modelo de produção foi se globalizando e substituindo o modelo tradicional de fazenda. Atualmente, a maior parte dos animais criados para consumo humano provém de fazendas industriais, segundo dados do USDA - National Agricultural Statistics Service<sup>54</sup>. O processo de abate desses animais também foi alterado. Ao mesmo tempo em que as fazendas industriais se multiplicaram os abatedouros adotaram um sistema de linha de montagem, ou melhor, “desmontagem” onde entram vacas, galinhas, porcos, peixes e saem bifes, bacon, costela, filé. Como ressalta Juliana Dias (2009) em sua dissertação:

Henry Ford afirma que deveu a idéia da esteira móvel a uma visita aos matadouros de Chicago (H.Ford, 1964: 65); o sistema neles adotado lhe chamara atenção após a publicação de *The Jungle*, livro de Upton Sinclair ([1906] 1965), que provocou ampla discussão e visibilidade à indústria de abate daquela cidade. A expressão “linha de desmontagem”, que muitos autores (W.Cronon, 1991: 229; D.Hounshell, 1985; veja-se também R.Kurz, 2004:21) tomam como uma derivação da expressão consagrada pelo fordismo, parece ser, na verdade, fruto do movimento inverso. Segundo J.Rifkin (1992: 119), o matadouro de Chicago teria sido a primeira indústria norte-americana a desenvolver a linha de montagem, fornecendo um modelo para a organização do trabalho e da produção em massa nas indústrias que surgiam. (DIAS, 2009, p. 24).

---

<sup>54</sup> <http://www.factoryfarmmap.org>.

Figura 8 – Produção Industrial de Ovos



Fonte: Huffpost <sup>55</sup>

Figura 9 – Criação Industrial de Porcos



Fonte: Mother Jones Farm <sup>56</sup>

<sup>55</sup> Disponível em <<http://i.huffpost.com/gen/1134971/images/o-CHICKEN-facebook.jpg>>. Acessado em 11 de janeiro de 2016.

<sup>56</sup> Disponível em <<http://www.motherjones.com/files/factory-farm-630.jpg>>. Acessado em 11 de janeiro de 2016.

Figura 10 – Esteira Móvel em Abatedouro



Fonte: AgroLink <sup>57</sup>

Esse processo industrial de produção da carne objetificou os animais tornando-os apenas matéria prima para uma série de outros produtos processados em pedaços (bacon, salsicha, hambúrguer) que não lembram nem na aparência, nem no nome, o animal que lhes deu origem. Desse modo, a carne consumida foi sendo dissociada da morte do animal. E exatamente por presenciar o início desse processo, Donald Watson passou a refletir de forma mais abrangente a respeito da exploração animal, criando o veganismo.

### 2.3.3 *Veganismo Abolicionista*

Depois dessa discussão inicial na década de 40, que ainda era especialmente centrada na questão da alimentação, o *veganismo* foi ganhando novos contornos. Já na década de 70, uma nova leva de pensadores ampliou a noção de *veganismo* com a criação do Grupo Oxford, na Universidade de Oxford na Inglaterra. Esse grupo de estudos era formado pelos filósofos Peter Singer e Tomas Regan, pelo psicólogo Richard Ryder e pelo teólogo Andrew Linzey e visava questionar através da filosofia e da ciência o “lugar” moral e social dos animais.

As discussões decorrentes do Grupo Oxford tornaram a concepção de *veganismo* abrangente, procurando atuar contra a ideologia hegemônica que defende uma supremacia humana em relação aos outros animais. Essa maneira de pensar reserva aos seres humanos o

---

<sup>57</sup> Disponível em < [http://www.agrolink.com.br/upload/agromaquinas/6446\\_1.jpg](http://www.agrolink.com.br/upload/agromaquinas/6446_1.jpg)>. Acessado em 11 de janeiro de 2016.

direito de comprar, vender, explorar, escravizar e matar os outros animais, sem ferir princípios legais ou éticos. Tal ideologia foi definida conceitualmente como *especismo*. O termo *especismo* foi mencionado pela primeira vez por Ryder, em 1973, “para descrever a discriminação habitual que é praticada pelo homem contra outras espécies<sup>58</sup>”. Posteriormente, foi incorporado nas obras dos outros teóricos do Grupo Oxford e mais recentemente nos trabalhos do professor de direito Gary L. Francione. Singer (2010, p. 15), atualizou a concepção, definindo o especismo como um jogo de interesses em que os interesses de sua espécie se sobreponham aos interesses maiores de outras espécies. Como exemplo, podemos citar a criação da “sacralidade da vida humana” em que tão somente ela é sacrossanta e está acima das vidas dos outros animais.

Dessa forma, um *vegano* luta pela libertação animal (contra o *especismo*), se posicionando contrário a qualquer tipo de exploração dos mesmos, incluindo: quaisquer formas de trabalho, privação da liberdade, compra, venda, sacrifícios em rituais religiosos, caça esportiva, consumo de qualquer alimento de origem animal (carnes, ovos, leite, mel), consumo como matéria prima de produtos (cosméticos, roupas, objetos de decoração), utilização de animais na pesquisa científica (aulas, pesquisas médicas, pesquisas industriais), além disso, é contra qualquer forma de entretenimento que faça uso da exposição e/ou maus tratos de animais (zoológicos, circos, touradas, rodeios).

É importante pontuar que atualmente, ao contrário do que o senso comum por vezes dita, *veganismo* não é, de forma alguma, um tipo de dieta alimentar, pois essa prática é uma filosofia de vida, regulada pelo viés abolicionista. (SINGER, 2010; FRANCIONE, 1995). Essa abordagem engloba quatro pontos definidos por Francione (1995). São eles: abolição total da exploração animal (rejeitando qualquer regulamentação de práticas exploratórias); considerar passível de direito todo o ser vivo que possui, apenas, senciência animal<sup>59</sup> (não aceitando nenhuma outra característica cognitiva mais complexa e relacionada a características humanas); considerar o *veganismo* a base moral da posição dos direitos animais; rejeitar toda violência (contra animais humanos e não humanos), promovendo o ativismo em forma de educação reflexiva e argumentativa.

Ressaltamos que a abordagem abolicionista, diante da dificuldade de sua aplicação prática e imediata, gera divergências internas no movimento. Muitos grupos ou ONGs, inseridos no *veganismo*, defendem a flexibilização dos quatro fundamentos abolicionistas,

---

<sup>58</sup> “All beings that feel pain deserve human rights” por Richard Ryder, The Guardian, 6 de agosto de 2005.

<sup>59</sup> Refere-se à capacidade, cientificamente comprovada, de sofrer, sentir prazer ou felicidade, presente em todos os seres vivos que possuem sistema nervoso central (SINGER, 2010).



visando, melhorar as condições de tratamento dos animais explorados, para que com o tempo - e na expectativa de uma mudança de paradigma em relação aos animais - o abolicionismo ocorra naturalmente. Francione (1995) chama esses grupos de *novos bem-estaristas*, pois se assemelham, na visão do autor, aos *bem-estaristas tradicionais*, pessoas (não *veganos*) que defendem o uso de animais nas mais diversas práticas, mas que acreditam, que estes devam ser bem tratados. Portanto, em um panorama mundial, quase que a totalidade de leis (ou iniciativas governamentais) de proteção animal existentes visam o bem-estar (pretendido) de animais que continuarão a ser explorados e não a sua libertação da condição de explorado.

Os argumentos em favor do *veganismo*, geralmente, são construídos em torno de 3 eixos principais: na discussão sobre aspectos éticos e morais que envolvem a exploração dos animais não humanos; nos possíveis malefícios para a saúde ocasionados por uma dieta que contenha produtos de origem animal (em especial, relação com diversos tipos de câncer e doenças cardiovasculares) e na degradação ambiental (poluição e desmatamento) proporcionada pela pecuária.

### 2.3.3.1 Táticas e Grupos Ativistas

Após a concepção abolicionista podemos afirmar que as táticas e estratégias do *veganismo* se dividem em quatro grandes eixos:

- Discussão teórica e acadêmica (abordada anteriormente);
- Divulgação de informações acerca do tema (categoria na qual encaixamos nosso objeto de estudo, o Vista-se);
- Ações diretas;
- Criação de santuários.

A ONG norte americana PETA<sup>60</sup> (People for the Ethical Treatment of Animals) fundada em 1980 por Ingrid Newkirk, é pioneira e referência na utilização da mídia e do discurso publicitário para a divulgação do *veganismo*. Foi a primeira entidade a criar materiais que ajudam na transição para a dieta vegana (receitas, informações nutricionais) e também mantém, para consulta pública, a mais completa lista de produtos certificadamente *veganos*. Utiliza as mais diversas estratégias como: criação de jogos, materiais interativos, uso massivo de imagens de celebridades (como astros de Hollywood e músicos famosos), organização de protestos e ações de boicote. Apesar da importância que tem no meio, a PETA é

---

<sup>60</sup> <http://www.peta.org/>.

frequentemente criticada por machismo e por ser “midiática demais”, focando em utilizar apenas celebridades em suas campanhas.

Figura 11 – Anúncio Banido por Machismo



Fonte: NY Daily News <sup>61</sup>

Outro legado da PETA de extrema importância para o movimento é o financiamento de investigações em espaços de exploração animal (fazendas, laboratório, etc) e posterior produção de vídeos mostrando a realidade desses lugares. Isso é feito da seguinte forma: um ou mais ativistas se infiltram no estabelecimento escolhido como funcionários e passam a gravar de forma oculta as práticas diárias que ocorrem nas fazendas, abatedouros e laboratórios e que são desconhecidas pelo público em geral. Trazendo à tona cenas chocantes de violência e crueldade contra os animais. Certamente esse tipo de produção se tornou uma das ferramentas mais utilizadas para sensibilizar, apelar para a empatia diante da dor e justificar o *veganismo*, dificilmente alguém se torna vegano sem ter entrado em contato com algum desses vídeos. Inferimos que sua importância reside na tentativa de tornar visível, de refazer a ligação entre o sofrimento do animal e aquilo que consumimos, tentando superar o processo de distanciamento citado anteriormente. Como tais vídeos já são idealizados para serem inseridos na circulação, inferimos que os próprios veganos, através de suas associações, estão se midiaticando.

<sup>61</sup> Disponível em < <http://www.nydailynews.com/entertainment/gossip/pamela-anderson-sexy-body-baring-peta-ad-banned-canada-article-1.463753> >. Acessado em 11 de janeiro de 2016.

A primeira ação desse tipo foi justamente executada pelo cofundador da PETA Alex Pacheco, em 1981<sup>62</sup>. Pacheco, então estudante de graduação em psicologia na George Washington University, se candidatou como voluntário para participar da pesquisa do neurologista e professor Edward Taub, que conduzia um estudo com 17 macacos. O estudo consistia em suprimir a comunicação entre o cérebro e os membros para verificar se as células cerebrais seriam capazes de reestabelecer essa ligação por conta própria através de treinamentos físicos, terapias de choque e privação de comida. Durante o tempo em que trabalhou no laboratório Pacheco documentou em fotos e vídeos a rotina dos procedimentos, e violações de diversas leis do bem-estar animal. Ao final desse período esses materiais foram distribuídos largamente para a imprensa, mostrando pela primeira vez para o grande público imagens de como são conduzidas pesquisas com animais. O caso ficou conhecido como Silver Springs Monkeys e foi o primeiro a gerar, após 10 anos de disputa na justiça, punições por crueldade animal em pesquisas científicas.

Hoje, uma infinidade de ONGs e ativistas, fazem esse tipo de produção e muitos desses vídeos se tornaram materiais essenciais para o *veganismo*, como o documentário “Earthlings – Make The Connection<sup>63</sup>” de 2005 (uma compilação de diversos vídeos divididos em capítulos que contemplam todas as relações de dependência e exploração dos seres humanos para com os outros animais, narrado pelo ator Joaquin Phoenix) e o vídeo “Face Your Food<sup>64</sup>” de 2014 (apresentado pelo astro da série Game of Thrones Peter Dinklage).

Outro braço do ativismo vegano é a ALF (Animal Liberation Front<sup>65</sup>), precursora do que chamamos de ações diretas. Fundada pelo britânico Robin Webb em 1974 é um grupo forjado por ideias anarquistas, de viés antifa (anti facista<sup>66</sup>), comumente ligado ao movimento feminista e negro ao importar a noção de desobediência civil quando não existe possibilidades legais de reivindicar determinado direito, no caso, o fim da exploração animal. Portanto, não possui um comando central nem líderes (luta horizontal), apenas células distribuídas por 35 países, que podem ser compostas por uma ou mais pessoas que atuam de forma clandestina e independente. Weeb, atualmente é responsável pelo Animal Liberation Front Press Office e descreve a ALF como o modelo perfeito de ativismo: "A ALF não pode ser destruída, não pode ser infiltrada, não pode ser parada. Você, todos e cada um de vós:

---

<sup>62</sup> <http://www.peta.org/issues/animals-used-for-experimentation/silver-spring-monkeys/>

<sup>63</sup> <http://www.terraqueos.org/>

<sup>64</sup> <https://secure.peta.org/site/Advocacy?cmd=display&page=UserAction&id=5397>

<sup>65</sup> <http://animalliberationfront.com/index.html>

<sup>66</sup> <https://animalliberationpressoffice.org/publications%20online/VEGANARCHY-Anti-Speciesist-Warfare-and-Direct-Action.pdf>

vocês são a ALF". Para Weeb, qualquer um que promova a libertação animal e que não coloque em risco vidas de animais (humanos ou não) pode se considerar parte da ALF.

Figura 12 – Logo Original da ALF



Fonte: Wikipedia<sup>67</sup>

Figura 13 – Variação Antifa do Logo da ALF



Fonte: No Gods, No Masters<sup>68</sup>

<sup>67</sup> Disponível em <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/55/ALFcircle.svg/2000px-ALFcircle.svg.png>>. Acessado em 11 de janeiro de 2016.

Nas ações diretas promovidas pela ALF, ativistas mascarados invadem lugares de exploração animal com o intuito de resgate ou sabotagem. Nos resgates os animais são levados de laboratórios, fazendas, universidades e etc, encaminhados para tratamento veterinário e posterior adoção ou liberação dos mesmos na natureza (dependendo do caso). Na sabotagem o objetivo é gerar prejuízo financeiro para o dono do estabelecimento alvo, o que pode ser feito através da destruição dos lugares, incêndios, danificação de equipamentos, eliminação de dados de pesquisa, enfim, qualquer intervenção que gere danos materiais. Frequentemente, as duas práticas acontecem em conjunto, pois quando os animais são resgatados os ativistas sempre têm a preocupação de danificar o máximo possível a instalação. As ações normalmente são documentadas em vídeos e fotos e espalhadas por diversas fontes ao mesmo tempo, evitando que a origem possa ser rastreada. Todo esse sistema de organização denota um funcionamento e apropriação midiática oposto ao que é adotado pela PETA. Como as ações podem ser convocadas e organizadas por qualquer um, valoriza-se o trabalho dos *hackers*, o uso das redes sociais não rastreáveis (como a Diáspora<sup>69</sup>) e meios de comunicação alternativos, sendo assim, o ativista da ALF precisa desenvolver habilidades de apropriação das técnicas e tecnologias. O caso do resgate dos beagles do Instituto Royal<sup>70</sup> que ocorreu em outubro de 2013, foi a maior ação já iniciada pelo grupo no Brasil. Na hora do resgate propriamente dito, havia vários ativistas e grupos que se envolveram na ação, porém através do rastreio de postagens em grupos de *Facebook* vinculados a ALF podemos identificar que a orquestração dessa ação foi planejada pela ALF, inclusive com a previsão e expectativa de que houvesse uma cobertura massiva do evento, para impulsionar a organização no Brasil. Aparentemente, a estratégia funcionou, pois nesses últimos dois anos que se passaram diversas outras ações foram reivindicadas pela ALF no país. Todos esses atos são norteados por um princípio de não violência a nenhum ser vivo. Entretanto, os danos causados a propriedade privada fazem com que a ALF seja considerada uma organização terrorista (especificamente terrorismo doméstico) em países como EUA e Inglaterra, onde muitos ativistas já foram e permanecem presos.

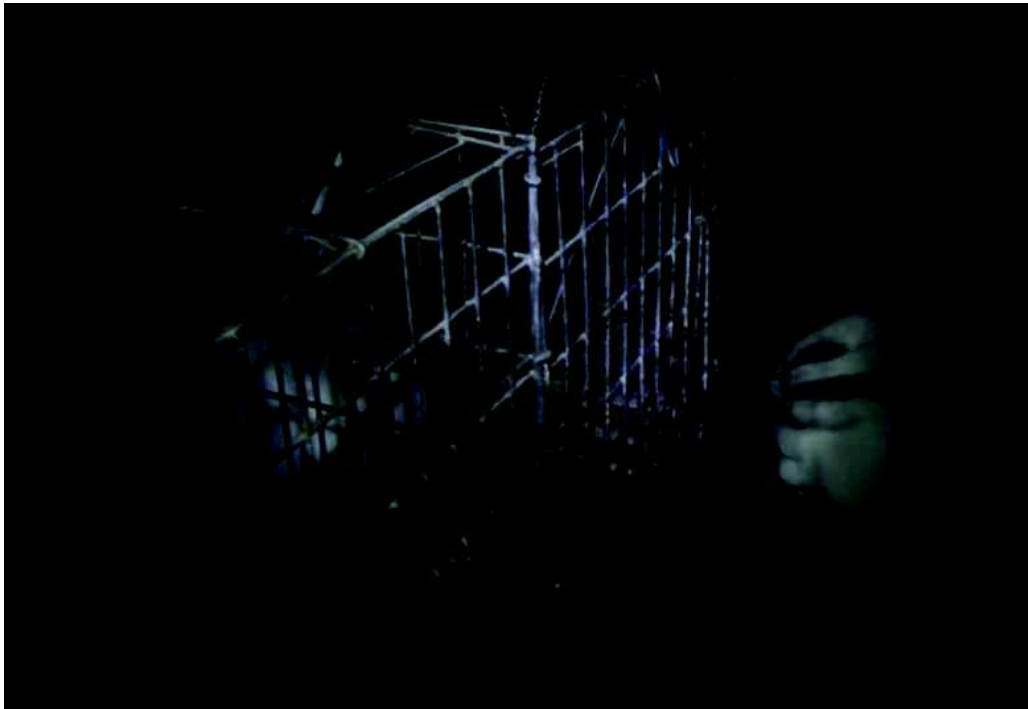
---

<sup>68</sup> Disponível em < <https://www.no-gods-no-masters.com/women-tshirt-animal-liberation-front-division-antifegalite-entre-les-peuples-egalite-entre-les-especies-0013687604> >. Acessado em 11 de janeiro de 2016.

<sup>69</sup> <https://diasporabr.com.br/>

<sup>70</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/10/1358477-ativistas-invadem-laboratorio-em-sao-roque.shtml>

Figura 14 – Resgate de Coelhos em São Paulo/Maio de 2015<sup>71</sup> – Invasão



Fonte: Bite Back Magazine<sup>72</sup>

<sup>71</sup> Um vídeo da ação pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=B2sGeyXQUqQ>.

<sup>72</sup> Disponível em < [http://directaction.info/news\\_nov02\\_15.htm](http://directaction.info/news_nov02_15.htm) >. Acessado em 11 de janeiro de 2016.

Figura 15 – Resgate de Coelhos em São Paulo/Maio de 2015 – Resgate



Fonte: Bite Back Magazine<sup>73</sup>

Figura 16 – Resgate de Coelhos em São Paulo/Maio de 2015 – Animais para Adoção



Fonte: Bite Back Magazine<sup>74</sup>

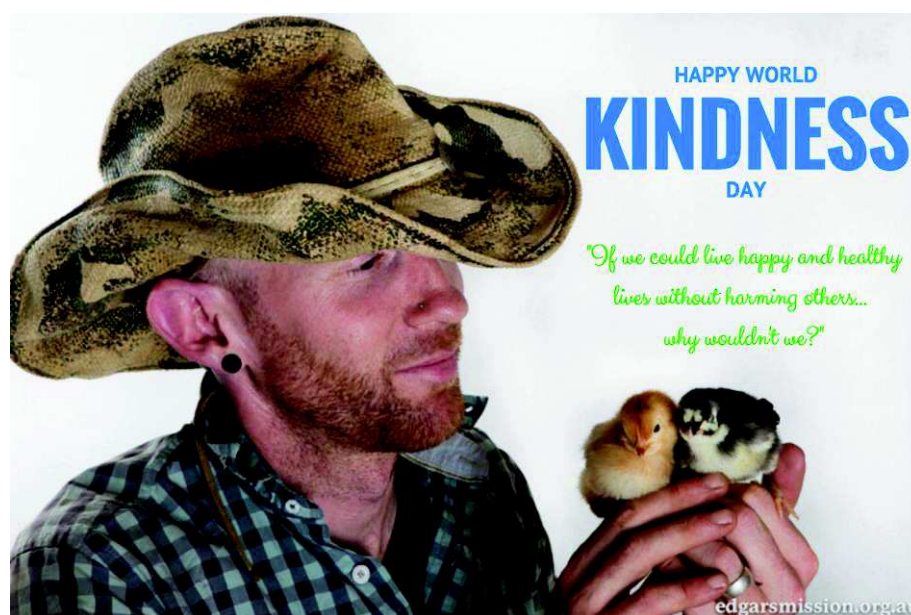
<sup>73</sup> Disponível em < [http://directaction.info/news\\_nov02\\_15.htm](http://directaction.info/news_nov02_15.htm) >. Acessado em 11 de janeiro de 2016.

<sup>74</sup> Disponível em < [http://directaction.info/news\\_nov02\\_15.htm](http://directaction.info/news_nov02_15.htm) >. Acessado em 11 de janeiro de 2016.

Retomando os três eixos, já citados, que compõem as táticas de propagação do *veganismo abolicionista* (discussão acadêmica, divulgação e ações diretas) a criação dos santuários parece um caminho lógico, afinal, num primeiro momento em que a almejada libertação ocorre, surge um problema a ser resolvido: os animais precisam de um destino. Como a grande maioria deles é domesticado, necessitam de cuidados e um espaço adequado para sobreviver. Assim, em meados da década de 80 surgiram os primeiros santuários onde os animais vivem em liberdade até o fim de suas vidas. É para lá que vão animais resgatados de maus tratos, seja por órgãos oficiais dos governos ou por ações diretas.

Para ser considerado um santuário o lugar deve ser vegano e não pode lucrar com os animais; logo, a procriação não é permitida, os ovos das galinhas não são consumidos e, normalmente esses espaços, não permitem visitação ou quando permitem   gratuita. A maioria dos santuários se mantém apenas com dinheiro de doa es. Dentro do movimento, esses lugares servem como espaços de educa o que procuram, na maioria das vezes, vincular mensagens mais leves, evocando mensagens positivas de que o lugar   paradisíaco para os animais, longe da violência e crueldade. Seus materiais midiáticos são de caráter didático e geralmente tentam aproximar os “animais de fazenda” dos seres humanos, evidenciando que estes sentem emo es e são tão inteligentes quantos nossos gatos e cachorros. Como podemos ver nos exemplos abaixo:

Figura 17 – Slogan do Santuário Australiano Edgar’s Mission



Fonte: Página Oficial no *Facebook*<sup>75</sup>

<sup>75</sup> Disponível em < <https://goo.gl/k2tZuU>>. Acessado em 11 de janeiro de 2016.



Figura 18 – Capa do *Facebook* do Santuário Australiano Edgar's Mission



Fonte: Página Oficial no *Facebook*<sup>76</sup>

Figura 19 – Flyer do Santuário Canadense Happily Ever Esther Farm Sanctuary



Fonte: Página Oficial no *Facebook*<sup>77</sup>

<sup>76</sup> Disponível em < <https://goo.gl/8XCIVa>>. Acessado em 11 de janeiro de 2016.

<sup>77</sup> Disponível em < <https://goo.gl/QkGxjy>>. Acessado em 11 de janeiro de 2016.

## 2.4 DESCRIÇÃO DO DISPOSITIVO – VISTA-SE

O Vista-se (<http://www.vista-se.com.br/>) é um Portal que destina-se a divulgação e discussão de assuntos relacionados ao *veganismo*. Foi criado em 2007, pelo publicitário Fábio Chaves. Em texto publicado no Portal<sup>78</sup>, Fábio afirma que começou com a ideia de criar uma marca de camisetas que divulgasse o *veganismo*. Com o sucesso do projeto, passou a inserir na página inicial desse site notícias e algumas dicas sobre *veganismo*, porque constatou que as pessoas que procuravam o site não tinham informações corretas sobre o movimento e que não existiam outros espaços midiáticos para cumprir esse papel.

A partir disso, a loja de camisetas se tornou uma espécie de blog pessoal, onde o autor publicava suas descobertas e experiências dentro do *veganismo*. Com o aumento significativo das visitas, Fábio tomou a decisão de profissionalizar o espaço, passando a escrever os textos em terceira pessoa, na tentativa de trazer uma linguagem mais jornalística. Atualmente, o site conta com cinco mil visitas únicas diariamente, é o site mais visitado sobre o tema no Brasil e ocupa segundo lugar no ranking mundial<sup>79</sup>.

Na página principal, encontram-se algumas notícias em destaque e, logo abaixo, uma seleção de vídeos. Ao lado direito vemos: anúncios publicitários, notas rápidas, agenda de eventos *veganos* e seleção das matérias mais lidas do dia. Do lado esquerdo, existe uma funcionalidade recente (criada em maio de 2015), chamada de “Comunidade Vista-se”. Trata-se de um espaço semelhante a um *chat*, onde pode-se publicar mensagens interagindo diretamente com outros usuários, sem a necessidade de estar *logado*. Porém, é permitido que o internauta escolha a possibilidade de se conectar via: *Facebook*, *Twitter*, conta do *Google* ou através da criação de uma conta específica para esse fim, vinculada ao Portal.

---

<sup>78</sup> <http://vista-se.com.br/o-dia-em-que-o-vista-se-ganhou-seu-primeiro-funcionario/>.

<sup>79</sup> De acordo com o Alexa Ranking, da Amazon.com. Disponível em: <http://www.alexa.com/siteinfo/vista-se.com.br>. Acesso em: 20 de maio de 2015).

Figura 20 - Homepage do Portal Vista-se

**VISTA-SE**  **BUSCAR**  **CLUBE VISTA-SE** **LOJA VISTA-SE**

Capa Notícias Receitas Importante Próximos Eventos Vídeos Loja Clube FAQ Ajuda



← Empresa de telefonia móvel aposta na amizade de um cachorro e uma... →

**PUBLICIDADE - ANUNCIE AQUI**



**loving Hut**

**DELIVERY VEGANO**  
(11) 3467-7038 **GRATUÍTO**

### Aprenda a fazer panquecas veganas para o café da manhã em novo vídeo do canal VegTube

Suprenda alguém com esse lindo prato!

### João Gordo e os filhos se divertem ao tentar ensinar receita vegana para os Irmãos Piologo

Tente entender a receita :)

### Notas Rápidas

Ver todas • RSS

- Confira o histórico de transmissão da Audiência Pública sobre testes em animais para produtos cosméticos
- Aprenda a ter passadinhos na janela sem precisar de gelada
- Site oferece pacote turístico vegano para Curitiba com saída de São Paulo

Confira a incrível palestra da PhD Melanie Joy sobre 'carnismo' com áudio em português

Uma nova ferramenta de conscientização. Assista

Grupo Carrefour anuncia produto vegano em página inteira de jornal com grande circulação

Rede de hipermercados tem apostado no produto vegano

Programa Zorra, da Rede Globo, exhibe quadro com presos exigindo comida vegana

Leia a matéria, assista ao vídeo e deixe sua opinião

### Próximos eventos

- 31/05 | São Paulo: ONG especializada em resgatar gatos...
- 31/05 | São Paulo: ONG promove almoço com alta...
- 02/05 a 06/05 | SP: festival vegano unira artigos de moda...



Novo texto no portal de notícias da Rede Record propõe que se mude o uso do termo 'porco'



Silvio Santos nega fortuna oferecida pela Friboi para que ele fosse garoto-propaganda



Internauta organiza receitas ogras veganas e lança livro que pode ser baixado de graça

### Mais lidas do dia

- 1 Programa de debates do portal IG convida mães para debater sobre ...
- 2 Empresa de telefonia móvel aposta na amizade de um cachorro e uma ...
- 3 Aprenda a fazer panquecas veganas para o café da manhã em novo vi...
- 4 João Gordo e os filhos se divertem ao tentar ensinar receita vega...
- 5 Suprenda sua mãe com um lindo bolo sem ovos - 7 bolos veganos d...

### Últimos vídeos



Programa de debates do portal IG convida...



Empresa de telefonia móvel aposta na...



Aprenda a fazer panquecas veganas para o...

31/05 | São Paulo: ONG promove almoço com alta gastronomia em favor de animais resgatados

Ajude e experimente deliciosos pratos

Conheça o primeiro restaurante vegano de São José dos Campos, no interior de São Paulo

Comida saudável em SUC

Sabrina Sato visita santuário de animais para gravar e recebe torre de cupcakes veganos

A matéria vai ao ar dia 30/05 sabado

### Produtos veganos

W-Pro Vegan Protein - (300g)



Figura 21 - Comunidade Vista-se

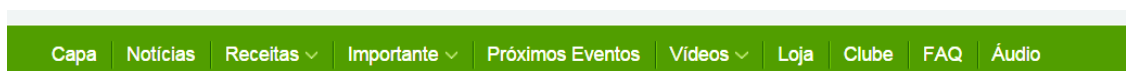


No topo do site aparece um *banner* que direciona para a loja vinculada ao site (que vende os mais diversos produtos *veganos*, desde alimentos até produtos de higiene pessoal). Logo abaixo temos uma barra para buscas e links para mídias sociais (*Facebook*, *Twitter*, etc). Na sequência temos a divisão de sessões do Portal.

Figura 22 - Cabeçalho do Portal Vista-se



Figura 23 - Sessões do Portal Vista-se



- **Capa:** direciona para a *homepage* do Portal.
- **Notícias:** página de notícias organizada em ordem cronológica.
- **Receitas:** dividida entre “doces” e “salgados”, contém receitas *veganas*.
- **Importante:** sessão dividida em: pelos animais, pelo meio ambiente, pela saúde e pela sociedade, onde são publicados materiais (textos, vídeos, notícias) com motivos para se tornar *vegano*, relacionados com esses quatro eixos principais.
- **Próximos Eventos:** espaço de agenda do site, com datas de encontros veganos, feiras de adoção de animais, etc.
- **Vídeos:** materiais audiovisuais (documentários, palestras e filmes) relacionados ao tema.
- **Loja:** outro link para a loja virtual vinculada ao Portal.
- **Clube:** link para o Club Vista-se, uma espécie de assinatura anual que garante descontos em estabelecimentos *veganos* de todo o país, incluindo a loja do próprio Portal.
- **FAQ:** perguntas e respostas sobre *veganismo*.
- **Áudio:** espaço para áudio de palestras e entrevistas sobre o tema. Está incluso nessa sessão material sobre músicos que divulgam o *veganismo*.

No princípio, os comentários eram feitos diretamente através da plataforma de hospedagem do Portal<sup>80</sup>, porém desde 2009, os comentários são feitos via *Facebook*. Observando os comentários percebemos que não existe um grande movimento de participação nesse espaço. Poucos leitores deixam comentários e estes, normalmente, são meramente colocações pontuais sobre a matéria em questão. Difícilmente existe algum tipo de debate, mesmo os comentários deixados por *trolls* são escassos e ignorados pelos outros usuários. Já na página de *Facebook* do Portal, encontramos um espaço amplamente participativo, com efervescência de debates e discussões mais aprofundadas sobre o tema, e conseqüentemente, uma participação maior de *troll*; como pode ser observado nos comentários selecionados abaixo. O primeiro conjunto está hospedado diretamente no site do Portal e o segundo na página de *Facebook*. Ambos são referentes à notícia de que o Brasil será o primeiro país da América Latina a ter um açougue vegano.

Figura 24 - Caixa de Comentários no Portal Vista-se



<sup>80</sup> Não temos registro desse período.

Figura 25 Caixa de Comentários no Página de *Facebook* do Vista-se



Legal, ótima opção pra quem é vegetariano ou vegano. Só acho uma coisa, pelos comentários vejo que todos repugnam quem come carne, vocês não tem o direito de achar que quem come carne é nojento. No reino animal existem carnívoros e herbívoros, então tentem conviver com as diferenças.

Curtir · Responder · 7 · 5 de fevereiro às 13:23 · Editado

Ocultar 12 respostas

Nojento é matar e explorar animais, isso sim. Comer carne, no nosso caso (que vivemos em sociedade, não instintivamente na selva), é um ato nojento e egoísta.

Curtir · Responder · 1 · 5 de fevereiro às 16:43

Uilian Silva, pessoas como você com essa ideologia extremista que são uns nojentos, pois se acham os donos da verdade só por que abdicaram de comer carne.

Curtir · Responder · 5 de fevereiro às 16:54 · Editado

Jean, eu não te chamei de nojento. Mas, se o chapéu serviu, use-o. O ato de comer carne é nojento e egoísta - e eu já fiz isso inúmeras vezes. Não adianta tentar eufemizar o holocausto. E eu sou extremista. E isso me orgulha. Sou extremista: não quero nenhum negro escravo, não quero nenhuma mulher apanhando do marido, nem nenhum animal sendo explorado ou morto.

Curtir · Responder · 1 · 5 de fevereiro às 17:47

Sim, Erika, comer tofu e carne são a mesma coisa. Inclusive vou parar de comer tofu por motivos éticos também, essa exploração dos tofus é horrível. Quantos tofus são assassinados diariamente? Isso é muito errado, não é mesmo?

Curtir · Responder · 1 · 5 de fevereiro às 17:48

Um árvore e uma planta é um ser vivo também, pois nasce, cresce e morre. Recentemente saiu uma reportagem de um de um estudo que as plantas possuem sentimentos. Então se isso for verdade, varias plantas são assassinadas para você se alimentar Uilian Silva.

Curtir · Responder · 5 de fevereiro às 17:58

Jean Warde Rocha, é simples: uma planta sente dor? Possui sistema nervoso, assim como os animais? Possui capacidade de sentir de agonia e dor por passar a vida toda sendo utilizada como um produto, enjaulada e pendurada pelas raízes para sangrar até morrer e virar uma refeição? Acredito que isso ilustre um pouco para que vc perceba a diferença. Estou falando numa boa, não me leve a mal.

Curtir · Responder · 2 · 5 de fevereiro às 18:29 · Editado

Talita Oliveira, vocês vão proibir os animais que são carnívoros de se alimentar, só por que vocês são contra?

Curtir · Responder · 5 de fevereiro às 18:57

Ótima iniciativa para quem ainda está largando o vício da carne, e aderindo a nossa filosofia. Contudo, particularmente não gosto de nada que seja parecido a carne de origem animal. Sou meio radical, não comeria uma carne vegetal com a mesma aparência que me repugna ver no açougue de mercado.

Curtir · Responder · 39 · 5 de fevereiro às 11:14

7 Respostas

Ver mais comentários 2 de 285

Outro aspecto peculiar do Vista-se é que ele funciona como um espaço que podemos chamar de multi ou pluri dispositivo, pois vinculado ao portal principal, Fábio mantém diversos *hotsites*. Esses *hotsites* são basicamente, micros sites focados em trabalhar com uma quantidade reduzida de informação, disposta de maneira dinâmica, utilizando infográficos, vídeos, layout chamativo e pouco tradicional. O Vista-se possui atualmente 20 *hotsites* sobre diversos temas dentro do veganismo, como por exemplo: nutrição vegana, indústria do leite e

derivados, indústria das peles. Adotando táticas discursivas que vão desde o humor à divulgação de vídeos de investigações ocultas. Segue dois exemplos, no primeiro podemos ver que é acionado um discurso de humor para divulgar uma receita de churrasco vegano, ironizando a senso comum de que veganos só comem alface.

Figura 26 – Hotsite Eu Quero Churrasco

**EU QUERO CHURRASCO**  
NÃO-CRUELDADADE

VOCÊ QUER COMIDA, AMIGOS, CERVEJA E RISADAS. NÃO CRUELDADE. CHURRASCO É O EVENTO EM SI, NÃO A CARNE DE ANIMAIS ASSADA.

Experimente um churrasco vegetariano. Chame os amigos e faça salada agora.

► Receita  
► Por quê?

**CHURRASCO SEM CARNE?**  
Diversão garantida, sem machucar ninguém

Eu quero churrasco, não crueldade. Embora os dicionários afirmem que o termo "churrasco" signifique "carne assada" ou o evento onde ela é servida como prato principal, há muito tempo o churrasco deixou de ser isso. A carne definitivamente não é o que atrai as pessoas para o churrasco. Pisar na grama, mergulhar na piscina, dar risadas e beber cerveja são os principais atrativos do churras.

Então, por que não fazer um churrasco livre de crueldade? Além de ético, é delicioso! [Chame seus amigos para este site](#), pegue as [receitas](#) e experimente já no próximo fim de semana!

**CHURRASCO DE ALFACE?**  
Certo que não!

Antes que você pergunte: não estamos sugerindo churrasco de alface, não! Existem salsichas, linguiças, hambúrgueres e outros embutidos livres de ingredientes de origem animal. Há também a famosa proteína texturizada de soja, conhecida como "carne de soja", que pode ser uma mão na roda, caso você ainda não conheça muito sobre alimentos vegetarianos. Ela é fácil de fazer e fica ótima no espetinho.

**ONDE COMPRO AS COISAS?**  
Aí, supermercado, óuai!

Quase todo supermercado brasileiro já tem salsichas e carne de soja, pergunto lá onde você costuma comprar. Usar espigas de milho, cebolas, batatas, pimentões e cogumelos é uma ótima pedida também! E cerveja, bem, se você já tem 18 anos e gosta de beber, você já sabe onde pegar a sua, né? Na hora de pagar, você vai ter uma boa surpresa: Vai ficar muito mais barato do que fazer churrasquinho com animais. Daí pra frente é só alegria!

Use a hashtag:  
[#EuQueroChurrascoNãoCrueldade](#)

Faça uma boa salada para acompanhar seu churrasco livre de crueldade!

**NÃO À SALADINHA DE ALFACE.**

**SIM ÀS SALADAS DE VERDADE.**

**VISTA-SE**

Fonte: Hotsite Eu Quero Churrasco<sup>81</sup>

Já no exemplo dois, Chaves se dirige diretamente ao seu leitor e lança o desafio: “me faça voltar a comer carne”, mas antes pede que veja o vídeo “*Farm to Fridge*”, uma

<sup>81</sup> Disponível em < <http://www.euquerochurrasco.com.br/home.htm>>. Acessado em 11 de janeiro de 2016.



compilação de filmagens decorrentes das investigações de ativistas, que mostra em 12 minutos, como são criados porcos, vacas, aves e peixes, além do processo de obtenção de leites e ovos.

Figura 27– Hotsite Me Faça Voltar a Comer Carne

The image shows a screenshot of a website with a dark background. At the top left is a portrait of Fábio Chaves. To the right, the title 'ME FAÇA VOLTAR A COMER CARNE' is displayed in large, bold, yellow and white letters. Below the title is a paragraph of text in white, followed by the heading 'AGORA, QUERO SABER DE VOCE:' and two more paragraphs of text. A green button with the text 'SEJA VEGANO' is positioned below the portrait. The main content area has a dark red background and features a large number '1' in a circle, followed by the heading 'ANTES DE RESPONDER:' and a paragraph of text. Below this is a video player showing a pig in a cage with the text 'Suínos criados para o abate normalmente vivem de 5 a 6 meses.' and a play button icon. At the bottom, there is a large number '2' in a circle, followed by the heading 'ARGUMENTOS:' and a paragraph of text.

Fonte: Hotsite Me Faça Voltar a Comer Carne<sup>82</sup>

As matérias são produzidas exclusivamente por Fábio Chaves e a caixa de comentários era, até o início do mês de maio de 2015, o único lugar que os leitores tinham para se

<sup>82</sup> Disponível em < <http://www.mefacavoltaracomercarne.com.br/> >. Acessado em 11 de janeiro de 2016.

manifestar. Nesse sentido, a “Comunidade Vista-se”, apesar de recente tem sido bastante utilizada e o público parece estimulado à participação. Acreditamos que o público do Portal já tinha vontade de interagir/participar de forma mais ativa, e esse *chat* parece estar suprindo essa vontade. Em observações prévias, percebemos que na “Comunidade Vista-se” os usuários estão, sinteticamente, desempenhando três ações: postagem de experiências pessoais no *veganismo*, desenvolvimento de diálogos entre usuários e troca de informações sobre o tema. Esse tipo de apropriação dá indícios de que pode haver a tentativa de construir um espaço comunitário, fazendo jus ao nome escolhido.

## 2.5 INFERÊNCIAS PRELIMINARES

*A priori*, inferimos que em ambos os casos encontramos o que pode ser chamado de comunidade de *amadores* (Flichy, 2010), onde os indivíduos ali inscritos falam sobre o *heavy metal* e sobre o *veganismo* como se fossem especialistas, atingindo um nível de reflexão e informação, por vezes, superior aos próprios especialistas.

Nessa observação prévia constatamos que ambos podem ser nomeados como “*confraria de amadores*” no sentido de uma associação, irmandade, que reúne pessoas sob o mesmo objetivo (divulgação do *veganismo*) ou mesmo gosto (*heavy metal*) debatendo seus respectivos temas como *amadores* (Flichy, 2010).

O que articula os dois casos escolhidos é o fato de que ambos podem ser vistos como *comunidades de sentido*, conceituada por Jeder Janotti (2002) como agregações de indivíduos que partilham interesses comuns.

Também podemos pensar nesses espaços como um lugar de *neotribalização* da cultura, na perspectiva de Maffesoli. Para o autor o “estar junto” é característica fundamental dessas tribos, que são:

[...] comunidades de idéias, preocupações impessoais, estabilidade da estrutura que supera as particularidades dos indivíduos, eis aí algumas características essenciais do grupo que se fundamenta, antes de tudo, no sentimento partilha [...]. (Maffesoli, p.112, 2006).

Nos parece produtivo trazer esses dois conceitos - *comunidades de sentido* e *neotribalismo da cultura* - para construir um contraponto entre ambos e compreender melhor o funcionamento dos casos selecionados. Assim, devemos verificar até que ponto os espaços estudados se caracterizam dessa forma e o quanto dessa *comunidade de sentido* ou *neotribo* está contemplada neles.

Outro aspecto que inferimos é o fato de que os dois grupos (*headbangers*<sup>83</sup> e *veganos*) clamam, de forma bastante explícita, por representação midiática e social. São indivíduos que não estão satisfeitos com a maneira como seu tema é tratado nos meios de comunicação. E exatamente por isso, buscam na internet construir espaços para divulgar e debater de forma que lhes parece satisfatória. Tanto o Portal Vista-se quanto o site Whiplash foram criados para preencher esse espaço deixado pelos meios tradicionais. Seus fundadores deixam isso bastante claro em diversos textos publicados.

Apesar de serem articulados dentro desse processo descrito acima, percebemos uma diferença pontual entre os casos. O *heavy metal* já fez parte, na década de 80, da cultura massiva, sendo naquela época um dos estilos mais rentáveis na indústria fonográfica. Hoje, o estilo não é mais viável em termos de consumo massivo, mantendo-se em uma cena *underground*<sup>84</sup> mundial, verdadeiramente articulada, mas incapaz de ocupar o espaço comercial de outrora. E, pelo que podemos inferir, não existe um movimento significativo por parte dos apreciadores do gênero no sentido de tentar trazer o *heavy metal* de volta a esse espaço massivo, pelo contrário, existem muitas ações focadas em fortalecer a cena *underground*. Assim, definimos que o *heavy metal* se constitui como uma *confraria de amadores* de uma cultura que está em declínio, mantendo-se apenas em pequenos mercados de nicho.

Já o *veganismo* é completamente o oposto. É uma filosofia de vida com poucos adeptos que nunca chegou a representar uma grande parcela da população. Tem como grande objetivo se tornar massiva, entrar para a cultura de massa. Afinal o princípio norteador do *veganismo* é eliminar qualquer forma de exploração dos outros animais por parte dos seres humanos, e isso, só seria possível se este estilo de vida fosse aderido pela população em geral. Assim, entendemos o *veganismo* como uma *confraria de amadores* que está na esfera tentativa de se constituir como algo massivo.

Em nossas observações os objetos têm se configurado, em termos de estrutura, da seguinte forma: o Whiplash é mais rígido, mais consolidado e pouco aberto a mudanças (desde 1996 foram apenas duas modificações de *layout*), o que denota um caráter menos midiaticizado, nesse sentido. Contudo, produz processos de midiaticização quando funciona através de uma lógica de produção colaborativa e dá indícios claros de que ali ocorre o que podemos chamar de *cultura da participação*, nos termos de Shirky (2011). O Vista-se tem se mostrado maleável, em consolidação, passando por expansões e alterações frequentemente,

---

<sup>83</sup> Termo atribuído como denominação do grupo de fãs de *heavy metal* e seus subgêneros.

<sup>84</sup> Ambiente cultural que foge dos padrões comerciais vigentes.

por isso nos parece mais midiaticizado. Todavia, esse caráter mais midiaticizado não está diretamente ligado a uma produção colaborativa e à *cultura da participação*. Pelo contrário, a produção no Vista-se se concentra nas mãos de uma única pessoa e a participação destinada ao restante da *confraria de amadores* se limita a interações na área reservada para comentários.

Inferimos que esses aspectos têm relação com o contexto maior (*heavy metal* e *veganismo*) de inscrição dos dispositivos. Afinal, o próprio *heavy metal*, por um lado, é uma cultura sedimentada e bastante rígida quanto a suas características, onde a mudança normalmente não é bem aceita. Por outro lado, contém fortes traços de união entre os membros, refletindo diretamente no que é encontrado no Whiplash (pouco midiaticizado e colaborativo). Já o *veganismo* é um movimento que tenta a expansão, que está em pleno processo de constituição. Habitualmente *veganos* utilizam diversas estratégias argumentativas a fim de angariar novos adeptos para o *veganismo*, demonstrando processos tentativos. Isso certamente repercute na forma como o Vista-se é construído, utilizando múltiplos recursos midiáticos e passando por transformações frequentes. No que diz respeito à concentração da produção apenas em uma figura, acreditamos preliminarmente, que isso ocorra devido ao fato de que o dispositivo (Vista-se), bem como o *veganismo*, não estão plenamente estabelecidos, tornando mais difícil a formação de uma rede de colaboradores.

Diante disso, destacamos alguns ângulos/eixos centrais que parecem comunicacionalmente relevantes:

- A preocupação de observar como os “grupos amadores” interagem entre si e quais lógicas acionam para tal - circulação intramediática (FERREIRA 2007a; 2013) e (ROSA, 2012);
- A preocupação de observar como interagem com “o outro”: sociedade em geral e com os que divergem expressamente do grupo, para convencer, para se expressar, para construir identidade (“buscar representação”) ou para garantir seu “território” - circulação intermediática (FERREIRA 2007a; 2013) e (ROSA, 2012);
- Objetivo de inferir a especificidade dos conhecimentos e posições no ambiente social, dos circuitos que se manifestam nas práticas dos “especialistas” e dos “amadores” via circulação.

Por fim, estruturamos nossa pesquisa em um material gráfico inicial que organiza visualmente as dinâmicas e processos que estão sendo analisados. Como pode ser visto a seguir:

Figura 28 – Desenho Inicial da Pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

Inicialmente, esse desenho sistematizou a pesquisa, partindo do contexto mais amplo - o da sociedade em processo de midiática - definindo o recorte comunicacional, afinal pesquisamos especificamente, processos midiáticos digitais dentro da midiática. Evidencia a abordagem cultural deste trabalho, mostrando que a relação entre a cultura de massa e *culturas alternativas* é uma “via de mão dupla”, onde ocorrem afetações mútuas. Esta dinâmica chamamos de circulação intermediática, aquela que ocorre entre dispositivos distintos, como por exemplo, a circulação do assunto *heavy metal* entre o Whiplash e alguma revista especializada em música. Definimos também, que a circulação intermediática se dá por meio de três instâncias: produção de sentido (aquilo que é produzido culturalmente), disputas de poder (na busca por representatividade) e lógicas de interação. Na esfera das *culturas alternativas* (neste caso *heavy metal* e *veganismo*) constatamos que estas são configuradas por meio de “mecanismos de ação”, formas de existir, acionando os conceitos: *comunidade de sentido*, *neotribo*, *confraria de amadores* e *cultura da participação*. Inscrevemos os dispositivos estudados (Vista-se e Whiplash) como aparato de comunicação dessas culturas. Por último, identificamos que dentro dos dispositivos também ocorre circulação - chamada de circulação intramediática - na qual, igualmente, temos produção de sentido, disputas de poder e lógicas de interação.

### 3 CONTEXTO DE REFLEXÕES TEÓRICAS

A natureza dos objetos empíricos deste trabalho – objetos da cultura, aqui referidos como culturas alternativas – requer um aparato teórico que dê conta dessa interface cultural, uma vez que ela ultrapassa a discussão exclusivamente comunicacional. Assim, optamos por dividir nosso contexto de reflexões em duas partes: as reflexões concorrentes<sup>1</sup>, que não estão, necessariamente, alinhadas com as perspectivas da Linha de Pesquisa 4 - Mídiação e Processos Sociais. E as reflexões referenciais, onde elaboramos nossa discussão sobre mídiação em consonância com as perspectivas discutidas na Linha de Pesquisa 4.

#### 3.1 REFLEXÕES CONCORRENTES

Tanto o Whiplash, quanto o Portal Vista-se são dispositivos<sup>2</sup> utilizados para tratar sobre seus respectivos temas pelo que estamos chamando de *confraria de amadores*,<sup>3</sup> e ambos funcionam através da internet por meio de redes digitais. Essas redes digitais podem ser pensadas na atualidade como um lugar de interações e trocas sociais, não limitadas pelo espaço e pelo tempo. Nelas, circula um intenso câmbio comunicacional entre indivíduos, com múltiplas trocas. Assim, as ações sociais que ocorrem em rede encontram-se em plena efervescência e transformação, sendo produtos de práticas sociotécnicas anteriores e ao mesmo tempo servindo como produtoras de novas práticas sociotécnicas. Desse modo, surge uma “ambiência nova configurada pelas ações comunicacionais de indivíduos, grupos e instituições em sua apropriação de mídias digitais”. (SBARDELOTTO, 2014. p.01).

Essa estrutura social, largamente discutida e denominada pelo sociólogo catalão Manuel Castells como *Sociedade em Rede* (1999), se configura num ambiente onde as tecnologias da comunicação são utilizadas para a articulação social.

[...] assumimos que a sociedade em rede não é apenas o resultado do impacto das tecnologias da informação nas estruturas sociais, mas uma nova forma social que utiliza a comunicação como um dos fatores centrais da sua definição, tornando-se uma figura emblemática da sociedade atual. (CASTELLS, 1999, p. 283).

Para Castells essas redes são:

---

1 O termo concorrente, aqui, não significa algo opositor ou adversário como é no senso comum. Entendemos como teorias transversais, trazidas para dialogar com as perspectivas adotadas neste trabalho. Essa escolha decorre da opção metodológica pelo estudo de interface (BRAGA, 2004).

<sup>2</sup> Esse conceito será explicado mais a frente.

<sup>3</sup> Esse conceito será explicado mais a frente.

[...] um conjunto de nós interconectados [...] estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. (CASTELLS, 1999, p.499).

Nesse cenário, os dispositivos midiáticos digitais têm sido extensivamente apropriados e utilizados por grupos ativistas e/ou culturas alternativas, que historicamente se sentem excluídos da representação política e midiática mais tradicional - aquela hegemônica - reconhecida na sociedade dos meios. Esse movimento parece acontecer na espera de uma divulgação “pura” e direta das ideologias, sem a mediação do jornalismo e possíveis interferências e ruídos.

Segundo Castells, a *sociedade em rede* sempre está em contínua mudança. É fluida, dinâmica, adaptável, aberta a inovações, tudo isso em um ritmo mais acelerado do que no passado. E as redes constituem uma nova “morfologia social”, onde sua lógica de funcionamento altera de forma significativa os processos e relações de poder e cultura.

Em seu livro *Comunicación y Poder* (2010) Castells passa a analisar a questão das relações de poder na *sociedade em rede*, o que é particularmente interessante quando se discute culturas alternativas, afinal são grupos que participam constantemente de um jogo de disputa de poder, empoderamento e espaço de atuação com o resto da sociedade.

Castells afirma que o ponto central de qualquer sociedade está nas relações de poder. Onde existe dominação através do poder, existem formas de resistência, de *contrapoder*. Na *sociedade em rede* esse poder não é mais tão centralizado, ele é multidimensional, pois as instituições não são mais estruturas rígidas, existem brechas. As estruturas tradicionais de estado, política e demais instituições não conseguem dar conta dos processos novos que emergem das redes digitais, pois vivemos em um momento onde tudo está diluído e atravessado pelo campo da comunicação. Esse é um ambiente muito mais complexo e difícil de delimitar.

Outro aspecto ressaltado por Castells acerca da *sociedade em rede* é que as atividades humanas, nos mais diversos âmbitos, se fazem moldadas a partir das tecnologias da informação. Isso não reduz a questão a um caráter simplesmente técnico determinista, pois as redes digitais são objetos tecnológicos programados para desempenhar determinadas funções, mas através dos usos e apropriações feitos pelos próprios usuários elas se tornaram meios de comunicação que fazem circular informações por meio de práticas singulares.

Nesse sentido, culturas alternativas se infiltram nessas brechas e porosidades das instituições, tentando ocupar e preencher um espaço vazio deixado pelas instituições tradicionais. Essa dinâmica pode ser observada nos objetos empíricos estudados, quando, por exemplo, o Portal Vista-se organiza eventos de castração gratuita para animais de estimação ou promove o resgate e adoção de animais em situação de maus tratos ou abandono. Ou ainda, quando o Whiplash se transforma em referência nacional na produção de material informativo/comunicacional sobre *heavy metal*, desbancando o jornalismo cultural dos grandes meios.

### 3.1.1 Comunidades Virtuais?

Quando tratamos de culturas alternativas inseridas nesse contexto da *sociedade em rede*, não é raro ver nos estudos de cibercultura, esses grupos serem definidos como “comunidades virtuais”. Como se estas, fossem “réplicas virtuais” de um ideal comunitário da sociologia e do “mundo não virtual”, simplesmente inseridas na internet. É evidente o quanto essa concepção pode ser problemática para definir os agrupamentos de indivíduos encontrados na atualidade, pois mesmo quando ocorrem “fora” da internet, não possuem - ou possuem muito restritamente - a conotação afetiva, familiar e de ajuda mútua inerente à comunidade definida pela sociologia clássica.

Revisitando, brevemente, a definição sociológica do termo comunidade, podemos ver - como define o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies – que comunidade é um agrupamento social delimitado espacialmente (especialmente aldeias e cidades pequenas). Assim, comunidades são espaços de interação afetiva, vinculados a tradições, união, coesão e, de certa forma, homogeneização. Incluindo práticas cotidianas e até mesmo maneiras de pensar e agir. (TÖNNIES, 1995).

Pensando em espaços virtuais, essa definição nos parece um tanto quanto inconsistente, pois não dá conta da totalidade das interações que ocorrem nos objetos analisados (Vista-se e Whiplash) e principalmente porque as interações via internet ultrapassam, justamente, o território geográfico e a questão familiar/afetiva. Além disso, estão em constante mudança e se caracterizam por um hibridismo maior, não sendo compatível com uma interação afetiva e homogênea, nos termos da sociologia.

Diante da insuficiência do conceito (comunidade virtual), buscamos superar essa classificação de comunidade, que seria igual dentro e fora do virtual, através da ideia de *comunidade de sentido* de Jeder Janotti, definida como:



[...] comunidades de sentido são determinadas agregações de indivíduos que partilham interesses comuns, vivenciam determinados valores, gostos e afetos, privilegiam determinadas práticas de consumo, enfim, manifestam-se obedecendo a determinadas produções de sentido em espaços desterritorializados, através de processos midiáticos que se utilizam de referências globais da cultura atual. É a vivência desses sentidos, através do consumo de determinados objetos culturais, que permite a um indivíduo reconhecer seus pares, seja um skatista, um punk, um headbanger, um clubber; independentemente do território em que esses sentidos se manifestam. (JANOTTI, 2003, p.04, grifo do autor).

O espaço das *comunidades de sentido* é, portanto, desterritorializado, acontecendo por meio de interações que são facilitadas pelas tecnologias comunicacionais vigentes. O autor afirma que os valores circulantes nessas comunidades são universais, mundializados.

Janotti elaborou o conceito de *comunidade de sentido* em sua tese *Heavy metal e mídias: das comunidades de sentido aos grupamentos urbanos* (2002). Como essa concepção é decorrente de análises feitas pelo autor dentro do universo específico do *heavy metal*, tem relação direta com o estilo e com estratégias discursivas desse tipo de grupo cultural (mas pode também caracterizar outros agrupamentos), fornecendo perspectivas acerca das lógicas comunicacionais desse agrupamento. O autor traz questionamentos referentes ao comunicacional, relevantes para este trabalho.

Que tipo de processo comunicativo é esse, que faz com que pessoas pertencentes a culturas tão diversas, em condições de produção distintas, se reconheçam entre si e se comuniquem, ultrapassando as barreiras lingüísticas, econômicas e culturais? Que “senhas” permitem seu reconhecimento e identificação? Que traços e comportamentos são partilhados por esses sujeitos? O que os torna membros de uma comunidade? (JANOTTI, 2002, p. 16).

Reitera, assim, a questão de sensação de pertencimento a um grupo, de compartilhar algum valor simbólico, e afirma que uma das maneiras mais básicas de pertencer ao *heavy metal* é o conhecimento aprofundado sobre o estilo e seus subgêneros. Saber sobre as bandas, músicas, biografias e curiosidades.

Mesmo em conversas observadas no Whiplash, percebemos esse comportamento repetido diversas vezes, onde os internautas despendem tempo para discutir estas questões. É comum ao fã de *metal*, ao *headbanger*, debater sobre músicas (principalmente aspectos técnicos), letras, ídolos, vestuário, enfim, todos os elementos culturais que configuram o universo do *heavy metal* de forma tão detalhada que muitas vezes caba por excluir do debate aqueles que não têm este conhecimento prévio.

Quando analisamos agrupamentos de indivíduos em torno de temas não restritos a uma determinada cultura ou região (como o *heavy metal* e o *veganismo*), é importante ressaltar que as manifestações das *comunidades de sentido* não acontecem de forma homogênea em todos

os lugares, certamente são afetadas e transformadas pela cultura, economia e política de cada local.

Por exemplo, no *heavy metal*: o Brasil é um país reconhecido pela vasta quantidade de bandas dos subgêneros *power metal* - mais comercial; temática ligada a fantasia; visão otimista do mundo; sonoridade “leve” - e *death/thrash metal* - menos comercial; temática de violência ou protesto; sonoridade extrema. É notória a existência de uma rivalidade entre as bandas e fãs desses subgêneros, gerando uma divisão na cena local e ofensas e acusações mútuas. Contudo, mesmo na divergência, as duas maiores bandas brasileiras que representam esses estilos, o Angra (*power metal*) e o Sepultura (*thrash metal*) têm um ponto em comum: ambas introduziram temáticas e sonoridades características da cultura nacional em suas canções. O Angra em seu álbum *Holy Land* (1996), liricamente trata do Brasil de 1500, com referências às belezas naturais do país, aos indígenas e aos portugueses (de forma fantasiosa e épica). Musicalmente inseriu vários elementos brasileiros, tais como, ritmos (baião) e instrumentos (berimbau). Já o Sepultura, coincidentemente também em 1996, lançou o álbum *Roots*, que traz uma temática bastante voltada para a questão indígena (de forma crítica e problematizada), o impacto negativo do cristianismo nas tribos e na formação do povo brasileiro. A sonoridade tem claramente uma forte influência do *groove*<sup>4</sup> presente na música brasileira, com destaque para as faixas *Itsári* e *Jasco*, que foram gravadas em uma tribo xavante com a participação dos índios e a música *Ratamahatta*, uma parceria com o cantor Carlinhos Brown. Assim, tanto o Angra quanto o Sepultura são exemplos de apropriações locais de uma cultura global.

No caso do *veganismo*, ocorreu no ano de 2015 um forte embate (entre ativistas) em relação ao Projeto de Lei nº 21/2015<sup>5</sup> apresentado pela deputada estadual do Rio Grande do Sul, Regina Becker Fortunati (PDT/RS), que visa retirar a exceção concedida às religiões afro-brasileiras para o sacrifício de animais em rituais religiosos. A polêmica se intensificou, pois, o PL da deputada Regina Becker cita, somente, as religiões de matriz afro e é apoiado com setores políticos vinculados às igrejas neopentecostais. Não se pode negar que essas religiões são perseguidas, marginalizadas e sucessivamente atacadas por conta do racismo que ainda é muito forte no Brasil. Diante disso, o assunto tem dividido os ativistas *veganos*. Muitos defendem que proibir, especificamente, sacrifícios religiosos de animais é mais uma

---

<sup>4</sup> Termo original da língua inglesa usado na música para se referir a ritmos mais cadenciados, geralmente decorrentes de culturas tribais ou africanas. Diferenciando-se dos ritmos de origem *anglo-saxã* que são mais “retos”.

<sup>5</sup> Pode ser lido na íntegra em:

<http://www.al.rs.gov.br/legislativo/ExibeProposicao/tabid/325/SiglaTipo/PL/NroProposicao/21/AnoProposicao/2015/Origem/Px/Default.aspx>.

ação racista contra os cultos afro-brasileiros, argumentando que a morte ritual não é diferente do abate para consumo diário, ou ainda não difere de se alimentar de determinadas carnes em feriados religiosos (peixe na Sexta-feira Santa ou peru no Natal) estas também seriam uma forma de sacrifício religioso. Logo, a prática das religiões afro não deveria ser questionada e proibida separadamente. Outros defendem que o projeto não é racista, pois não proíbe a religião em si, só uma prática específica e afirmam que qualquer lei que beneficie os animais (mesmo sendo restrita) deve ser defendida por quem é *vegano*. O interessante neste caso, para nossa pesquisa, é o fato de que, por conta de uma carga histórica e cultural intrinsecamente brasileira a ética primordial do *veganismo*, o abolicionismo<sup>6</sup>, é colocada em discussão, criando divergência interna no grupo.

Nos dois casos citados evidencia-se a penetrabilidade das singularidades regionais na *comunidade de sentido*, e para abordar essa questão Janotti, apesar de reconhecer a desterritorialização desses grupos, não exclui completamente a dimensão territorial, introduzindo a noção de *grupamentos urbanos*, como sendo as apropriações locais das *comunidades de sentido* e onde essas ocorrem de fato. Os *grupamentos urbanos* caracterizam-se por:

[...] os traços que caracterizam o grupamento são: (1) a apropriação dos objetos culturais veiculados globalmente em determinados contextos urbanos; (2) as negociações culturais específicas com as realidades locais; e (3) a alocação de um processo comunicacional característico que envolva também a apropriação de objetos culturais. (JANOTTI, 2003, p.08).

As formas de interação observadas por Janotti vão ao encontro da ideia de *neotribalismo* desenvolvida por Michel Maffesoli no livro *O tempo das Tribos* (1998). Maffesoli reconstrói o conceito de *tribos*, que, no sentido clássico, é estático e geograficamente delimitado, definindo o *neotribalismo* que tem “como única razão de ser a preocupação com um presente vivido coletivamente” (MAFFESOLI, 1998, p. 105), caracterizado “pela fluidez, pelos ajustamentos pontuais e pela dispersão” (MAFFESOLI, 1998, p.107). Essas tribos são agrupamentos sociais que enfaticamente fundem o emocional com o ato de compartilhar um interesse em comum coletivamente, deixando claro que há uma partilha de sentidos. (MAFFESOLI, 1998).

O autor identifica uma busca renovada por pertencimento, por estar junto de indivíduos que tenham interesses em comum, por proximidade. E reconhece nisso uma

---

<sup>6</sup> Refere-se a combater e acabar com todo e qualquer tipo de exploração/uso dos animais por parte dos seres humanos.

espécie de retorno ao espaço tribal, fazendo certa oposição ao senso comum que define a cultura contemporânea como excessivamente individualista. Portanto, de acordo com essa visada, existe a formação de espaços interacionais baseados em questões de identidades e afetos, não homogeneizantes (como as tribos antigas), pelo contrário, são híbridas, difusas, não tradicionais e desprendidas das instituições mais rígidas. Esse ponto torna-se especialmente relevante para estudos de grupos virtuais, pois diferencia com clareza estes das comunidades ancestrais abordadas no início deste capítulo.

A partir desse conceito, podemos compreender os agrupamentos virtuais analisados (Vista-se e Whiplash) como *neotribos* que possuem distintas formas de atuar na vida social; vida esta, que sempre será determinada em relação ao grupo de coexistência. Ou seja, existem agrupamentos com *socialidades* (MAFFESOLI, 1998) que englobam distintas dimensões, muitas vezes indissociáveis, dentre as quais destacamos: a estética, a política e a lúdica. Essas socialidades, que provocam “a multiplicação das identificações sucessivas que uma mesma pessoa pode ter” (MAFFESOLI, 1998, p.195), por sua vez, dependem do *estar-junto* (MAFFESOLI, 1998), “do ‘nós’, do grupo que prevalece sobre o indivíduo”. (MAFFESOLI, 1998, p. 201).

Notadamente, a prevalência do grupo sobre o indivíduo (ou a tentativa de configurar essa noção) observada por Maffesoli é um traço presente tanto no Whiplash quanto no Vista-se, porém, no caso do *heavy metal*, é elemento essencial. Entre os *headbangers* é possível observar a tendência a se relacionar com desconhecidos – que apresentem as características identificadoras do estilo (vestuário) - com certo grau de intimidade/amizade - evocando uma ideia de irmandade, união, onde os fãs de *metal* seriam um grupo coeso e forte<sup>7</sup>. Esse aspecto é bastante difundido no meio através da identidade visual – que inúmeras vezes remete à ideia de um “guerreiro” que estaria lutando pelo *metal*. Diversas bandas tornam isso temática para seus álbuns, como por exemplo, o *fanclub* do Kiss chamado de Kiss Army (exército do Kiss) – trazendo o conceito de união e luta. O Manowar com dezenas de músicas sobre o que eles próprios chamam de *warriors of metal*<sup>8</sup> que unidos defendem o *metal* contra os outros estilos de música. Poderíamos citar centenas de canções que repetem e reafirmam essa noção de irmandade, selecionamos um trecho da música *Blood Bound* (HammerFall), que deixa bem clara a tentativa de estabelecer uma irmandade, “um laço de sangue” (como uma família ou clã), que supostamente uni os *headbangers*:

---

<sup>7</sup> Certamente isso não acontece exatamente da forma como é pretendida (em nosso próprio texto já evidenciamos divergências dentro do estilo), mas esse é um discurso que sempre se faz presente.

<sup>8</sup> Guerreiros do metal.

“[...]We’re Blood Bound – we aim for the sun/The luminous moon will take us high over ground/We’re Blood Bound – Collecting the stars/We hold a power that is greater than all/We’re Blood Bound[...]We are indestructible/And no matter what happens we will rise above[...]Look into my eyes/Tell me what is hidden deep inside/Chains about to break/It’s the everlasting freedom for us all[...]” (HAMMERFALL, 2005)<sup>9</sup>.

No *veganismo* esse conceito é mais diluído e certamente não está configurado como no *heavy metal*, pois *a priori*, o único elemento caracterizador de um *vegano* seria um “pacto” de abolir qualquer tipo de exploração animal da própria vida. Além disso, observamos um esforço para afirmar que o *veganismo* “serve” para qualquer pessoa. Em nossas observações empíricas encontramos diversas matérias buscando englobar uma diversidade maior de pessoas, como: dicas para ser *vegano* gastando pouco dinheiro ou receitas de *junk food vegano*, afastando a ideia de que a comida *vegana* é sempre “saudável”. Todavia, identificamos a questão do grupo em falas que têm por objetivo definir o *veganismo* como espaço de transformação social, onde o indivíduo altera significativamente seus hábitos e suas práticas a fim de fazer um “bem maior”, o que pode ser sintetizado no *slogan* - amplamente utilizado em espaços *veganos* no mundo todo - “pelos animais, pelas pessoas, pelo planeta”.

Retomando a discussão sobre “comunidades virtuais”, reafirmamos, com base em toda a argumentação, até aqui, que este conceito por si só não é suficiente para lidar com os agrupamentos virtuais que se configuram na contemporaneidade, são necessários novos olhares e novas abordagens acerca desses objetos, fornecendo outras definições possíveis.

Reiteramos esse aspecto trazendo o trabalho desenvolvido por Simone Pereira de Sá em seu artigo de 2001, *Utopias Comuns em Rede Discutindo a Noção de Comunidade Virtual*, no qual ultrapassa a percepção idílica de comunidade da sociologia clássica (Tönnies, Durkheim e Weber), onde esta seria um ideal construído de forma homogênea, tradicional, por membros que compartilham valores e o mesmo território, aos quais ela denominou de *comunitas*. Superando essa perspectiva que não abrange por completo as agregações virtuais de indivíduos e atualizando com as perspectivas de Rheingold e Pierre Lévy, onde a cibercultura é a construção de laços sociais não fundamentados em territórios, relações institucionais ou relações de poder, mas sim relações de interesses comuns entre os participantes. (SÁ, 2001).

---

<sup>9</sup> “Nós somos unidos pelo sangue – nós miramos o sol/A lua luminosa nos levará ao alto, acima do chão/ Nós somos unidos pelo sangue – coletando estrelas/Nós temos um poder que é maior que todos/ Nós somos unidos pelo sangue[...]Nós somos indestrutíveis/E não importa o que aconteça nós vamos nos erguer[...]Olhe em meus olhos/Me diga o que está escondido lá no fundo/Correntes prestes a quebrar/É a liberdade sem fim para todos nós[...]”

Segundo Simone, essas comunidades virtuais são novas formas de socialização que possuem especificidades em relação a comunidades fora da internet. É um processo de sociabilidade próximo, mas não é uma simples recriação do que se tem fora da internet.

Essas relações virtuais se constituem através de articulações multiculturais que geralmente são híbridas, multifacetadas e nômades. São fortemente marcadas pela globalização, industrialização e fragmentação das fronteiras. (SÁ, 2001).

Assim, essas comunidades tornam-se distintas daquelas pastorais, que visavam a ajuda mútua, criação e manutenção de laços íntimos através da tradição, caracterizadas pela sociologia clássica. É necessário buscar outras maneiras de conceituar esses ambientes, por isso acreditamos ser de extrema importância, para o desenvolvimento desta pesquisa, a discussão elaborada sobre *comunidades de sentido e neotribalismo*.

### 3.1.2 Os Amadores e a Cultura da Participação

Partindo do entendimento de que os agrupamentos virtuais possuem lógicas específicas e podem ser chamados de *comunidades de sentido* ou *neotribos*, questionamos: como os indivíduos atuam dentro desses grupos? De que formas produzem conteúdos, compartilham sentidos, interagem?

Para entender as práticas dos atores sociais nesses agrupamentos, trazemos a conceituação de *amador*<sup>10</sup> feita pelo sociólogo francês Patrice Flichy, que se distancia da significação de amador como alguém ruim em uma determinada atividade (não profissional). Para Flichy, em primeiro lugar, o *amador* é aquele que ama, que é apaixonado, apegado a determinado assunto ou prática. Ele distingue duas grandes figuras de amador: “Por um lado o prático amador, aquele que tem uma prática; pode ser um artista, pode ser um cidadão, mas também pode ser o que tem teoria, um cientista, um técnico, um pesquisador”. (FLICHY, 2013, p. 02).

O indivíduo *amador* é caracterizado partindo de duas instâncias de interação com o mundo: a construção da própria identidade – expressa na arte, política, ciência – e na aquisição de conhecimento como forma de ampliar suas competências – relacionado ao conceito de *expert por baixo* (organização ascendente do saber) que ao contrário do

---

<sup>10</sup> Este conceito foi abordado originalmente no livro “Le sacre de l’amateur. Sociologie des passions ordinaires à l’ère numérique”, que não possui tradução para o português. Neste trabalho, utilizamos como referência a transcrição do seminário “Os amadores no mundo digital. Rumo a uma nova democracia de competências” ministrado por Patrice Flichy na Unisinos de 30 de setembro a 4 de outubro de 2013.

especialista, adquire conhecimento através da própria prática e experiência. Portanto, é um híbrido entre o leigo (que não possui habilidade ou conhecimento em uma determinada área) e o especialista (que adquiriu seus conhecimentos e habilidades através do estudo formal e acadêmico), podendo obter um nível de habilidade e/ou conhecimento superior ao do especialista. (FLICHY, 2013).

Esses *amadores* não atuam exclusivamente nas redes, no âmbito digital e não são, necessariamente, um fenômeno recente. Porém, como afirma Flichy, as tecnologias digitais e seus usos e apropriações estão promovendo uma quebra na divisão tradicional de trabalho, facilitando o acesso às ferramentas e conhecimentos que expandem aceleradamente a prática amadora. Por exemplo, um número cada vez maior de pessoas possui computador em casa, podendo facilmente utilizar uma gama de *softwares* para produção musical, edição de imagens, edição de vídeos que são os mesmos usados pelos profissionais dessas áreas. Assim, Flichy defende que os *amadores* são um indício do nascimento de uma nova cultura, que vai promovendo rupturas profundas com os sistemas já estabelecidos, criando um lugar onde *amadores* e especialistas vão dialogar cada vez mais e onde a prática amadora será cada vez mais normatizada, estabelecida e, por fim, consagrada.

Identificamos entre os dispositivos estudados que essas práticas amadoras se configuram de forma diferenciada. No Whiplash encontramos uma comunidade, ou como optamos por chamar, *confraria de amadores*, que funciona de forma colaborativa. Pessoas das mais diversas áreas produzem para o site de forma gratuita. Mesmo os poucos jornalistas por formação que colaboram, assumem um papel de *amador*, pois estão fora dos circuitos institucionais/estabelecidos da produção jornalística e não produzem dentro das práticas mais canônicas do jornalismo. O que existe é uma apropriação das lógicas do jornalismo para falar sobre *heavy metal* de uma forma pretensamente mais especializada e adequada do que faria, por exemplo, o caderno de cultura de algum jornal tradicional. Esse movimento de apropriação com a finalidade de se contrapor com a representação do *heavy metal* nas outras mídias é muito presente. Tanto que encontramos inúmeras publicações dedicadas a expor, de forma humorística, gafes cometidas por veículos de comunicação estabelecidos em relação ao *heavy metal*. Entendemos essas ações como uma fala de dentro e para dentro da *comunidade de sentido*, que tenta manter o grupo coeso e fechado. Isso se dá na construção dos textos, os quais em grande parte, são feitos para serem lidos por pessoas que tenham um conhecimento amplo do tema e não para “qualquer” leitor.

Já no Portal Vista-se, temos o *amador* centrado no seu criador e único produtor de conteúdo Fábio Chaves. Esse caso nos parece mais complexo, pois do ponto de vista

comunicacional Fábio não é exatamente um *amador*, afinal é formado em Publicidade e Propaganda com especialização em Web e usa esses conhecimentos profissionais na construção do Portal. Porém, é um *amador* em relação ao *veganismo*, visto que seu conhecimento iniciou a partir do “amor”, da paixão pelo tema e se desenvolveu através da experiência. Esse processo fica mais claro quando fazemos um resgate histórico das publicações. No início eram traduções de textos estrangeiros e pequenas notas informativas. Hoje, a produção é mais complexa e aprofundada. Temos dicas de culinária vegana (elaboradas pelo autor), reflexões filosóficas sobre o tema, listagens de ingredientes que podem ser de origem animal, enfim, um conjunto de conhecimentos que aparentemente foram adquiridos ao longo do tempo e que não estão relacionados com a formação acadêmica de Fábio. Então, a *confraria de amadores*, no Vista-se, parte de um indivíduo que tenta reunir e conquistar outros.

O *modus operandi* dos amadores encontra compatibilidade com a ideia de *cultura da participação*, especificamente aquela descrita por Clay Shirky onde as produções profissionais e a amadoras se confundem e a participação voluntária se tornou fundamental, alterando a forma de funcionamento da mídia. (SHIRKY, 2011).

Shirky vê com bons olhos esse fenômeno, sustentando que o trabalho colaborativo e compartilhado é muito mais produtivo do que o trabalho individual, defendendo que: “Essa ampliação de nossa capacidade de criar coisas juntos, de doar nosso tempo livre e nossos talentos particulares a algo útil, é uma das novas grandes oportunidades atuais, e que muda o comportamento daqueles que dela tiram proveito”. (SHIRKY, 2011, p. 109). Salaria que as redes digitais são facilitadores para tal *cultura da participação*: “A diferença é que hoje a internet é uma máquina de oportunidades, [...] a baixo custo e com menos obstáculos do que nunca, e com a possibilidade de anunciar essas oportunidades ao maior número de potenciais participantes da história”. (SHIRKY, 2011, p. 118).

Para o autor, se há pessoas dispostas a produzir e compartilhar conteúdos, na maioria das vezes de forma gratuita, temos uma ambiência diferenciada que denota uma vontade de participar, de estar fazendo algo, de deixar marcas. Assim, inferimos que a possibilidade de encontrar os pares (estar na *comunidade de sentido*, na *neotribo*) e poder interagir coletivamente é o fator primordial que motiva as práticas amadoras, afinal, “Como os seres humanos têm motivações sociais tanto quanto pessoais (“Irreversivelmente ligados a ambos”, como disse Bion), as motivações sociais podem induzir a muito mais participação do que as motivações pessoais sozinhas”. (SHIRKY, 2011, p. 154).



### 3.1.3 Perspectivas em Tensionamento

Em decorrência de um processo complexo e acelerado de mudanças sociais, vemos o surgimento de novas possibilidades interacionais e novas estruturas que afetam profundamente a cultura, evidenciando que outra ambiência está se desenhando. Campos sociais que antes eram rígidos, hoje estão diluídos e difusos, e acabam por não “dar conta” da totalidade de processos diferenciados que surgem. Além disso, há o surgimento de novos dispositivos sociotécnicos que constituem práticas e formas de articulação sociais essencialmente novas e isso se estabelece dentro da lógica de rede de Castells.

Esse cenário turbulento e de profundas mutações tem se mostrado favorável para a reconfiguração de culturas alternativas, que parecem estar ganhando poder e aumentando a sua representatividade. Isso pode significar que estamos rumando para a construção de uma espécie de democracia colaborativa e participativa, através do empoderamento dos diversos setores sociais que foram excluídos durante muito tempo em nossa história.

Reconhecemos que a tese de Flichy sobre os *amadores* e as noções de *cultura da participação*, *comunidades de sentido* e *neotribalismo* remetem a um entendimento, um tanto quanto, otimista em relação ao tipo de interação que vem se configurando através da internet. Ressaltando características “novas”, diferentes do que tínhamos anteriormente, que indicam, repetidamente, um lugar de ruptura profunda com sistemas anteriores e atuação bastante democrática e livre. Porém, certamente existem concepções não tão otimistas sobre esse cenário, que podem acrescentar outros pontos a serem considerados e inseridos em nossas reflexões.

Andrew Keen em seu livro *O culto do Amador* (2009), traz uma visão bem mais crítica desse fenômeno, na qual a produção amadora estaria nivelando os produtos culturais “por baixo”, além de estar tornando insignificante a importância dos profissionais (jornalistas, diretores, músicos, etc).

Fica evidente que para Keen o significado de *amador* é muito mais próximo do senso comum, aquele simplesmente que não é profissional em determinada atividade, indo na contramão do caráter complexo definido por Flichy.

A questão da qualidade e confiabilidade das produções amadoras é um ponto discutido diversas vezes pelo autor e também uma preocupação. Como podemos ver:

O desfoque da fronteira entre o público e o autor, entre fato e ficção, entre invenção e realidade obscurece mais ainda a objetividade. O culto do amador tornou cada vez mais difícil determinar a diferença entre o leitor e o escritor, entre o artista e o porta

voz, entre arte e propaganda, entre amadores e especialistas. O resultado? A queda da qualidade e da confiabilidade das informações que recebemos, o que desvirtua, ou até corrompe, descaradamente, nossa conversa cívica nacional". (KEEN, 2009, p. 1).

Apesar do tom, um tanto quanto generalista e alarmista em relação aos *amadores*, encontramos pontos nas argumentações de Keen que são especialmente válidos para reflexão. Em estudos voltados a questões da internet é comum que se entenda esse meio como democratizador, revolucionário e livre. Não acreditamos que essa premissa seja totalmente verdadeira e nem totalmente falsa. Devido ao grau de complexidade encontrado em nossa sociedade contemporânea, não poderia ser diferente, afinal um fenômeno social de tamanha amplitude não pode ser levemente denominado “bom” ou “mau”. Nesse sentido, Keen lança questionamentos instigantes:

Eu chamo isso de a grande sedução. A revolução da Web 2.0 disseminou a promessa de levar mais verdade a mais pessoas — mais profundidade de informação, perspectiva global, opinião imparcial fornecida por observadores desapaixonados. Porém, tudo isso é uma cortina de fumaça. O que a revolução da Web 2.0 está realmente proporcionando são observações superficiais do mundo à nossa volta, em vez de análise profunda, opinião estridente, em vez de julgamento ponderado. O negócio da informação está sendo transformado pela internet no puro barulho de 100 milhões de blogueiros, todos falando simultaneamente sobre si mesmos. (KEEN, 2009, p. 5).

Ou seja, há o risco de ao invés de democratização e empoderamento, acabarmos por ter esvaziamento dos significados, onde uma “super segmentação” dos assuntos, com milhares de espaços de fala, os torna efêmeros e banalizados, perdendo profundidade.

Especificamente sobre a internet como democratizadora, Keen acrescenta que, em teoria, ela dá voz a todos os *amadores*, mas na realidade ainda somos regidos por uma lógica de mercado, na qual os que têm mais dinheiro para espalhar sua mensagem são os que verdadeiramente têm voz. (KEEN, 2009). Afinal, até que ponto a lógica de mercado não “toma posse” das *culturas alternativas*, esvazia seus significados e as torna só mais uma fonte de renda?

Dominique Wolton, em seu livro *Informar não é Comunicar* (2010), fornece outra ótica que nos permite problematizar essas questões. Logo no início, Wolton afirma que estamos confundindo avanços de transmissão de informação com a capacidade de absorver informação, de comunicar. Para Wolton, a comunicação é muito mais complexa que a informação e, ainda que não exista comunicação sem informação, comunicar é algo difícil de atingir, é raro. Acrescenta que vivemos em um paradoxo, no qual há o aumento de produção e circulação de informação, cada vez mais rápido e uniformizado, está gerando um

“bombardeio” de dados. Isso deveria melhorar o entendimento entre as pessoas, no entanto, tem tornado o entendimento mais difícil. Essa enxurrada de informações aumenta a *incomunicação*, devido à diversidade de fontes e “verdades” não hierarquizadas. (WOLTON, 2010).

Essa crítica é notoriamente importante para evitarmos o determinismo tecnológico ou a supervalorização do potencial desses dispositivos. Uma vez que, o que as tecnologias proporcionam, não garante a comunicação, tudo depende dos usos e apropriações que os próprios usuários darão às tecnologias.

Esses, certamente são aspectos a serem considerados em nossa pesquisa e que serão discutidos de forma mais aprofundada no decorrer do trabalho. Por fim, pensamos que a cautela é importante nos estudos científicos que visam compreender esses fenômenos relativamente novos, evitando “abraçar” indiscriminadamente posições dualistas.

Mesmo afirmando que estamos em uma nova forma de articulação social, bem como, em uma nova forma da própria vida, não podemos ter certeza de como isso vai se configurar no futuro. Posto isto, acreditamos que os debates realizados sobre a mediação são particularmente pertinentes para tratar de tais processos sociais.

### 3.2 REFLEXÕES REFERENCIAIS

Atualmente vivemos em uma sociedade que pode ser referida como em *vias de mediação* (FAUSTO NETO, 2006), um momento de transformação profunda da sociedade, o que configura uma nova forma de viver e de *ser no mundo*. (GOMES, 2005). O uso dessa expressão se justifica, pois este é um fenômeno entendido como algo em desenvolvimento, não como um conceito fechado. Partindo de perspectivas desenvolvidas pelos pesquisadores da Linha de Pesquisa 4 - Mediação e Processos Sociais, compreendemos que as teorizações clássicas da comunicação, apesar de auxiliar, são insuficientes para contemplar a totalidade dos fenômenos que nossa sociedade atravessa. Ressaltamos que o conceito de mediação (ou mediação como é utilizado em alguns países) vem sendo investigado e desenvolvido em outras partes do mundo, especialmente na Europa e América Latina, portanto, para além das teorizações concebidas na Linha de Pesquisa 4, trazemos elaborações de outros autores latinos (Adriano Rodrigues, Eliseo Verón e Muniz Sodré) e dos pesquisadores nórdicos (Andreas Hepp, Nick Couldry e Stig Hjarvard), enfatizando a pluralidade de concepções sobre o tema.

### 3.2.1 Da Sociedade dos Meios a Mídia

Ao referirmos que a sociedade está em vias de mediação, evidenciamos que existe uma transformação, um processo de mudança. Essa transformação se refere à passagem da sociedade dos meios para a uma sociedade mediada. Por sociedade dos meios ou das mídias entendemos aquela na qual os meios de comunicação ocupavam uma centralidade social e se constituíam como estruturas rígidas. O processo comunicacional era baseado na linearidade hierarquizada onde “um” (produtor) falava para “todos” (receptores). A técnica e as formas de produção do campo da comunicação eram centralizadas e praticamente inacessíveis aos outros campos.

Verón (1992) - um dos primeiros autores a investigar a mediação - afirma que a sociedade em mediação começa a se configurar quando o funcionamento das instituições, *habitus* de consumo e práticas sociais passam a ser transformados pela presença dos meios de comunicação em decorrência de invenções tecnológicas e sociais. Já no ano 1997 o autor apresenta uma definição mais estruturada, evidenciando que a mediação ultrapassa o meio em si, alterando não só os meios de comunicação, mas também as instituições e os indivíduos. As mídias passam a ocupar um lugar central na sociedade, “se misturam com todos os aspectos significativos do funcionamento social, instituindo relações que por natureza são complexas, não causais e pouco lineares” (VERÓN, 1997, p. 3). Nessa concepção, é a mídia que estabelece conexões entre instituições e indivíduos, transformando, por meio de suas lógicas, o funcionamento dos campos sociais.

Em uma contextualização histórica do processo de mediação, Fausto Neto demarca esse espaço de mudança, evidenciando o que está sendo transformado:

A convergência de fatores sócio-tecnológicos, disseminados na sociedade segundo lógicas de ofertas e de usos sociais produziu, sobretudo nas últimas três décadas, profundas e complexas alterações na constituição societária, nas suas formas de vida, e suas interações. Ocorre a disseminação de novos protocolos técnicos em toda a extensão da organização social, e de intensificação de processos que vão transformando tecnologias em meios de produção, circulação e recepção de discursos. Já não se trata mais de reconhecer a centralidade dos meios na tarefa de organização de processos interacionais entre os campos sociais, mas de constatar que a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a “cultura da mídia”. Sua existência não se constitui fenômeno auxiliar, na medida em que as práticas sociais, os processos interacionais e a própria organização social, se fazem tomando como referência o modo de existência desta cultura, suas lógicas e suas operações. (FAUSTO NETO, 2008, p. 92).

Nessa ótica, levantada por Fausto Neto, podemos perceber que existem espaços de transformação atravessando aspectos sociais, técnicos e culturais, portanto, o campo comunicacional (na midiaticização) tem se desenvolvido como central no tecido social, constituindo seu próprio modo de “falar”. Esse campo, agora, se expande e é apropriado por outros campos sociais. A religião, a ciência, a política, entre outros utilizam-se do campo das mídias e são afetados por suas lógicas de funcionamento. Complementando Jahn (2014, p.72) defende, “vivemos a passagem de sociedades midiáticas para a midiaticização da sociedade em que instituições, mídias e sujeitos se afetam mutuamente, de forma não-linear, com multiplicação de tecnomediações setoriais”.

Nessa linha de pensamento, Adriano Rodrigues (2000) destaca que a evolução tecnológica permitiu a sofisticação e complexificação dos meios de comunicação possibilitando uma automatização do campo das mídias. Rodrigues (2000) argumenta que na sociedade dos meios cada campo social funcionava de forma mais fechada, e a tentativa de comunicação entre campo e sociedade era feita por meio de suas lógicas específicas. Com o processo de midiaticização esse cenário se altera e todos os campos começam a fazer uso do campo midiático para interagir com a sociedade, expondo seus saberes, pois o campo das mídias tem um forte caráter simbólico e função mediadora. “O papel mais importante do campo *dos media* será provavelmente a sua capacidade de tematização pública e de publicização do confronto entre os discursos especializados em torno de questões suscitadas pelos diversos domínios” (RODRIGUES, 2000, p. 10). À vista disso, segundo Rodrigues, o desenvolvimento tecnológico e a mudança nas formas do indivíduo se relacionar com os meios de comunicação, marcam a passagem da sociedade dos meios para a midiaticização.

Já o sociólogo Muniz Sodré acrescenta a essa visão a noção de *bios midiático* (SODRÉ, 2002), para tratar sobre peculiaridades na forma como os indivíduos utilizam e se apropriam das mídias, revelando outras maneiras de circulação de conteúdos, organização social, enfim, um a nova forma de vida. Caracterizando o processo de midiaticização “(...) como tecnologia de sociabilidade ou um novo *bios*, uma espécie de *quarto âmbito* existencial, onde predomina a esfera dos negócios, com uma qualificação cultural própria (a “tecnocultura”)” (SODRÉ, 2002, p. 25). E complementa:

[...] implica uma transformação das formas tradicionais de sociabilização, além de uma nova tecnologia perceptiva e mental. Implica, portanto, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com referências concretas ou com o que se tem convencionalmente designado como verdade, ou seja, uma outra condição antropológica. (SODRÉ, 2002, p. 27).

Essa maneira de ver a midiatização pelo viés das transformações da experiência humana encontra consonância com as elaborações de Gomes (2005), que conceitua as mídias como uma espécie de “entidade onipresente” que se faz cada vez mais presente na vida cotidiana, gerando o que o autor chama de *nova ambiência* e um *novo modo de ser no mundo*.

Outra característica deste processo é o desenvolvimento de tecnologias transformadas em meios de comunicação, que se estabelecem de forma intensa e acelerada na sociedade, causando alterações nos processos sociais, técnicos e discursivos. Isso acarreta mutações “na própria ambiência, nos processos, produtos e interações entre indivíduos e na organização das instituições sociais” (FAUSTO NETO, 2009). Dessa forma as estruturas rígidas de campos sociais, onde os papéis eram bem definidos, se rompem fazendo com que esses campos passem a se mover em processos que se misturam, pois tem suas fronteiras diluídas. Configurando a passagem da sociedade dos meios – onde a centralidade estava no campo midiático - para a sociedade em vias de midiatização, onde as lógicas midiáticas perpassam todas as esferas sociais potencializadas pelos fenômenos midiáticos, ou seja, pela capacidade de exteriorizar pensamentos, por conseguinte, comunicar por meio de tecnologias e dispositivos (VERÓN, 2014).

Segundo Braga (2007), por meio do processo de midiatização descrito, a mídia estaria se tornando o processo interacional de referência, como tem sido a escrita durante séculos. Nessa perspectiva um processo interacional de referência é aquele que organiza os setores da vida, que determina as lógicas e parâmetros dos outros setores. Esse processo de midiatização está incompleto, pois esse novo *modus operandi* ainda não foi completamente absorvido e interiorizado pela sociedade, ou seja, seu funcionamento ainda é “despercebido, disperso, canhestro e difuso” Braga (2007). Existem lacunas, como o fato de não termos processos de socialização puramente midiatizados que sejam totalmente funcionais e produtivos. O que temos são tentativas (redes sociais) que, até então, funcionam em um ambiente bastante experimental e incerto.

Os estudiosos nórdicos que pesquisam a midiatização seguem uma linha um pouco diferente do que foi abordado até aqui. Como são, em sua maioria, sociólogos, seus olhares se direcionam para uma visão mais macro, institucional e, de certa forma, menos comunicacional. Porém, como nossa pesquisa possuiu, para além do âmbito comunicacional, uma forte preocupação sociológica e cultural, e também buscamos entender como nossos empíricos (que são objetos da cultura) se inserem no processo de midiatização, essa visão mais sociológica (especialmente presente nos trabalhos de Stig Hjarvard), fornece perspectivas interessantes para tensionar e articular a cultura com a midiatização.

Andreas Hepp (2014) ressalta que existem duas tradições de pesquisa na midiatização, as quais ele chama de institucionalista (onde se localizam os pesquisadores nórdicos como: o próprio Hepp, Knut Lundby, Nick Couldry, Stig Hjarvard) e a socioconstrutivista (onde localizam-se os autores latinos citados a cima). A diferença principal entre as duas perspectivas está no foco como teorizam a midiatização, nas palavras de Hepp:

[...] enquanto a tradição institucional tem, até recentemente, estado interessada principalmente na mídia tradicional de massa, cuja influência é descrita como uma lógica de mídia, a tradição socioconstrutivista está mais voltada às práticas de comunicação cotidianas – especialmente aquelas relacionadas à mídia digital e à comunicação pessoal – e enfoca a construção comunicativa em transformação da cultura e da sociedade. (HEPP, 2014, p. 77).

Além disso, Hepp (2014) demarca a diferença entre mediação e midiatização, para determinar o que é sociedade dos meios e o que é sociedade em midiatização. Segundo o autor mediação é a característica geral de qualquer processo comunicacional envolvendo a mídia (construção de sentido), e midiatização é a conceituação das mudanças relacionadas ao campo das mídias, evidenciando como o processo de mediação tem sido alterado conforme novos dispositivos midiáticos vão surgindo. Em seu trabalho com o pesquisador Nick Couldry, Hepp complementa essa ideia: “Midiatização reflete como as consequências globais de múltiplos processos de mediação têm mudado com a emergência de diferentes tipos de mídia” (Couldry; Hepp, 2013, p. 197).

Já Hjarvard (2014b) concebe a midiatização como algo que está relacionado às transformações institucionais ocorridas na modernidade tardia<sup>11</sup>, dessa forma, não é um processo universal, mas uma tendência específica de sociedades modernas, globalizadas e desenvolvidas, que se acelerou de forma bastante acentuada nos últimos anos do século XX. Sua perspectiva dialoga diretamente com a concepção de Jesús Martin-Barbero, contudo afirma que a midiatização avança um pouco além do que Barbero propôs: “[...] as mídias, como estruturas, ou seja, práticas institucionalizadas, conseguiram impulso próprio, o que cada vez mais influencia outras esferas sociais” (Hjarvard, 2014b, p. 26). Dessa forma, para Hjarvard a midiatização é um processo relacionado a transformações profundas e estruturais de longa duração, que vem afetando a relação entre o campo midiático e as outras esferas sociais. O que, em certa medida, também dialoga com a visão de Verón em seu artigo

---

<sup>11</sup> Nos termos do sociólogo Anthony Giddens ou pós-modernidade segundo Zygmunt Bauman.

“Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências” de 2014 acerca do processo socioantropológico – um *continuum*.

Salientamos que, para fins dessa pesquisa, a complexificação do processo comunicativo resultante da midiatização e a pluralidade do conceito de midiatização, são aspectos centrais para nossas reflexões. É, exatamente, nesse espaço de incerteza (JAHN, 2013; FERREIRA, 2012, 2014) que localizamos nossos objetos empíricos. Onde as referidas *confrarias de amadores* utilizam processos comunicacionais tentativos para “fazer circular” materiais, buscar representatividade, “existir” em e na sociedade.

### 3.2.2 A Midiatização do *Habitus*

Em seu livro “*A Midiatização da Cultura e da Sociedade*” (2014a) Stig Hjarvard dedica um capítulo para discutir conceito de *habitus* (Bourdieu) e caráter social, buscando contemplar o papel da midiatização na constituição da identidade social e cultural da atualidade. Essa análise torna-se particularmente produtiva para nossos objetivos, na medida em que nossa pesquisa é um estudo de interface<sup>12</sup> (BRAGA, 2004), que tem, além das problematizações da comunicação, preocupações sociológicas e busca articular objetos da cultura com as perspectivas da midiatização.

Neste capítulo, Hjarvard faz um resgate histórico do caráter social para a sociologia, passando pelos trabalhos de Erich Fromm e David Riesman, bem como pelo conceito de *habitus* para entender a ação das mídias na formação do *habitus*.

Diante dessa premissa, Hjarvard elucida a concepção de Riesman sobre caráter social, que é dividida em três tipos: traditivo-dirigido (configurado pela vergonha, pela família imediata e estendida); introdirigido (configurado pelo sentimento de culpa internalizado) e alterdirigido (configurado por uma “ansiedade difusa” de não ser reconhecido e amado por seus pares). Descrevendo o processo de mudança do caráter introdirigido para o alterdirigido que, segundo Hjarvard, estaria relacionado com as transformações midiáticas ocorridas no século XX (processo de midiatização), e esclarece sua concepção do caráter alterdirigido:

[...] a principal característica do alterdirigido é sua sensibilidade fortemente desenvolvida em relação a uma vasta rede de pessoas e de mídias. Em outras palavras, consideramos a disposição alterdirigida como o instrumento de formação do caráter, e não como o resultado ou perfil penamente desenvolvido do caráter social propriamente dito. (HJARVARD, 2014a, p. 227).

<sup>12</sup> Essa concepção será abordada detalhadamente na discussão metodológica.



Nesse sentido, o autor indica que o intensificado processo de mediatização intervêm profundamente na formação do *habitus*, elaborando uma série de inferências e considerações sobre isso. Destacamos como central para nossa pesquisa: a ideia de individualismo brando e o reconhecimento por meio da mídia.

Para Hjarvard, o reconhecimento pela mídia passa a ser comum, de modo que o indivíduo contemporâneo busca ser “reconhecido e amado” por seus pares através de sua atuação/inserção nas práticas de circulação ou produção comunicacional, evidenciando os usos e apropriações.

E o individualismo brando significa que os indivíduos são, cada vez mais, estimulados a produzir “suas próprias biografias em uma sociedade que celebra o direito de serem tão individuais quando possível”. (HJARVARD, 2014a, p. 238). Porém, é brando, pois diferentemente das formas anteriores de individualismo, possui profunda dependência e sensibilidade em relação ao mundo exterior, aos outros. E é nessa relação que os meios de comunicação, e, por conseguinte a mediatização, contribuem tanto para produzir quanto para renovar o *habitus*, afinal possuem recursos para configurar estilos de vida, orientações morais e fazer a manutenção das relações sociais. (HJARVARD, 2014a).

Partir da premissa de que a mediatização tem moldado e configurado a formação do *habitus* trazer para nossa pesquisa os conceitos de individualismo brando e reconhecimento por meio da mídia, pode auxiliar na compreensão mais ampla das interações que ocorrem nos casos estudados. Além disso, podemos questionar o que veio antes dos dispositivos analisados, ou seja, de que forma essa transformação cultural e sociológica tem estimulado/potencializado a criação de dispositivos midiáticos voltados para a interação e circulação?

### 3.2.3 Circulação

Em nossa pesquisa, grande parte do entendimento do processo de mediatização nos objetos estudados se dá por meio da circulação, onde o fluxo da comunicação deve ser entendido de forma não linear, ultrapassando o modelo emissor-meio-receptor, é um processo que funciona na circularidade e não na linearidade.

As definições de circulação desenvolvidas pelos pesquisadores da Linha de Mediatização e Processos Sociais são largamente inspiradas pelos estudos de Eliseo Verón, que contribuiu para um melhor entendimento da passagem da sociedade dos meios para a sociedade em vias de mediatização e definiu circulação como “a defasagem, num dado

momento, entre as condições de produção do discurso e a leitura feita na recepção” (VERÓN, 2004, p. 53). Essa perspectiva permite estudar tanto o polo produtor quanto o polo receptor, pois é justamente, a articulação entre a produção, recepção e o discurso vinculado. (VERÓN, 2004).

A ideia inicial de circulação vem dos estudos de recepção e serve para descrever a dinâmica existente entre produtor e receptor. Na midiatização deixa de ser entendida apenas como um momento da mediação, pois não pode ser reduzida a um diagrama. É uma processualidade que passa por articulações de ordem social, técnica e comunicacional; envolvendo dispositivos, indivíduo e instituições. (FERREIRA, 2013).

Fausto Neto é um dos e pesquisadores brasileiros que tem contribuído de forma ativa para alargar a compreensão do conceito de inicial de circulação, definido por Verón. O autor diferencia a circulação da sociedade dos meios e a da sociedade em *vias de midiatização*, assinalando que a circulação passa a ocupar outro lugar por conta do processo de midiatização, afetando as lógicas das instituições (produtoras) e dos indivíduos (receptores), fazendo com que esses dois polos se atravessem e sejam colocados para “funcionar” em novas dinâmicas. (FAUSTO NETO, 2010).

Fausto Neto (2010) faz um resgate do uso do termo circulação, afirmando que os modelos de estudos comunicacionais tradicionais não utilizavam este conceito, considerando o espaço da circulação como uma *zona automática* de passagem do fluxo informacional. Mais recentemente, a circulação passou a ser entendida como *zona de indeterminação* onde “A soberania das gramáticas – em produção e em reconhecimento – teve suas marcas dissolvidas pela força de co-enunciações que se constituem no contexto (e pelos efeitos) deste novo dispositivo circulatório” (FAUSTO NETO, 2010, p. 9). Avançando nessa perspectiva Fausto Neto afirma:

A circulação desponta como um território que se transforma em lugar de embates de várias ordens, produzidos por campos e atores sociais. Aqueles motivados por causas que, ao se apropriar de processos – tecnoenunciativos midiáticos –, visam o acesso ao âmbito da circulação [...]. (FAUSTO NETO, 2013, p. 51)

Nesse sentido, Fausto Neto (2013) reconhece que os atores sociais se inscrevem na circulação para “colocar em fluxo” mensagem de seu próprio interesse. Fazem isso por meio dos usos e apropriações das normas ou gramáticas de produção de conteúdo. Este aspecto é de suma importância para nossa pesquisa, pois é exatamente isso que pretendemos investigar para entender como essas culturas alternativas, agrupadas no que chamamos de confrarias de amadores, se localizam no processo de midiatização.

Seguindo outro caminho interpretativo, Braga (2007) vê circulação como um processo interacional. E esclarece que o estudo comunicacional fechado nos modelos de produção de um lado e recepção de outro, não são suficientemente adequados para abarcar a complexidade interacional, tanto entre indivíduos quanto entre sociedade e mídia. Ressalta que o processo de circulação é difuso e diferido, pois quando um sentido midiaticamente produzido é lançado para a sociedade, entra na circulação. Assim, “sai do controle” do produtor, passando a fluir livremente entre pessoas, grupos e instituições e sofrendo, inevitavelmente, alterações nesses espaços interacionais. (BRAGA, 2006)

Braga (2012) atualiza esse aspecto, quando reflete sobre a circulação, descreve a ideia de “fluxo adiante”, que é a circulação indo além da relação direta entre produtor e receptor. Ocorre quando o receptor “faz seguir adiante” a mensagem, seja por meios tecnológicos ou não. Logo, a circulação vai além da relação produtor-receptor e ultrapassa a própria mídia e os campos sociais, deixando de ser um processo de “ida e volta” e se tornando um “fluxo contínuo”, sempre adiante. (BRAGA, 2012). A manifestação deste “fluxo contínuo” é denominada por Braga como circuito, espaços de fala e escuta, preenchidos de sentidos. Esses circuitos podem ser compreendidos como uma relação entre indivíduos e instituições fortalecidos/amparados por dispositivos, que se inscrevem na midiatização transformando o “lugar de fala” dos campos sociais, ficando cada vez mais difícil de determinar o ponto de início (produção), como podemos ver:

Encontramos uma circulação em fluxo contínuo, relacionada à geração de circuitos complexos – em dois sentidos: pela variedade de ambientes atravessados; e pela diversidade de processos, meios e produtos articuláveis ao circuito. Os circuitos mais marcados pela midiatização da sociedade atravessam os campos sociais estabelecidos, abalando sua capacidade de refração e o desenho de sua esfera de legitimidade. Em tais circuitos, aparece frequentemente um foco no polo receptor, produzindo o que chamamos de “contrafluxo de escuta”. (BRAGA, 2012, p. 48).

Na perspectiva de Ferreira (2007a; 2013) sobre circulação, destacamos que, para o autor, a circulação se passa em meio a dispositivos diversos e no âmago desses dispositivos. Assim, se estabelece a concepção epistemológica de *circulação intermidiática*, ou seja, “a circulação realizada no âmbito da constelação de dispositivos midiáticos” (FERREIRA E ROSA, 2011, p.21) e *circulação intramidiática* que se configura no que circula dentro do dispositivo (FERREIRA 2007a; 2013) e (ROSA, 2012).

O autor argumenta que é a circulação que torna o processo de midiatização visível, afinal ocorre no contato entre os dispositivos e os contextos socioantropológicos, tecnolológicos e discursivos e é lugar de agregação de valores, crenças e referências simbólicas.

(FERREIRA, 2013). Assim, entendemos o conceito de circulação como aspecto central da mediação, evidenciando toda sua complexidade.

A partir desta ótica, é possível investigar essas estruturas comunicacionais e interacionais - os dispositivos (por menores que sejam) - para descobrir suas especificidades, seus contextos específicos e que usos e apropriações são singulares de cada dispositivo estudado, bem como, aquilo que se repete como prática em diversos dispositivos.

Para nossa pesquisa, consideramos importante analisar como ocorre a circulação intermediária e intramediária, pois os dispositivos que estudamos, ao estarem ligados com culturas não hegemônicas, vão se constituindo através de relações tensas de disputa de poder, tanto dentro do próprio dispositivo quanto com as culturas hegemônicas fora dele.

### 3.2.4 Dispositivos Midiáticos

O conceito de dispositivo vem das ciências sociais (Foucault) e foi discutido por vários autores como Deleuze (1990), Agamben (2005) e Peraya (2002), por conta dessa multiplicidade de interpretações e variabilidade de complexidade é bastante genérico, portanto, como afirma Ferreira (2007, p. 7), “requer, em nossa interpretação, a necessidade de diferenciá-lo para pensarmos a comunicação”. Se direcionado para a questão comunicacional, apresenta-se como uma heurística para o estudo de mediação, em especial, da circulação que é abstrata e se concretiza na própria análise dos dispositivos em que ocorre. Conforme Ferreira:

[...] o dispositivo não é meio nem mensagem. É um lugar de inscrição que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção, e, ao mesmo tempo, passagem e meio. Nesse duplo movimento, observa-se um deslocamento/reescalamento, instalando novas lógicas de classificações em contextos interacionais em que está inserido. (FERREIRA, 2013, p. 139).

Esses dispositivos midiáticos podem ser vistos como espaços de interação. Braga, em seu artigo *Dispositivos Interacionais* (2015), traz essa perspectiva interacional, desenvolvendo uma ampliação da noção de dispositivos sociais expressa em *A sociedade enfrenta sua mídia – dispositivos sociais de crítica midiática* (2006), onde se estudou exclusivamente dispositivos críticos.

Agora tratamos, em geral, da diversidade de matrizes socialmente elaboradas e em constante reelaboração – que de um modo ou outro a sociedade aciona para poder interagir. No presente estudo, o que importa é enfatizar que tais dispositivos são elaborados através do processo mesmo de interações tentativas – que geram, por

aproximação sucessiva, modos e táticas na busca de uma efetividade comunicacional ampliada, desenvolvendo, na prática, objetivos e critérios indicadores de sucesso. (BRAGA, 2015, p. 12).

Partir do princípio de que nossos objetos (Whiplash e Vista-se) são dispositivos interacionais, afasta o risco de cair em determinismo tecnológico, pois não se trata de “ver” o Whiplash e o Vista-se como dispositivos pelo viés tecnológico, pelo fato de serem sites ou por estarem na internet. O que chamamos “dispositivo” então, não se refere exclusivamente, ao aparato tecnológico, mas sim às relações construídas pelas interações entre os participantes. É na verdade o mecanismo utilizado para interagir, que é construído e está em constante transformação através das próprias interações. E é em relação ao dispositivo que se dá a circulação (intra e intermediática). Nesse sentido Braga afirma:

Os processos elementares que compõem um dispositivo interacional são *inferências* – solicitadas pelo aspecto lacunar das coisas compartilhadas; pela alteridade dos participantes; pela copresença de códigos diversificados; e pelas necessidades internas de produtividade da interação; e *códigos* – quaisquer elementos compartilhados entre os participantes e trazidos como base comum para a ação comunicacional destes. (BRAGA, 2015, p. 12).

Na concepção de Braga (2015) o dispositivo interacional é uma matriz, um modelo, que é desenvolvido e adaptado na própria prática, evidenciando seu caráter experimental (tentativo). O “sucesso” desse dispositivo varia conforme a “articulação mais ou menos definida de processos “de código” e de espaços não codificados solicitadores da inferência dos participantes”. (BRAGA, 2015, p. 12).

Para Braga (2015) o código é tudo aquilo que já é compartilhado (determinado idioma, normas de comportamento, etc), enquanto a inferência se faz necessária quando são colocadas, na interação, informações que não são códigos compartilhados por todos os participantes. Quanto mais experimental for o dispositivo, ou seja, quanto menos códigos tiver, mais difícil se torna o processo comunicativo. Tomando nossa pesquisa como exemplo: para haver comunicação entre os participantes da comunidade do *Heavy Metal*, se torna necessário uma série de códigos sobre o estilo, quem não compartilha desses códigos encontra muita dificuldade de interagir nesse ambiente. Isso é, inclusive, usado para esse fim, para excluir quem está fora, gerando incomunicabilidade. Já no caso no *veganismo* existe um esforço conjunto para que os códigos sejam compartilhados, buscando uma comunicação mais eficiente.

A contribuição de Ferreira (2007; 2013) é providencial para esta pesquisa, pois avança na caracterização dos dispositivos, concebendo três instancias do dispositivo: a sócio-

antropológica (hierarquização), a semiodiscursiva (estética) e a tecno-tecnológica. Dessa forma, o dispositivo não é nem meio, nem mensagem; é um lugar de inscrição onde a prática social se projeta. Para entrar no dispositivo o indivíduo precisa de uma concessão, de um “cadastro”. E ao se “cadastrar” começa a produzir atividades novas dentro do dispositivo (FERREIRA, 2013). Esse ponto é particularmente interessante para nossa pesquisa, pois os dois casos estudados são configurados por *comunidades de sentido* ou *neotribos*, que estabelecem uma série de regras para a inscrição e participação na comunidade, e ao mesmo tempo, possuem um potencial polêmico, gerador de divergências internas, que decorre exatamente, da inscrição de atores nos dispositivos, os quais fazem circular determinados assuntos. Isso corrobora com a ideia de que a circulação é um conceito em movimento, dinâmico e é aquilo que potencializa a interação com o dispositivo. (FERREIRA, 2013).

Recentemente Ferreira atualizou sua concepção, evidenciando que o conceito de dispositivo, assim como o da própria midiatização não é fechado, mas sim maleável e em processo de construção. Em seu entendimento atual, Ferreira (2015) vê o dispositivo midiático como uma articulação empoderada - ou seja, consolidada como prática social - entre meios, consumos, usos e apropriações.

### 3.2.5 Usos e Apropriações

Entendemos que a midiatização é visível na circulação (FERREIRA, 2013), e que ocorre tanto entre dispositivos (circulação intermidiática) quanto dentro dos dispositivos (circulação intramidiática). (FERREIRA 2007a; 2013) e (ROSA, 2012). Portanto, se faz necessário discorrer sobre a questão dos usos e apropriações, que são as formas as quais os atores sociais e as instituições utilizam para fazer esse processo acontecer (seja ele mediado por uma máquina ou não).

Para este trabalho acionamos os pressupostos de Serge Proulx (2013)<sup>13</sup> sobre usos e apropriações. A noção de uso está relacionada ao fato de se utilizar de determinado meio, aparelho, instrumento ou ferramenta, de forma autônoma, gerando “modos de fazer” nos dispositivos que podem se tornar rotinas ou não. É importante ressaltar que o uso não é algo naturalizado e neutro, está intrinsecamente ligado a determinada trajetória pessoal ou social, pois o indivíduo precisa ter certas competências para usar determinado dispositivo. Nesse

---

<sup>13</sup> Ainda que este seja um autor não diretamente ligado aos estudos de midiatização, a tradição dos estudos dos usos e apropriações é fundamental para entender a complexidade dos dispositivos e das circulações.

sentido, Proulx (2013) entende os usos como as experiências individuais ou coletivas dos atores sociais inscritas em dispositivos.

Já a apropriação, para Proulx (2013), é algo mais complexo, pois é uma matriz técnica e cognitiva que permite a criação, a reinvenção do uso da própria participação do sujeito. O autor salienta que apropriação é o final de um processo, seu estágio mais sofisticado que vai desde o consumo (o momento do contato inicial com determinado dispositivo) até a apropriação, passando pelos usos. As apropriações geram novas formas de uso dentro de determinado dispositivo, muitas vezes totalmente diferentes da função inicial.

Com base nessas definições, analisamos nossos dispositivos na busca por esses usos e apropriações, para entender como os *headbangers* e os *veganos* se colocam na circulação. Encontramos uma grande variedade de usos e alguns exemplos de apropriação, em ambos os casos<sup>14</sup>, que nos fornecem pistas para compreender o processo de mediação do *heavy metal* e do *veganismo*.

---

<sup>14</sup> Estes pontos serão abordados detalhadamente em um capítulo analítico posterior.

#### 4 PERCURSO METODOLÓGICO

Para pensarmos em aspectos metodológicos, é importante definir que entendemos o campo de estudos comunicacionais como algo em fase de construção, ou seja, está em constituição (BRAGA, 2004; 2008; 2011; 2010d), afinal possui grande variedade de ângulos e abordagens que têm origem em áreas diversas do conhecimento. Segundo Braga, o esforço epistemológico das pesquisas em comunicação deve ser o de “desentranhar o comunicacional” das outras Ciências Humanas e Sociais, que é o empenho em elaborar perguntas mais próximas do fenômeno da comunicação, buscando “desentranhá-lo das preocupações que determinam o olhar nas demais disciplinas, estabelecidas”. (BRAGA, 2010d, p. 04). Não se trata de separar o que é essencialmente comunicacional ou de criar um “território comunicacional”, mas sim “articular os ângulos postos por várias disciplinas inferindo, em sua transversalidade, características próprias do fenômeno comunicacional”. (BRAGA, 2010d, p. 02).

Na busca para resolver essa problemática indefinida referente a o que, de fato, é comunicação, Braga aponta uma epistemologia que deve levar em conta a diversidade de ângulos e questões abordadas nas pesquisas comunicacionais, de forma não dispersiva, sem ceder a um pensamento reducionista que pode forçar a centralização do campo em torno de uma “teoria geral” da comunicação. Propõe que os estudos de interface (BRAGA, 2004) seriam um espaço de desenvolvimento possível para questões comunicacionais. Ressaltando que *estudos de interface* não se referem a interdisciplinaridade simplesmente, pois não representam a diluição total das fronteiras, mas sim tensionamento dessas múltiplas concepções, tornando central a percepção do comunicacional na interface estudada. Como por exemplo, no caso de nossa pesquisa que versa sobre *culturas alternativas*, devemos identificar transversalidades e ângulos diversificados na interface cultural para auxiliar na compreensão do fenômeno comunicacional.

No processo de construção de nossa pesquisa a aproximação entre as teorias acionadas e o empírico é essencial para o andamento da investigação. Nesse sentido, Ferreira (2012, p. 169) argumenta que é preciso articular regras de interpretação a indícios. Assim, através dos empíricos e da observação dos mesmos conseguimos desenvolver a proposta acima citada - *estudos de interface* -, mesclando reflexões teóricas do campo da comunicação (neste trabalho, especificamente da midiatização) com as teorias desenvolvidas em outras áreas. Braga (2008) ressalta que uma adequada combinação entre a teoria e a prática auxilia no trabalho investigativo da descoberta científica e facilita o avanço do conhecimento. O que não



significa traçar um caminho excessivamente fundamentado nos empíricos, pelo contrário. Braga salienta que “uma visão empiricista que pretendesse extrair conhecimento diretamente do material ou situação observada, ‘a olhos nus’, não iria muito além de descrições superficiais, de senso comum ou em perspectivas idiossincráticas” (BRAGA, 2008, p. 81).

Diante dessa proposta, iniciamos a pesquisa definindo os objetos que seriam observados (site Whiplash e Portal Vista-se). Em seguida, passamos a observar sistematicamente esses objetos, o que gerou textos descritivos<sup>1</sup>, abrangendo lógicas e inferências preliminares que ali foram encontradas. Esse movimento propiciou a elaboração de perguntas<sup>2</sup> voltadas para compreender a realidade dos objetos, para além dos ângulos específicos de outras áreas, pretendendo encontrar quais aspectos - dentro dessa interface da cultura - a sociologia, a linguística, a antropologia, entre outras disciplinas, não dão conta de explicar.

Esse procedimento permitiu voltar o olhar para a articulação de nossos empíricos com reflexões teóricas desenvolvidas no âmbito da mediação, tais como: dispositivos e circulação intra e intermediária. Assim, saímos do objeto empírico, avançando na direção de buscar teorias que contemplassem os eixos de investigação encontrados, para então voltar aos objetos e por fim, articular as teorias com os empíricos construindo hipóteses novas. Por meio desse percurso configuramos o caso da pesquisa, dividido em: campo de observação (que contempla a descrição dos objetos, sua história, e uma tentativa de construção imagética) e proposições da pesquisa (que reúne nossas perguntas e inferências iniciais, a serem testadas e ponderadas à luz das teorias e do próprio empírico).

Essa escolha metodológica de “idas e vindas”, dos materiais empíricos às teorias e das teorias aos materiais empíricos, contribuiu para a construção do caso da pesquisa. Isso foi feito para conseguir identificar, dentro da interface estudada, os eixos comunicacionais pertinentes ao problema da pesquisa, conforme método descrito por Ferreira (2011; 2012). O autor argumenta que é necessária a adoção de movimentos ascendentes e descendentes (“idas e vindas”). Iniciados por um movimento descendente que sai dos indícios preliminares e vai para os empíricos já sistematizados. Seguido de um movimento ascendente que parte desse empírico constituído para formulação de hipóteses, e por fim, uma lógica ascendente articuladora de conceitos e teorias. Em conjunto, Ferreira (2012), propõe o movimento de abdução como uma inferência hipotética, para criar novas hipóteses explicativas não contidas

---

<sup>1</sup> Apresentados no capítulo 2, no item de “contextualização”.

<sup>2</sup> Que estão na “apresentação” dessa pesquisa.

nas premissas, portanto a lógica abdutiva é a lógica da descoberta, através de uma leitura racional de indícios e sinais.

As Ciências Humanas e Sociais, normalmente, legitimam dois métodos de raciocínio: a dedução e a indução. Ferreira (2012) - referenciando Pierce - adota uma terceira perspectiva (abdução) e afirma que “o que vai diferenciar os tipos de argumentos – a dedução, a indução e a abdução – é a inferência. Na dedução, a inferência está direcionada aos resultados; na indução, a uma nova regra interpretativa; na abdução, ao caso (Pierce, 1878)”. (FERREIRA, 2012, p. 1). À vista disso, a dedução e a indução fecham o processo de inferências: às teorias (da teoria geral para o objeto particular), quando inicia com uma norma/regra, aplica essa premissa ao caso (objeto) e por fim, busca resultados. Ou aos empíricos (dos objetos para uma teoria geral), quanto a hipótese se origina de indícios e observações, gera a inferência de um resultado, para depois mobilizar a regra, a teoria.

Ferreira ressalta que ambos os métodos correm o risco de gerar análises e inferências reducionistas, que resultem em “verdades” teóricas dogmatizadas (aquelas que “explicam o mundo”) ou classificações arbitrárias dos objetos empíricos. Deste modo, a abdução representa uma terceira via, permitindo desenvolver o raciocínio a fim de elaborar encaminhamentos mais “inventivos”, inscrevendo *o caso da pesquisa* entre as duas ações (dedução e indução) e configurando-se como a pesquisa que parte do campo teórico estudado e das características dos objetos ao mesmo tempo. Para Peirce (1999, p. 220) a abdução é “o processo de formação de uma hipótese explanatória, um devir que pode se constituir como descoberta”. Portanto, o pensamento abductivo propicia a criação de uma hipótese nova (*insigt*), como também permite a percepção de divergências e convergências no objeto estudado. Deste modo, adotamos em nossa pesquisa a construção da hipótese, predominantemente, do tipo abductivo. Ressaltamos que a construção de hipóteses não pode ser exclusivamente abductiva, pois os métodos de raciocínio são interligados, como adverte Ferreira (2010, p.82): “não há um tipo de argumentação (dedutiva, abductiva e indutiva) que ocorra de forma pura” (FERREIRA, 2010, p. 82) e amplia essa discussão:

Mantidos cada um dos três operadores semânticos (Regra, Caso e Resultado) como inferências de operações relacionadas aos outros dois operadores, cada argumento deixa de ser autônomo em relação ao outro, para ser logicamente solidário e dependente dos outros dois. A inferência dos três níveis (casos, resultados ou regras) é produzida como operação realizada a partir de duas outras proposições-inferências, que comparecem, no argumento, como premissas (FERREIRA, 2012, p. 165).

Ferreira - para operacionalizar o conceito abstrato de abdução - sugere que podemos entender a inferência abductiva como operações de analogia e homologia. É através da busca

de analogias e homologias que a investigação abdutiva se manifesta. Ferreira, diferencia esses dois conceitos citando Ferigolo:

Uma diferenciação de tipos de analogias, começando pela diferenciação entre analogia e identidade (homologia). Ilustrativamente: a identidade entre braços e pernas anteriores dos quadrúpedes permite falar em homologias (mesma origem genética), mas a diferença produz inclusive nomes diferentes. Ou seja, objetos com mesma origem genética são homólogos, mas não necessariamente análogos. Os voos das aves são análogos; idênticos somente os voos dos insetos entre si, das aves das "mesmas famílias" (FERIGOLO, 2012 apud FERREIRA, 2015, p. 8).

Ou seja, a analogia busca estabelecer relações entre elementos conhecidos para inferir sobre o que não é conhecido. Por meio da identificação, entre esses elementos, do que lhes é comum, podemos investigar o que lhes é singular. De forma simplificada, exemplificamos: quando temos a premissa de que “o skate está para o skatista, assim como a prancha está para o surfista”, identificamos que a função do skate para o skatista é análoga a função da prancha para o surfista, encontramos uma semelhança. A partir disso, podemos investigar quais as diferenças, o que faz com que determinado objeto seja um skate e não uma prancha.

Já a homologia tem origem na biologia, refere-se à mesma gênese, como a mão humana e a pata de um cachorro. Extrapolando a biologia, no exemplo citado, poderíamos afirmar que o skate e a prancha de surf além de análogos, também são homólogos, pois tem uma mesma origem<sup>3</sup>. Porém, nem sempre os elementos comparados serão análogos e homólogos ao mesmo tempo, podem ter somente um desses tipos de relação.

#### 4.1 DEFINIÇÃO DO *CORPUS*

Através da observação sistemática dos objetos e dos movimentos de “idas e vindas” em relação à teoria - citados anteriormente - restringimos alguns materiais para nossa análise, os quais parecem fornecer uma multiplicidade de ângulos adequada para o estudo aqui proposto. Sempre atentando para responder as questões descritas na apresentação deste trabalho.

Em um primeiro momento, selecionamos uma coleção de matérias respeitando a seguinte lógica: para o dispositivo Whiplash, optamos por dar prioridade à análise de comentários vinculados a matérias sobre três bandas/artistas nacionais (JackDevil, Nervosa e Bill Hudson) - por conta das interações diretas encontradas entre músicos e fãs. Também

---

<sup>3</sup> Segundo o site SkateBoard Brasil (<http://www.skateboardbrasil.com.br/>), no final da década de 50 surfistas californianos colocaram rodas em suas pranchas para que pudessem surfar nas ruas da cidade, quando o mar não estivesse propício para o surf, dando origem ao skate.

selecionamos matérias com potencial polêmico, que definimos como assuntos “delicados”, que tratam sobre fronteiras do estilo, considerados *tabus* para os *headbangers*. Por exemplo: a relação *underground* versus *mainstream*; discussões sobre a cena do *heavy metal* no Brasil; relação com a mídia tradicional; relação com quem está fora do *heavy metal*. Esses materiais são particularmente interessantes, pois evidenciam a interação dos usuários e produções do site com o que está “fora” da *confraria de amadores* (sociedade e mídia). No caso do Vista-se, igualmente priorizamos as interações que são referentes a publicações que possuam esse potencial polêmico, como espaços de embate entre *veganos*, não *veganos* e vegetarianos; formas de representação do *veganismo* na sociedade; divergências internas entre *veganos* sob a ótica do abolicionismo total dos animais.

Para delimitar a segunda coleção de empíricos acionamos o conceito de *episódio interacional* (BRAGA, 2015), que é definido como:

O fenômeno comunicacional se realiza em *episódios de interação* entre pessoas e/ou grupos, de forma interpessoal ou midiaticizada. (...) Assumindo que não há comunicação sem interação, podemos estipular que as interações sociais correspondem ao lugar em que podemos tentar nos aproximar do fenômeno comunicacional em sua ocorrência. As interações envolvem uma grande variedade de circunstâncias, processos, participantes, objetivos e encaminhamentos. De certo modo, cada episódio pode ser considerado singular, na sua existência histórica. (BRAGA, 2015, p. 3).

Portanto, é no *episódio interacional* que a comunicação ocorre, nesse espaço de interação onde existe a tentativa de compartilhamento de mensagens. Nessa perspectiva Braga defini que a comunicação nem sempre é bem sucedida, o sucesso interacional não é garantido, pois varia conforme diversos aspectos entram em jogo: as intenções dos participantes, a clareza dos enunciados, as competências interpretativas e etc. Essa concepção evita que se restrinja o conceito de “comunicação” a “comunicação eficiente”,

(...) assumimos como “comunicação” não só aquela de valor alto, do processo bem-sucedido ou da obtenção de consenso – mas toda troca, articulação, ou tensionamento entre grupos, entre indivíduos, entre setores sociais; frequentemente desencontrada, conflitiva, agregando interesses de todas as ordens; marcada por casualidades que ultrapassam ou ficam aquém das “intenções” (que, aliás, podem ser altas ou rasteiras). (...) É preciso então não confundir “comunicação” com “comunicação bem sucedida” ou com “comunicação de boa qualidade”. Menos ainda com um padrão extremo de controle dos resultados. É claro que valores altos e sucesso comunicacional devem ser compreendidos e buscados, assim como a seus critérios – mas devemos ter uma apreensão mais abrangente do processo, mesmo em seus “desvios”, ineficácias, valores baixos, resultados canhestros, inclusive para compreender o que se define aí como valor. (BRAGA, 2015, p. 4).

Entendemos que é produtivo utilizar a ideia de *episódio interacional* para a construção da pesquisa, circunscrevendo episódios singulares que fazem parte do universo mais amplo onde estão inseridos nossos objetos. Assim, recortamos e delimitamos o *corpus* evitando cair numa análise dispersiva na tentativa de observar o todo do objeto. Além disso, essa metodologia permite observar e analisar os dispositivos comunicacionais (Vista-se e Whiplash) inscritos na circulação (intra e intermediática), contemplando o panorama teórico da midiaticização a serviço do problema da pesquisa.

Para a análise do Vista-se escolhemos o episódio que ficou conhecido com “Porcas do Rodoanel”<sup>4</sup>, pois evidencia que o Portal tenta se configurar como referência para o veganismo brasileiro, afinal, mesmo não estando diretamente relacionado ao ocorrido no início, ele foi o meio articulador de todo o processo de resgate e remanejamento dos animais. Nesse episódio selecionamos materiais que dão conta de “mostrar” a circulação em fluxo, ou seja, uma espécie de linha do tempo do episódio construída da seguinte forma: matéria do telejornal da Rede Globo Bom Dia São Paulo (primeiro veículo a noticiar o caso), conjunto de matérias da cobertura do Portal G1, pedidos de ajuda (e comentários) publicados pelos ativistas no *Facebook*, conjunto de materiais (e comentários) publicados pelo Vista-se sobre o caso (tanto no *Facebook* quanto no portal), comentários vinculados à campanha de financiamento coletivo criada pelo Vista-se, vídeos feitos por ativistas do resgate e remanejamento dos animais até o santuário, coluna do Fábio Chaves publicada no R7 sobre o tema, finalizando com matérias do Portal G1 e do Telejornal da Record Domingo Espetacular que mostram a vida dos porcos no santuário após o resgate. Esse *corpus* foi coletado entre os dias 25/08/2015 e 30/09/2015.

No caso do Whiplash, escolhemos o Rock In Rio 2015. Historicamente o festival (especialmente sua primeira edição) representa um marco para o *heavy metal* no Brasil. E, por conta de ser um evento de grandes proporções, recebe cobertura massiva da mídia em geral (não só dos veículos especializados em *heavy metal*), permitindo verificar como a *comunidade de sentido* se relaciona com o que está fora dela, problema recorrente no estilo explicitado no item de contextualização no capítulo 2. A fim de evidenciar essa relação da comunidade com o que está fora dela, optamos por analisar matérias (e comentários) do Whiplash sobre o RIR, incluindo uma sessão especial que reúne textos opinativos acerca de

---

<sup>4</sup> Em 25/08/2015 uma carreta que transportava porcos para um abatedouro tombou próximo a um pedágio no trecho da rodovia Rodoanel, na Grande São Paulo. Através de uma ação conjunta entre ativistas independentes e o Portal Vista-se os porcos foram resgatados e levados para um santuário.

edições anteriores do festival. Também, matérias do G1 sobre as bandas de *heavy metal* que tocaram na edição de 2015, finalizando com comentários enviados por espectadores que foram vinculados durante as transmissões dos shows ao vivo. Esse *corpus* foi coletado entre os dias 18/09/2015 e 30/10/2015.

#### 4.2 TÁTICA DE ABORDAGEM DO *CORPUS*

Adotamos, a tática de *Análise Performativa* (BRAGA, 2010a), para auxiliar na aproximação com os empíricos selecionados. Esse conceito foi apresentado na disciplina do PPG em Comunicação da Unisinos “Estudos Empíricos”, ministrada pelo professor José Luiz Braga em 2010. Consiste em:

O que caracteriza uma análise performativa é estudar sistematicamente as relações que o objeto constrói e entretém com seu contexto, assim como as ações realizadas pelo texto ou pelo produto midiático nas dimensões explicitamente definidas pelo problema de pesquisa que esteja em construção. (BRAGA, 2010a, p.09).

Esse processo é composto por dois níveis: um, onde se observa as ações internas do objeto e o outro onde se observa as ações que este objeto realiza, bem como as relações que constrói com seu contexto (ações externas). Cada um desses níveis possui parâmetros específicos a serem analisados. Esses parâmetros foram construídos, inicialmente, para análise de artigos acadêmicos da área de comunicação (conforme pesquisa desenvolvida por Braga naquele momento), mas o objetivo é que a tática possa ser aplicada a qualquer objeto, seja ele um texto, um filme ou um dispositivo midiático.

Através da análise performativa, visamos entender o que o *Whiplash* e o *Vista-se*, como dispositivos ativos em uma circulação interacional, “fazem” através do que “dizem” ou “mostram”. (BRAGA, 2010a). Essa tática permite observar os dispositivos (*Whiplash* e *Vista-se*) e suas relações com o que está fora deles – contexto amplo (*heavy metal* e *veganismo*) e sociedade (na interface da cultura e mídia de massa) – nos dois níveis definidos por Braga. Um é alusivo ao que permeia de fora para dentro do dispositivo (*Vetores a montante*) e outro ao que sai do dispositivo para o contexto amplo e para a sociedade (*Vetores a jusante*). Essa perspectiva reforça nossa preocupação com a circulação, tanto intramidiática quanto intermediática.

Após a análise individual de cada um desses episódios faremos um texto analítico transversal entre o *Vista-se* e o *Whiplash*, cruzando os resultados encontrados entre si. Por meio da observação desse *corpus* e das referências teóricas explicitadas, pretendemos

entender o funcionamento de cada um dos objetos, verificando nossa hipótese e desenho inicial no contexto das duas materialidades, por fim, vamos elaborar inferências mais amplas, conforme a metodologia abdutiva referenciada acima, compreendendo assim, como se inscrevem no contexto redes digitais/mediatização.

## 5 CONSTITUIÇÃO DE CULTURAS ALTERNATIVAS EM PROCESSOS DE MIDIATIZAÇÃO

Como analisamos a circulação intra e intermediária nos dispositivos estudados, a perspectiva da definição de um circuito-ambiente, conforme (FERREIRA, 2016) nos parece produtiva. O autor propõe que no âmbito das pesquisas em midiatização seja analisada a formação de “espaços agonísticos, de disputas entre diversos protagonistas e antagonistas, o que vem permitindo a compreensão da circulação em redes digitais de forma específica” (FERREIRA, 2016, p. 11). Entende-se que são ambientes complexos onde os atores podem ser emissores e receptores ao mesmo tempo e por isso modelos lineares não contemplam essa complexidade. E complementa:

Esses novos ambientes-circuitos requerem novos diagramas para elucidação dos campos "de luta" decorrente de diferenças que são neles constituídas e os constituem, que emergem da proliferação de defasagens (semióticas, de língua, linguagem, usos de técnicas e tecnologias), entre as quais as relativas aos meios de comunicação sociais - o amor, o ódio, a luta pelo conhecimento, pelo reconhecimento em torno de desejos, necessidades, individuais e grupais, etc. Eventualmente são constituídos espaços de negociações, de contratos entre os diferentes. (FERREIRA, 2016, p. 11)

Com base nessa concepção, definimos diagramas para cada objeto estudado atentando para a identificação dos atores, instituições midiáticas e relações que compõem o caso de investigação, os quais serão apresentados ao final desse item analítico.

Acerca do *corpus* explicitado no capítulo metodológico é importante ressaltar que, apesar de termos colhido uma diversidade de materiais que permitiu nossas inferências, não vamos explicitar todos aqui no trabalho. Mostraremos somente alguns exemplos.

Para direcionar nossas análises a seguir, partimos da conceituação de dispositivo midiático construída em nosso capítulo teórico, a partir de Ferreira (2006; 2015) e Braga (2015), observamos o Whiplash e o Portal Vista-se, verificando como esse conceito ajuda na compreensão do processo social que está ocorrendo nesses objetos. Iniciamos pelos questionamentos: o Whiplash e o Portal Vista-se configuram-se, empoderam-se como dispositivos midiáticos? Como se dá esse processo? E como isso tem reverberado para o contexto geral do *heavy metal* e do *veganismo* no Brasil? Como a comunidade de sentido lida com o que está fora dela? Como esses processos interferem na constituição do *heavy metal* e do *veganismo* como cultura alternativa? A partir dessas perguntas acionadoras do modo de pensar e que recuperam o problema de pesquisa e nossa proposição inicial, passamos a analisar os observáveis recortados.



## 5.1 ANÁLISE DO WHIPLASH E O EPISÓDIO DO ROCK IN RIO 2015

A primeira edição do festival de música Rock In Rio, ocorreu entre os dias 11 e 20 de janeiro de 1985 e foi um marco para o *heavy metal* no Brasil. O acesso a qualquer material de bandas deste estilo era muito difícil devido a diversos processos sociais e econômicos pelos quais o país passava naquele momento, fazendo com que o mesmo fosse pouco conhecido e difundido no país, como reitera Júlio Verdi em artigo de opinião publicado no Whiplash<sup>103</sup>:

Quem naquela época começava a respirar o rock no Brasil sabia das galácticas dificuldades de se ter acesso a bandas e informações. O Brasil estava se desvencilhando de um panorama político comandado por quase duas décadas de chumbo, onde a liberdade artística (em qualquer área) era controlada com rigor pelo poder militar. (Verdi, 2015).

Porém, a combinação dos shows de grandes nomes como Iron Maiden, Megadeth, AC/DC, Ozzy Osbourne. A transmissão do espetáculo na íntegra pela Rede Globo e o enfraquecimento da ditadura militar fizeram com que o Brasil entrasse para a rota internacional das bandas de *heavy metal*, movimentando o mercado fonográfico local com o lançamento de centenas de discos (novos e antigos), bem como a formação de diversas bandas brasileiras foi inspirada pelo festival (por exemplo, o Angra). Como mencionado, na contextualização deste trabalho, foi nas transmissões do primeiro Rock In Rio que repórteres da Globo usaram a expressão “metaleiro” para definir os fãs das bandas de *heavy metal* pela primeira vez ao grande público. (BATALHA, 2013).

Por conta da importância histórica, essa primeira edição do festival ganhou, no “imaginário” do *heavy metal* nacional, contornos idealizados, e até hoje é referida como a única edição que foi realmente boa, que não tinha artistas pop. Esse discurso é muito comum e repetido cada vez que se anuncia o *line up* de uma nova edição, mas ignora o fato de que além das bandas acima citadas, a primeira edição contou também com nomes como Ivan Lins, Elba Ramalho, Ney Matogrosso e Rod Stewart, evidenciando que sempre foi um festival de música, não exclusivamente de *heavy metal*. Inferimos que essa idealização é uma tentativa de criar uma ancestralidade em comum, um ponto de origem compartilhado e agregador.

A edição aqui circunscrita como episódio comunicacional (BRAGA, 2015) foi a comemorativa dos 30 anos do festival, que ocorreu entre os dias 18 e 27 de setembro de 2015. Desde a edição de 2001 cada dia do festival é dividido de acordo com os estilos musicais,

---

<sup>103</sup> Disponível em: <[http://whiplash.net/materias/news\\_807/216269-rockinrio.html](http://whiplash.net/materias/news_807/216269-rockinrio.html)>. Acessado em: 26 de fevereiro de 2016.

sendo que o *heavy metal* fica com três dias. No ano de 2015 as apresentações de destaque de *heavy metal* foram: Metallica, Mötley Crüe, Slipknot, System of a Down, Faith No More, Mastodon e Nightwish (*feat* Tony Kakko) (atrações internacionais); Angra (*feat* Dee Snider e Doro Pesch) e Noturnall (*feat* Michael Kiske) (atrações nacionais).

Com base nessa contextualização, analisamos o episódio em duas instâncias: aspectos comunitários do *heavy metal* e questões do processo de circulação e mediação envolvendo o dispositivo Whiplash. Seguem nossas análises.

### 5.1.1 “Nós” contra “eles” – Aspectos Comunitários em Jogo

Como afirmamos anteriormente, o *heavy metal* surgiu entre filhos de operários em bairros pobres de Londres, pessoas que eram excluídas (economicamente e socialmente) da sociedade. Mesmo que essa realidade tenha sido superada atualmente, esse legado de ser uma música para excluídos ainda persiste, porém em outros contextos. Então aqui o termo “excluído” não representa apenas a exclusão de classes, se refere também a questões religiosas e até mesmo comportamentais no âmbito individual, onde a pessoa que se sente “diferente” dos demais, por exemplo, sendo tímida ou não correspondendo a um determinado padrão. Daí deriva a organização do estilo como uma comunidade de sentido (JANOTTI, 2002), que de forma restritiva, busca “fechar as fronteiras” e não reage bem a afetações externas, criando o persistente pensamento dual expressado nos discursos veiculados pelos amadores<sup>104</sup>.

Diante disso, observamos que a mídia tradicional aborda a cultura do *heavy metal* de forma que não contempla vários dos aspectos identitários que são considerados essenciais pelos amadores vinculados a essa cultura. Estes reagem condenando a cobertura midiática tradicional. Podemos ver essa dinâmica em diversas matérias publicadas pelo G1 durante a realização do Rock In Rio 2015, como por exemplo:

---

<sup>104</sup> Certamente, nem todo o fã se comporta desta forma, mas o que chamamos de amador, nesta pesquisa, se refere a esses fãs e seu discurso caracterizador do *heavy metal*.

Figura 29 - Matéria do G1 sobre shows no Rock In Rio

## Rock in Rio terá 'poderosas do metal': Doro Pesch, Floor Jansen e Lzzy Hale

Cantoras do Nightwish e Halestorm desafiam domínio masculino no estilo. Doro é 'rainha do metal' em carreira solo e elege Floor 'princesa'; veja perfis.

Do G1, em São Paulo



Da esquerda: Lzzy Hale, do Halestorm, Floor Jansen, do Nightwish, e Doro Pesch, atrações do Rock in Rio (Foto: Divulgação / Sites das cantoras)

O Rock in Rio terá três cantoras de heavy metal que desafiam o domínio masculino no estilo. A veterana Doro Pesch e as vocalistas do Nightwish, Floor Jansen, e Halestorm, Lzzy Hale são as

Fonte: Portal G1<sup>105</sup>

A matéria consiste em um texto bastante superficial sobre as três vocalistas citadas que iriam se apresentar no Rock In Rio, focando na aparência física das mesmas. O que “incomodou” os amadores nessa cobertura foi o uso da palavra “poderosas”, normalmente vinculado ao *funk* carioca e o fato de definir a cantora Lzzy Hale e sua banda *Halestorm* como *heavy metal*, esta é comumente classificada como *rock*. Os comentaristas (no G1) reagem apontando os “erros” ao mesmo tempo em que buscam definir o que pode ou não ser considerado elemento pertencente ao universo do *heavy metal*. Isso pode ser visto nos comentários:

*Se isso é metal nem sei se o metal dos dias de hoje pode ser considerado metal, é um lixo, uma mistura de música clássica e escalas melódicas com um tipo de*

<sup>105</sup><http://g1.globo.com/musica/rock-in-rio/2015/noticia/2015/08/rock-rio-tera-poderosas-do-metal-doro-pesch-floor-jansen-e-lzzy-hale.html>

*batuque. Para mim metal é Dio, Black Sabbath e coisas do gênero. (Postado em 19/09/2015).*

*Floor Jansen, canta muito e é uma delícia, Doro é clássica. Agora... dizer que a Lizzy é "do metal" é a mesma coisa que dizer que "Florentina" é um sucesso do Megadeth. (Postado em 24/09/2014).*

*Poderosas??? Então cadê a Anitta nessa lista?? (Postado em 30/09/2015).*

*Gaiola das popozudas no rir<sup>106</sup> aff (Postado em 18/09/2015).*

A mesma matéria foi vinculada no Whiplash, sem nenhum acréscimo, apenas reproduzida diretamente. Isso gerou uma série de críticas e especulações sobre o fato de que o Whiplash estaria se tornando um espaço midiático igual aos outros<sup>107</sup>. O descontentamento com a cobertura do Whiplash é motivado pelo “não comprometimento” para com as regras do estilo e com seu propósito original, que era o de veicular materiais sobre *heavy metal* de maneira diferenciada da mídia tradicional.

*Que porcaria de matéria é essa whiplash? imaginei uma coisa completamente diferente quando li esse título. (Postado em 30/09/2015).*

*Sinceramente, esse site da perdendo a credibilidade. Boa parte dos colaboradores só fica copiando notícia. Parece a revista caras. O Nacho<sup>108</sup> é um desses. (Postado em 22/09/2015).*

*lixo de materia... whiplash RIP! (Postado em 22/09/2015).*

*Vergonhoso ... Lixo, pavoroso e o pior é quem acha isso legal. whiplash copiando notícia da rede esgoto<sup>109</sup> se misturar a essa gente que nunca apoiou e sequer tem respeito pelo metal que sempre foi tratado com marginalidade . Os nenéns fãs de mp3 do metal não viveram aquela época por isso acham legal... E viva a idiotização no Brasil, país de imbecis. (Postado em 23/09/2015).*

*Putá que pariu acho que o whiplash faz de propósito, não é possível que não tenham coisas melhores pra noticiar Veja do metal, Contigo do Rock seus bosta kkkkk (Postado em 21/09/2015).*

Como pode-se notar os amadores do *heavy metal* reagem de forma bastante agressiva quando o assunto é tratado de forma equivocada ou imprecisa pelas instituições midiáticas tradicionais, revelando que o campo midiático - do jornalismo cultural, por exemplo – que

<sup>106</sup> Abreviação de Rock in Rio.

<sup>107</sup> Essa questão será abordada em detalhes no próximo item.

<sup>108</sup> Colaborador que publicou a matéria no Whiplash.

<sup>109</sup> Forma pejorativa de se referir a Rede Globo.

poderia ser o especialista ou *expert* no assunto, não tem conhecimento sobre o tema, o que permite falta de apuração, dados rasos e o não reconhecimento por parte dos amadores, estes sim, nos termos de Flichy (2010), conhecedores do assunto. Deixando claro que a comunidade de sentido se fecha, não reconhece e não aceita o que vem de fora.

#### 5.1.1.1 Para além do Episódio Comunicacional

Quando, no percurso da pesquisa, definimos o Rock In Rio como episódio comunicacional que seria analisado, acreditávamos que este seria um espaço mais rico em interações. Porém, com a observação sistemática desse empírico constatamos que o Whiplash estava somente reproduzindo matérias de outros espaços sobre o festival. Encontramos apenas um texto de opinião (citado anteriormente) exclusivo do Whiplash. Essa descoberta nos levou a mudar nossas percepções iniciais da pesquisa e a produzir inferências novas, mais aprofundadas pelo trabalho com o empírico, que serão apresentadas no final deste item.

Diante disso, para ampliar o campo observacional e fortalecer nossas hipóteses acerca dos aspectos comunitários do *heavy metal* em midiatização, optamos por analisar mais alguns materiais além do episódio comunicacional, inseridos, especialmente, na circulação intramidiática.

Ao observar comentários vinculados a um texto de opinião publicado pelo guitarrista Bill Hudson (Circle II Circle) encontramos indícios de uma tentativa de se apropriar (nos termos de Proulx) do dispositivo Whiplash, quando opta por responder diretamente aos fãs nos comentários. Tendo em vista que esta não é uma prática no espaço, Bill tentou, de certa forma, criar novas lógicas de interação. Em determinado momento dessa conversação o guitarrista começou a responder de forma agressiva a alguns comentaristas que teceram críticas negativas ao seu texto. Este fato se estendeu e virou uma “briga” entre Bill, os comentaristas contrários a ele e pessoas que o defendiam. Ficou claro que a maioria dos que defenderam Bill eram amigos pessoais, ou pelo menos, conhecidos do guitarrista. Verificamos isso checando os perfis no *Facebook*.

O artigo em questão trazia a opinião do músico sobre a cena metálica no Brasil, onde ele afirma que as pessoas não apoiam o metal nacional<sup>110</sup> e preferem ir a shows de bandas estrangeiras. Esse assunto gera muita polêmica, com dois lados bem definidos na discussão (quem concorda e quem discorda), e traz a tona uma característica sempre presente na cena

---

<sup>110</sup> Essa é uma discussão frequente dentro da cena brasileira, reiterando aspectos identitários evidenciados na contextualização deste trabalho.

brasileira desde o início: as bandas se dividem, normalmente, entre bandas de *death/thrash metal* e *power/heavy metal* – subgêneros antagônicos, evidenciando os processos de dualidade nos quais o *heavy metal* se configura, seja em relação a aspectos externos da cultura ou dentro dela mesma (metal x outros estilos musicais, *power metal* x *death/thrash metal*, *underground* X *mainstream*). Da conversa, destacamos:

*“Só banda de powerbichamelodico<sup>111</sup> no texto. Só os melódicos são metidinhos a estrela do rock mesmo, o resto não vive de pose. Bando de muleke leite com pêra.”* (Postado em 06/12/2014).

Percebe-se nesse comentário a reafirmação dos valores do que seria o *metal* verdadeiro em comparação ao *metal* vendido, *mainstream*. O comentário de Bill, a seguir, não é uma resposta direta é geral, pois muitos comentaristas postaram opiniões semelhantes à que foi citada.

*“hahaha, como sempre os argumentos esdruxulos de moleques idiotas que nao podem admitir que estao errados. A cena é ruim por culpa de voces e por culpa de voces músicos excelentes tem que aranjarr outros empregos ou desistem da música.*

*So banda de Power Metal citada no texto?*

*Hmmm...*

*DANGER DANGER*

*IN FLAMES*

*ASKING ALEXANDRIA*

*GUNS N' ROSES*

*SUIDAKRA*

*ELUVEITIE*

*ALESTORM*

*As unicas bandas de power metal mencionadas sao o ANGRA (pois e o foco principal do assunto), o ALMAH (que eu nem chamo de power metal, mas ai e esperar muito de voces...) POWER QUEST e CELLADOR, apenas porque EU TOQUEI nessas duas ultimas. AQUARIA e WIZARDS foram mencionados apenas para identificar um musico. Se voces acham que o CIRCLE II CIRCLE soa como o SONATA ARCTICA, realmente nao ha esperanca aqui.”* Postado por Bill Hudson (06/12/2014).

Aqui Bill faz uso dos códigos (BRAGA, 2015), ou seja, do que é compartilhado e conhecido dentro da comunidade para tentar provar que os comentaristas estão equivocados ao classificar as bandas citadas como *power metal*, bem como demonstrar que ele faz parte da comunidade de sentido, afinal conhece os códigos. Na sequência, temos comentários

<sup>111</sup> É comum que fãs de *death/thrash metal* chamem os fãs e a música *power metal* de “gay” em tom pejorativo, por conta das características sonoras e visuais do estilo serem mais leves e acessíveis.

apoiando Bill, ofendendo-o e suas respostas. Destacamos alguns que mostram como a construção argumentativa depende fortemente do conhecimento aprofundado do estilo, e tenta, através do discurso, estabelecer territórios, fronteiras, “empurrando” o interlocutor para o lado de lá, para o lado de quem não “é *metal*” o suficiente na tentativa de desqualificar o argumento do outro.

*“É ENGRAÇADO QUE SO ESSA PANELINHA DE MELODIC METAL AI Q TA RECLAMANDO Dorsal ta voltando ai com força, korszus, krisium vc nao ouve esses cara falando merda pra reclamar do cenario nacional, Bill Hudson ta tocando no Vital remains pq nao montou uma banda de death metal aki no brasil nao e q aki nao valorizaram ele e que aki a gente ta de saco cheio de playboy qye acha q Heavy metal e profissão, Agradeço o publico brasileiro por pararem de gostar dessa chatice q o Melodic metal no brasil, Vida longa a bandas Como Salario Minimo, virus, themist, dorsal atlantica, Dominus Praelli, Anthares, centurias e o grande Harppia, essas bandas, caras como Bill hudson, Edu falaschi e essa troop do metal melodico brasileiro nao lembrou de de ir em show e nem de pagar pau.... Pra min esta mais claro q sao o boy no metal (deveriam apreender que bandas como Anvil estao na ativa ate hoje e se fuderam muito mas estao na ativa. O negocio não é ser bombadinho, fazer chapinha no cabelo e o caraleo a quatro. Plaboys estao no lugar errado Metal nao e moda muito menos lugar de fazer sucesso e ganhar dinheiro....” (Postado em 06/12/2014).*

*“Ta bom, passa ali trocar uma ideia com o Pompeu<sup>112</sup> e aprenda sobre o Metal no Brasil, seu vendido poser do caralho! Almah, Angra, Aquaria??? Faça me o favor, use nomes de respeito, não esses lixos. Que eu saiba Bill Hudson (KKK) até em boy band vc tocou....Vc é só um playboy desesperado pra aparecer. Já tentou de tudo na música e só conseguiu tocar metal. Até em Big Brother vc já quis entrar. Andava de lápis nos olhos, metia o pau em metal, etc etc. Você é um mascarado. Esses texto foi só pra aparecer, e pelo visto tá dando certo. Só conseguiu tocar nos EUA porque a mamãe e o papai te bancaram. Sen]ao nunca teria conseguido. Tem muitos caras melhores que você que não tiveram essa oportunidade somente por não ser boy como você. Se eu fosse você eu sumia desse site antes que comecem a te desmascarar. Tem gente que sabe qm vc é” (Postado em 06/12/2014).*

Ao fim, as pessoas foram parando de comentar e a discussão se encerrou sem conclusão ou debate propriamente dito, pois os participantes (não apenas os agressivos) somente expressam suas opiniões. É notória a dificuldade em construir um debate, onde algo muda entre o início e o fim da conversação, nos parece que as falas, apesar de serem direcionadas a este ou aquele comentarista, não são capazes de gerar uma comunicação mais bem sucedida. Porém, com o fim da conversação no Whiplash observamos o deslocamento da

---

<sup>112</sup> Vocalista do Korszus, banda de *thrash metal*.

mesma para os perfis do *Facebook* de alguns comentaristas e do próprio Bill. Ainda que não estejamos analisando detalhadamente esse deslocamento, destacamos dois indícios: primeiro, quando as interações são deslocadas para esses espaços menores em relação ao Whiplash, o debate parece mais eficiente, comunicacionalmente falando, na medida em que a conversa ganha profundidade. O comentário de Bill em sua página pessoal recebeu mais respostas que a matéria original no Whiplash e a argumentação (dos participantes em geral) se mostrou mais bem elaborada e aprofundada. Outro indício é que esse deslocamento evidencia o *fluxo adiante* da circulação e a criação de novos circuitos. (BRAGA, 2012).

Outro ponto de destaque é a presença de comentários no Whiplash feitos por pessoas que parecem não participar da comunidade *heavy metal*. Percebemos que alguns comentários demonstram a falta de conhecimento sobre as bandas, bem como, do que se trata o *heavy metal*. Nesse sentido, as trocas habituais entre os participantes mais próximos do *heavy metal* (antes reservadas ao espaço Whiplash) agora se misturam com trocas entre estes e os participantes de outras redes (externas ao *heavy metal*) – , o que cria um espaço de passagem destes últimos para algumas interações do Whiplash. Identificamos esse tipo de comentário em diversas matérias. Aqui cabe questionar: esse processo estaria mudando alguma lógica de funcionamento do Whiplash? De que forma?

Selecionamos, para exemplificar, comentários referentes à banda Behemoth, pois trata-se de uma banda de *black metal*, com uma sonoridade extrema, muito diferente das músicas mais populares. O vocal é gutural, as letras são sobre satanismo, magia e ocultismo e os músicos utilizam *corpse paint*<sup>113</sup>. A matéria é sobre um *teaser* do novo álbum do Behemoth, *The Satanist*.

*“hahahahahaha.ridículo....uns marmanjo de cara pintada. Fui ouvir de curiosidade e não entendi NADA do que ele fala... que porcaria de musica. roqueiro é foda.” (Postado em 15/09/2014).*

Esse comentário teve dezenas de respostas, destacamos:

*“Que isso? Vai pro inferno seu pagodeiro de merda!!! Vai ouvir Rodriguinho<sup>114</sup>. aqui não é lugar de pagodeiro porra!” (Postado em 15/09/2014).*

*“Cara você não sabe nada de metal... roqueiro é o caralho, aqui a gente gosta de metal ignorante.” (Postado em 15/09/2014).*

<sup>113</sup> Tipo de pintura facial em preto e branco, muito utilizada por bandas de *black metal*.

<sup>114</sup> Cantor de pagode que ficou famoso com a banda Os Travessos.



“*Esse Whiplash Ta uma piada depois do face. Toda hora aparece uns pinta nada ver. Tudo viajando, que não sabem nada.*”(Postado em 15/09/2014).

Conferindo o perfil no *Facebook* do comentarista em questão, é fácil percebermos que ele não conhece e não participa da comunidade *heavy metal*. E no Whiplash, isso gera uma reação que reitera a discussão sobre a comunidade do *heavy metal* e as lógicas de pertencimento da mesma. Quem está fora é hostilizado e tentam excluí-lo da conversa; ele é imediatamente relacionado ao pagode ou ao funk carioca, gêneros que no Brasil são sempre citados de forma muito negativa pelos *headbangers*. Vemos aqui exemplificado, mais uma vez, a manutenção de um campo polêmico através de disputas dentro do gênero, discussão sobre ser *true* ou *poser* e tensão/paradoxo entre fazer sucesso e se “vender”.

Com bases nas análises feitas sobre os processos comunitários, inferimos que o processo de midiaticização contribuiu para a acentuação do choque entre “coisas” externas à comunidade do *heavy metal* e aspectos internos, gerando novas lógicas interacionais que criam espaços de disputas e tensionamentos. Em resposta a isso, percebemos um fechamento ainda maior da comunidade, onde os indivíduos reforçam as características identitárias continuamente (em quase todos os momentos) na busca por delimitar fronteiras. Como consequência, os amadores do estilo estão cada vez mais segregando-se em micro espaços de interação (blogs pessoais, páginas de *Facebook*, canais do *Youtube*) e parecem estar abandonando o Whiplash.

### 5.1.2 Dispositivo em Declínio

Ao longo dos dois anos em que esta pesquisa vem sendo desenvolvida percebemos o enfraquecimento, cada vez mais acentuado, do Whiplash como espaço articulador do *heavy metal* no Brasil. Isto altera nossas perspectivas e inferências iniciais sobre o objeto. Em nosso estudo percebemos que existem, pelo menos, duas lógicas presentes nessa mudança: uma de mercado e outra midiática (que será esmiuçada neste item). Sobre a lógica de mercado, inferimos: o número de acessos do site foi diminuindo conforme outros dispositivos foram surgindo (*blogs*, *Youtube*) e culminou no ponto mais baixo entre os anos de 2009 e 2010<sup>115</sup>, exatamente quando o *Facebook* passou a se popularizar no Brasil.

Como tentativa de adaptação a este novo panorama mercadológico, o site em 2010, iniciou uma série de mudanças, trocou o *layout*, normas de publicação e as regras para

<sup>115</sup> Essas informações estão disponíveis em: < <http://whiplash.net/anunciar/stats.mv>>. Acessado em: 01/12/2015.

anúncios no site. No ano de 2011 veio a última grande alteração: o sistema de comentários deixou de ser em na plataforma de fórum para se tornar vinculado ao *Facebook*. Identificamos a troca dos sistemas de comentários como algo essencial, portanto abordaremos sobre isso mais detalhadamente.

Era nos fóruns do Whiplash que se dava a maior quantidade de interações e discussões acerca da comunidade de sentido. Além disso, o fórum servia como espaço onde muitas vezes, acabava-se por discutir temas variados, não se restringindo somente às notícias e matérias publicadas sobre as bandas. Os usuários eram (normalmente) frequentadores assíduos e criavam laços de amizade nesse espaço. Como se pode ver:

*E ai, Carlos blz brother?? Cara vou ir sim com a minha senhora naquele show lá no manifesto, se você for realmente aparecer me procura. Lá pelas 22 na entrada. Já sabe né? Camisa do slayer. Postado por Snow (01/09/2011)<sup>116</sup>.*

*então ta mano! combinado. depois de 4 anos só de conversa nesse forum vamos finalmente se juntar para tomar um breja. Postado por Carlos Dickinson (01/09/2011).*

O aspecto comunitário e indentitário era muito presente nas interações, bem como, debates longos e aprofundados eram desenvolvidos. Além disso, os usuários tinham a tendência a trazer assuntos variados, demonstrando alguns exemplos de apropriações (PROULX, 2013), como por ser visto a seguir em discussão sobre o lançamento do álbum do Iron Maiden de 2010 “*The Final Frontier*”, em que os foristas discorrem sobre o tema demonstrando grande conhecimento sobre o estilo. Em um determinado momento um dos comentaristas utiliza o espaço para divulgar uma remixagem que ele mesmo fez das músicas do álbum do Iron Maiden, evidenciando uma apropriação.

#### ***NOVO ALBUM DO IRON MAIDEN<sup>117</sup>***

*Comprei o TFF<sup>118</sup> na sexta feira, ainda não tive tempo suficiente para escutar com atenção que um disco tão complexo com este merece. Todavia não gostei nem um pouco do que ouvi achei muito progressivo, até o AMOLAD<sup>119</sup> me impressionou mais de primeira ouvida, tenho que ouvir melhor para ter uma opinião mais firme, mas fiquei muito decepcionado, músicas sem vida. Postado por NUMB ROCK (25/10/2011).*

---

<sup>116</sup> Os materiais empíricos referentes aos fóruns do Whiplash foram coletados para a realização de meu TCC intitulado “*Whiplash - Um Site Como Referência para Comunidades Musicais Alternativas*”, defendido em 2013.

<sup>117</sup> Era possível colocar um título para os comentários.

<sup>118</sup> *The Final Frontier*.

<sup>119</sup> *A Matter Of Life And Death*, álbum de 2006 do Iron Maiden.

**Fica muito claro...**

*...q você ã entende muito de progressivo para escrever isso. Maiden não chega nem as pés de bandas de progressivo de verdade, é só uma tentativa patética de fazer musicas mais longas e cheias de flautinha celta. O Maiden não tem culhão pra ser prog. Não vou discutir só acho que vc deveria aprender melhor sobre prog. Vai ouvir DT<sup>120</sup> é puro progressivo tem ritmos diferentes e técnica, e todos os elementos que o Maiden não tem. Postado por Bruno Grilo (25/10/2011).*

**O que é progressivo?**

*Entenda-se uma vez por todas, progressivo é o artifício de incluir elementos de outros gêneros musicais. Por exemplo, o compositor trabalha uma música padrão hard rock e antes do solo acrescenta elementos do jazz. Um exemplo excelente é a Bohemian Rhapsody do Queen, é rock, é gospel, é erudita, é balada romântica? Sim, todas as anteriores. Pois é uma música progressiva, ou seja, que agrega elementos de outros gêneros musicais ou de diversos. Apenas isso... nada tem a ver se a música tem 3 ou 35 minutos, ou se as "viradas" da guitarra, ou se a música é "bem trabalhada" ou se é "crua". Outra coisa não existe é "puro progressivo", se o progressivo é a fusão, a mistura, como pode ser puro? O caso é que as pessoas escrevem sobre o que não conhecem. No caso do Iron, ouça "The Talisman" do início até 2:20 m, o que é esse som acústico, é metal? Não. Parece um cântico. A batucada que inicia aos 47 seg. na Satellite 15, não é comum no metal. São integrações progressivas. Postado por Agua Raz (25/10/2011).*

**RBT, Numb Rock e galera**

*Fala brother, o problema dessas é músicas não é se é prog ou não, é a equalização, masterização e mixagem. Esse kevin shit<sup>121</sup> ta desgraçando as músicas. A voz do Bruce fica lá em baixo, morta, sem agudo. A batera com prato muito alto, bumbo apagado, baixo sem brilho. As guitas todas tem o mesmo timbre, não da pra saber quem é quem é que ta solando. Essa cara é um lixão, não sei pq o patrão<sup>122</sup> não demitiu esse otario. Se você quer ver a diferença vá no meu canal do youtube (JAGHOR) e procura lá meu vídeo IRON MAIDEN THE FINAL FRONTIER NEW MIX, fiz toda a equalização e mixagem de novo, do jeito que o Martin Birch <sup>123</sup>faria. É inacreditável a diferença das músicas com equalização, masterização e mixado. Me surpreendi com o resultado, parece q ganharam mais punch, peso e rapidez, a maior diferença é no vocal q ficou bem melhor, ficou estilo powerslave a produção, claro que eu não sou o mestre birch, mas da pra ter uma noção hehehe. Escutem lá galera, vejam o que vocês acham e depois comentem a diferença se qzerem. pra mim se o play já era bom, sem o kevin shit ficou fenomenal, ao vivo essas músicas irão detonar com certeza. UP THE IRONS! Postado por mariomaiden (26/10/2011).*

Já no sistema de comentários via *Facebook*, nos parece que isso foi se enfraquecendo e que esse tipo de interação deixou de existir. Com essa incorporação do *Facebook*, o sistema

<sup>120</sup> Dream Theater, banda norte americana de *metal progressivo*.

<sup>121</sup> O nome do atual produtor do Iron Maiden é Kevin Shirley. Aqui o comentarista faz o jogo entre as palavras com sonoridade próxima para chamá-lo de *shit* (merda em inglês).

<sup>122</sup> Referência a Steve Harris, baixista e fundador da banda.

<sup>123</sup> Produtor que trabalhou com o Iron Maiden em seus álbuns mais clássicos.

de comentários passou a funcionar de forma dinâmica e rápida, como consequência as interações acabam sendo mais instantâneas. Contudo, percebemos que isso, ao invés de facilitar o debate, enriquecendo-o, torna-o efêmero. Os comentaristas, geralmente, deixam postagens curtas contendo suas opiniões, e os assuntos “morrem” rapidamente. Em questão de um ou dois dias não há mais ninguém comentando as matérias.

Podemos citar como exemplo, em uma resenha sobre o lançamento do mais recente álbum do Iron Maiden (The Book Of Souls, 2015). Apontamos a seguinte conversa:

*Não curti esse álbum, parecia que estava ouvindo "A Matter of Life and Death part2" kkkkkk. (Postado 02/09/2015).*

O comentário a seguir foi uma resposta direta ao anterior. Esse recurso é novo no Whiplash, pois o *Facebook* disponibiliza a opção responder em cada postagem.

*Ninguém é obrigado a gostar, mas se tem uma coisa que não parece, é com o AMOLAD. Ouve de novo, pq acho q vc escutou o Álbum errado. Sobre o AMOLAD, é um album com grandes momentos! Adoro ele, mas tem algumas idéias muito repetitivas e maçantes... (Postado em 02/09/2015).*

O restante dos comentários segue essa linha:

*Ainda não baixei na net, mas ta difícil segurar a ansiedade por este disco. Ouvir maiden é indescritível. (Postado em 02/09/2015);*

*Frustrante, acho que é a palavra que mais bem resume esse novo trabalho da Donzela. (Postado em 02/09/2015);*

*Evolução de uma banda que eu achava que não dava pra evoluir mais, som coeso e fino. Obra de arte! (Postado em 03/09/2015);*

Nessa sequência selecionada muitos aspectos chamam a atenção. De imediato, percebemos que os comentários são mais curtos do que na fase anterior. Geralmente são frases curtas, opinativas (sem muita argumentação) e que não interagem umas com as outras. Não que sejam inexistentes, mas é muito mais difícil encontrar discussões onde os comentaristas estejam debatendo de fato, com argumentação, ponto a ponto como podia ser observado nos fóruns.

Entendemos que a mudança principal foi na lógica de interação dentro do Whiplash e entre os amadores, e é decorrente da mudança estrutural, onde um sistema de fórum - que era exclusivo do Whiplash, forjado nas lógicas da comunidade de sentido - foi substituído por um

sistema de comentários via *Facebook* - idêntico ao de muitos outros sites, que não mantém os traços identitários.

Essas mudanças foram deixando o espaço cada vez mais parecido com os outros meios de comunicação na web, e o Whiplash foi perdendo vários aspectos importantes em relação à comunidade de sentido. O site atualmente usa táticas comunicacionais idênticas as de outros espaços, mantendo apenas resquícios da participação dos amadores:

- Matérias com títulos “caça-cliques”, carregadas de significado duplo para estimular os leitores ao acesso;
- Cada vez mais publicações acerca de "futilidades" e fofocas, conhecidas como *softnews*;
- Mais propagandas do que antes e anunciantes não vinculados ao metal, prática que era repudiada abertamente pelo site;
- As notícias em sua maioria, como observado na cobertura do Rock In Rio 2015, são reportagens de portais como G1, UOL, R7 ou de outros meios de mídia "tradicional", denotando redução da participação dos amadores na produção de conteúdo;
- Os textos que ainda seguem a lógica antiga (resenhas, opinativos, etc) não são mais produzidos para o Whiplash. São *repostagens* de blogs e sites pessoais.

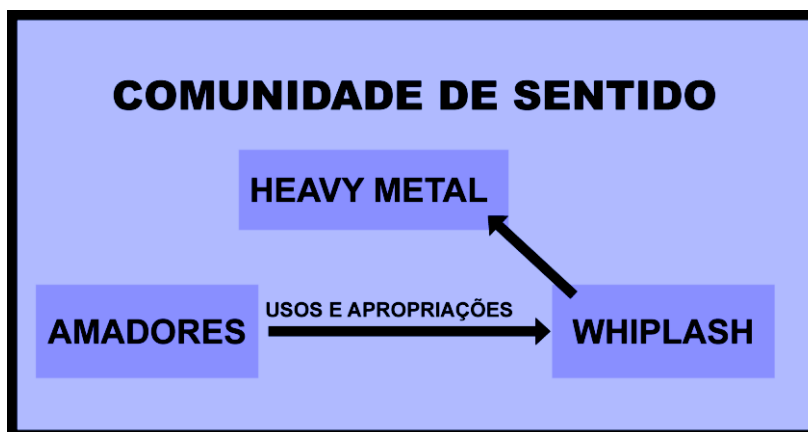
Diante dessas análises, afirmamos que o Whiplash era, pelo menos até o ano de 2009, um dispositivo midiático, conforme nossa elaboração teórica baseada em Braga (2015) e Ferreira (2006; 2015). Era reconhecido pelos amadores (tanto bandas quanto fãs) e era utilizado como articulador do *heavy metal* no Brasil. Porém, hoje perdeu legitimidade como espaço de interação da comunidade de sentido.

Nossa inferência é que isso ocorreu devido às adaptações escolhidas pelo site. O Whiplash tentou se tornar um espaço de informações mais jornalístico e mais canônico, para enfrentar os tensionamentos e disputas com a sociedade (instituições midiáticas tradicionais e atores fora da comunidade de sentido) de um lado e com os próprios amadores, que, agora midiaticizados, tem seus meios para falar sobre *heavy metal* – de outro.

Isso afastou o Whiplash de sua característica principal: a identificação com a comunidade de sentido e a cultura do *heavy metal*. Portanto, a midiaticização complexificou a relação entre o Whiplash e a comunidade de sentido, tornando o site não mais o dispositivo articulador, mas sim um dispositivo em declínio que é constantemente atacado, questionado e tensionado em relação a sua representatividade.

Retomando a questão do circuito-ambiente, descrita no início deste capítulo, nossas análises geraram dois diagramas (Fase 1 - Dispositivo e Fase 2 – Dispositivo em Declínio), para representar adequadamente os indícios encontrados em nossa pesquisa. São eles:

Figura 30 – Diagrama do Whiplash Fase 1 - Dispositivo



Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa primeira fase, o Whiplash era um dispositivo midiático acionado pelos amadores, através dos usos e apropriações, para falar sobre *heavy metal*.

Figura 31 – Diagrama do Whiplash Fase 2 - Dispositivo em Declínio



Fonte: Elaborado pela autora.

Aqui, nessa segunda fase, o dispositivo Whiplash, por conta do processo de midiáticação, é afetado de duas formas: primeiro por lógicas externas à comunidade de sentido (lógicas midiáticas, de atores fora da comunidade e de mercado), e segundo, pela midiáticação dos próprios amadores - que agora tem mais autonomia e outros espaços para tratar de *heavy metal*. Na tentativa de adaptação, o Whiplash acaba “quebrando” o contrato com os amadores e rompendo com as normas da comunidade de sentido. Essa quebra é representada pelas setas que estão se apagando, pois a relação está enfraquecida, mas não completamente rompida, o que resulta, no enfraquecimento dos laços entre Whiplash e amadores, iniciando um processo de deslocamento do Whiplash para fora da comunidade de sentido, através da perda de seu empoderamento e legitimidade, tornando assim o Whiplash um dispositivo em declínio, ainda que inserido na circulação inter e intramidiática de forma intensa.

## 5.2 VISTA-SE E O EPISÓDIO DAS PORCAS DO RODOANEL

Para responder aos questionamentos elencados no início deste capítulo e que remetem à problemática de pesquisa, delimitamos o episódio comunicacional (BRAGA, 2015) que ficou conhecido como o caso das porcas do Rodoanel. Faremos uma descrição do episódio intercalada com análises de materiais empíricos, para evidenciar o processo de circulação e tornar mais clara a visualização do caso.

No dia 25/09/2015 uma carreta que transportava porcos para um abatedouro tombou próximo a um pedágio no trecho da rodovia Rodoanel, em Barueri, na Grande São Paulo<sup>124</sup>. Essa notícia foi veiculada primeiro no Bom Dia SP<sup>125</sup> e no Portal G1. Nesse momento inicial, o caso foi noticiado apenas como mais um, entre tantos acidentes, que ocorrem nas rodovias brasileiras. Sinteticamente, as informações passadas foram: sobre o engarrafamento gerado pelo acidente, que o motorista da carreta não havia se machucado e que o incidente foi causado por falta de experiência e habilidade do motorista. Os porcos eram só detalhe na situação. Ressaltamos que a matéria que está *online* atualmente no G1, foi atualizada com os desdobramentos da notícia, pois a matéria original tinha menos informações sobre os porcos.

Devido à gravidade do acidente, muitos animais ficaram presos às ferragens e os funcionários do abatedouro e da concessionária do pedágio tentaram desvirar a carreta com os porcos ainda dentro. Essa operação não deu certo e como resultado, os animais ficaram ainda

<sup>124</sup> <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/08/carreta-que-transportava-porcos-tomba-no-trecho-oeste-do-rodoanel.html>

<sup>125</sup> A matéria do Bom Dia SP não está disponível para consulta *online*.

mais feridos. A tentativa frustrada de remover a carreta fez com o caso voltasse a ser noticiado por diversas emissoras de TV e outros meios, chegando até ativistas locais.

Figura 32 – Matéria Inicial do G1

The image shows a screenshot of a news article on the G1 website. The article is titled "Carreta que transportava porcos tomba no trecho Oeste do Rodoanel" and reports on an accident on the Rodoanel highway in Barueri, São Paulo. The article includes a video player showing a night scene of the accident, social media sharing buttons, and a sidebar with local news from São Paulo.

Fonte: Portal G1 <sup>126</sup>

Por conta da demora na retirada dos animais um grupo de ativistas, liderados por uma médica veterinária, teve tempo de organizar uma ação e se dirigiu ao local para dar medicamentos, água e comida aos porcos feridos. Quando chegaram lá, foram informados que esses animais não poderiam mais ser abatidos para consumo humano, pois estavam machucados (existe uma lei brasileira que não permite) e que, se quisessem, poderiam ficar com eles. O grupo decidiu que faria o resgate.

Nesse momento os ativistas começaram a realizar práticas comuns ao *veganismo* citadas na contextualização deste trabalho (capítulo 2). Além dos pedidos de ajuda, uma série de materiais midiáticos foram postos para circular nas redes, como vídeos e fotos do local para mostrar (tornar visível) o sofrimento dos animais, sempre reforçando a ideia de que o

<sup>126</sup> Disponível em <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/08/carreta-que-transportava-porcos-tomba-no-trecho-oeste-do-rodoanel.html>>. Acessado em: 11 de janeiro de 2016.



problema não é somente este acidente, mas o consumo de carne em geral<sup>127</sup>, demonstrando os tipos de usos e apropriações mais comuns que são feitos em prol do *veganismo*.

Figura 33 – Primeiro Grupo de Ativistas no Local do Acidente



Fonte: Página pessoal da veterinária e ativista Gabriela Toledo<sup>128</sup>

Figura 34 – Ativistas Pedem Ajuda

URGENTE  
 Pessoal, eu e mais uma veterinária estamos indo para o local do acidente com os porcos (rodoanel km 14).  
 Por favor, quem puder levar para o local ajudaria muito:  
 morfina, dipirona, meperidina, tramal, cetamina, xilazina, propofol, thiopental, t61, pentabiotico, cetoprofeno, soro, equipo, luvas, seringas, cateter  
 11 9 8302 0185

517 curtidas · 153 comentários · 225 compartilhamentos

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

Fonte: Página pessoal da veterinária e ativista Gabriela Toledo<sup>129</sup>

<sup>127</sup> Alguns desses vídeos podem ser vistos em: <https://goo.gl/vIlePj> e <https://goo.gl/EOANvV>.

<sup>128</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/gabypea/posts/1009882535702644:1>. Acessado em: 26 de janeiro de 2016.


Paralelamente, alguns ativistas entraram em contato com Fábio Chaves (criador do Vista-se) que assumiu um papel agregador, articulador no caso, fazendo a ponte entre a sociedade (instituições midiáticas e não veganos) e os ativistas (amadores). Através de sua conta pessoal no *Facebook* e do Portal Vista-se, Chaves convocou mais ativistas para ajudar no local do acidente (com alimentos e medicamentos), criou um *hotsite* para cobertura ao vivo do ocorrido, contatou um santuário de animais que aceitou abrigar os porcos e criou uma campanha de financiamento coletivo para ajudar com as despesas, como pode ser visto a seguir:

Figura 35 – Cobertura ao vivo do Vista-se

AO VIVO
DOE / DONATE
CONTABILIDADE
NÚMEROS OFICIAIS
LOCAIS DE COLETA
ADOÇÃO
IMPrensa

## Porcos do Rodoanel (atualizar)

Entenda o caso: [clique aqui](#) | Compartilhe: [Facebook](#) | [Twitter](#)



### 01/09, terça-feira

11h59: Com recorde de arredação, chega ao fim o financiamento para os Porcos do Rodoanel ([leia aqui](#)).

10h41: Encerramos aqui a transmissão ao vivo, já que está tudo sob controle. Mas a página continua ativa com o link "contabilidade" para prestação de contas e os outros links também. Caso algum animal resgatado não resista aos ferimentos nos próximos dias informaremos. Mais notícias sobre esse caso poderão surgir no [www.vista-se.com.br](http://www.vista-se.com.br) também.

---

### 31/08, segunda-feira

20h32: Assista à matéria do programa Domingo Espetacular, da Rede Record, sobre o caso dos Porcos do Rodoanel ([assista aqui](#)).

15h13: Sequência de fotos mostra transporte das primeiras porcas adotadas, realizado no último sábado ([veja aqui](#)).

11h53: Subway se desculpa após publicar imagem polêmica no auge da comoção pelos porcos ([veja aqui](#)).

10h58: Vídeo inédito mostra o clima em frente ao Frigorífico Rajá no dia 27/08 ([assista aqui](#)).

10h50: Linda foto resume como foi o domingo das porquinhas resgatadas ([veja aqui](#)).

09h29: Fotos inéditas mostram a expressão dos animais que não puderam ser salvos na porta do Frigorífico Rajá ([veja aqui](#)).

Fonte: Portal Vista-se<sup>130</sup>

<sup>129</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/gabypea/posts/1009882535702644:1>>. Acessado em: 26 de janeiro de 2016.

<sup>130</sup> Disponível em <<https://sites.google.com/a/fabio.co/porcos-rodoanel/ao-vivo>>. Acessado em: 28 de janeiro de 2016.

Figura 36 – Campanha de Financiamento Coletivo



Fonte: Site Vakinha<sup>131</sup>

Os animais que sobreviveram ao acidente foram resgatados e levados para tratamento em um santuário no interior de São Paulo. Lá se descobriu que todos os porcos eram, na verdade, fêmeas e que algumas estavam grávidas. Esse fato movimentou mais uma vez a circulação midiática, colocando novos elementos em jogo, como o fato de que, segundo a legislação brasileira, animais gestantes não podem ser enviados para abate.

Uma semana depois do resgate, o Portal G1<sup>132</sup> e o telejornal da Record Domingo Espetacular<sup>133</sup> fizeram matérias para mostrar como estavam vivendo as porcas sobreviventes. Essas duas matérias tiveram abordagens totalmente diferentes entre si. A do G1 chamou os ativistas de protetores de animais, de forma bastante genérica (a palavra *veganismo* não foi mencionada) e focou no lado “bonitinho”, “fofo”, com imagens das porcas brincando na lama, se alimentando e recebendo cuidados. Já a matéria da Record (apesar de também não citar a palavra *veganismo*) recapitulou o acidente, falou sobre o erro de tentar virar a carreta com os animais dentro, deixou a dona do santuário falar sobre as práticas da indústria da carne (inclusive ela afirma durante a entrevista que a culpa da situação é de quem come carne) e entrevistou Fábio Chaves. Todas essas características foram valorizadas positivamente pelos ativistas e a matéria foi compartilhada em vários espaços veganos, como podemos ver em nota publicada no Vista-se e comentários relacionados:

<sup>131</sup> Disponível em: < <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/porcos-do-rodoanel>>. Acessado em: 28 de janeiro de 2016.

<sup>132</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2015/08/g1-mostra-santuario-de-porcos-resgatados-em-acidente-no-rodoanel.html>> . Acessado em: 26 de janeiro de 2016.

<sup>133</sup> Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=QvZai\\_IETjM](https://www.youtube.com/watch?v=QvZai_IETjM)>. Acessado em 26 de janeiro de 2016.

Figura 37 - Nota sobre a matéria do Domingo Espetacular

VISTA-SE

Alquimia  
SABOR E EQUILÍBRIO

CAMPOS DO JORDÃO-SP  
RESTAURANTE DE ALTO PADRÃO  
MAIS DE 40 PRATOS VEGANOS

Q buscar CAPA NOTÍCIAS RECEITAS PRÓXIMOS EVENTOS VÍDEOS LOJA CLUBE

© 31/08/2015 às 21:03 – 2.555 visualizações

**Assista matéria especial do Domingo Espetacular (Record) sobre o caso dos Porcos do Rodoanel**

Entenda todo o caso.

Fabio Chaves  
Do Vista-se

Recomendar 30 Tweetar G+1

DOMINGO ESPETACULAR

FABIO CHAVES

O programa Domingo Espetacular, da Rede Record, exibiu no último domingo (30) uma matéria sobre o caso dos Porcos do Rodoanel. A reportagem explicou resumidamente tudo que aconteceu e como estão os animais após o resgate histórico. O programa Fantástico, exibido pela Rede Globo no mesmo horário, ignorou o caso.

Fonte: Portal Vista-se<sup>134</sup>

*Linda reportagem!!! Q bom q este canal teve seriedade, carinho e cuidado ao transmitir esta noticia ao publico! Parabéns! (Postado dia 31/08/2015).*

*Finalmente estamos conseguindo um espaço na televisão. (Postado dia 31/08/2015).*

*Lindo resgate, lindas pessoas que trabalharam no resgate, no transporte e nos cuidados médicos com esses animais sensíveis e indefesos, lindas pessoas extraordinárias que doaram dinheiro para o auxílio desses nossos irmãos animais, lindas pessoas do santuário para onde foram as porcas. Parabéns a todos! Que Deus os abençoe muito, pois são pessoas do BEM! Parabéns também ao Domingo Espetacular e sua equipe, pela sensibilidade e compromisso de gravar uma matéria como essa, e transmiti-la para todo o Brasil, quem sabe ajudando mais e mais pessoas a se tornarem veganas e diminuirem a demanda pelo consumo de produtos de origem animal, trazendo, gradualmente, a paz ao planeta Terra. (Postado dia 02/09/2015).*

<sup>134</sup> Disponível em: < <https://vista-se.com.br/assista-materia-especial-do-domingo-espetacular-record-sobre-o-caso-dos-porc0s-do-rodoanel/>>. Acessado em 28 de janeiro de 2016.

Nota-se que os veganos esperam um determinado tipo de representação midiática e que isso normalmente não é correspondido pelas instituições midiáticas mais tradicionais. Além da avaliação positiva, foram feitas comparações entre o programa da Record e de outras emissoras. Destacamos (na *printscreen* da matéria do Vista-se, inserida acima) uma frase em que Chaves ressalta que o programa Fantástico da Rede Globo não falou sobre o caso. Essa comparação também pode ser vista em diversos comentários na página do *Facebook* do Portal Vista-se:

*Que linda essa reportagem! Achei que o jornal foi bastante ético para lidar com esse assunto, ao contrário do que eu tinha visto quando informaram naquela manhã sobre o acidente no **jornal da globo** de manhã, o repórter riu e fez uma piadinha tosca. (Postado dia 31/08/2015).*

*Trabalho incrível!! E reportagem muito bem feita! **Finalmente falaram o que as pessoas precisam saber**. Parabéns a todos vcs merecem!!! (Postado dia 05/09/2015).*

*LINDA MATERIA!!! É isso que falta pro jornalismo no brasil. Parabéns Fabio Chaves e a todos que ajudaram de alguma forma! (emoticon – sorriso) (Postado dia 05/09/2015).*

Percebe-se como o próprio Fábio Chaves ganhou legitimidade com o episódio, destacando-se dentro da comunidade de sentido, e a Record, a possibilidade de abarcar esse nicho do *veganismo* em suas produções. Salientamos que quando os comentaristas fazem afirmações do tipo “é isso que falta para o jornalismo no Brasil” ou “finalmente falaram o que as pessoas precisam saber”, não estão se referindo somente a este caso, mas sim a representação midiática do *veganismo* como um todo. O foco midiático ao tratar de *veganismo* ainda é voltado para a abordagem de dietas para emagrecer ou centrado em alguma celebridade que é vegana, como se fosse algum tipo de curiosidade/excentricidade acerca dos famosos. Poucas vezes assuntos mais sérios, ligados à ética do movimento são divulgados na mídia tradicional, e, certamente este caso do Domingo Espetacular foi uma exceção. Abaixo citamos dois exemplos do que normalmente é veiculado, no primeiro a fala é sobre como emagrecer com comida vegana. A matéria disponibiliza uma lista de refeições que teria sido seguida por Beyoncé para perder 29 Kg em 22 dias. O segundo exemplo relaciona uma “polêmica de celebridade” com o *veganismo* de Dado Dolabella, e chama a atenção pela forma como o foi escrito. Em vários momentos o jornalista diz que “Dado se converteu ao *veganismo*”. O uso da palavra “converteu” é equivocado para a situação e faz ligação do *veganismo* com algum tipo de religião ou culto. E durante todo o texto a palavra *veganismo*

aparece entre aspas. Fica evidente que o tema não é abordado de forma adequada e informativa - não podemos afirmar o porquê disso - pois pode ser em decorrência de falta de informação do jornalista ou desagrado pessoal com o assunto. Nenhum dos dois exemplos explica, de fato, o que é *veganismo*, para além da alimentação. Esses casos mostram como se dá o processo de circulação intermediário entre a comunidade de sentido dos veganos e as instituições de mídia tradicionais, revelando uma “falha” desses meios em representar midiaticamente o *veganismo*.

Figura 38– Matéria sobre o veganismo da Beyoncé<sup>135</sup>



Foto - Reprodução/Just Jared

Qual será o segredo da **dieta** de **Beyoncé**? O look da cantora no baile de gala do Metropolitan (Met gala) deixou muita gente por aí de queixo caído, não só pelo modelito Givenchy como principalmente pelo corpinho enxuto da loira.

Fonte: Vila Mulher<sup>136</sup>

<sup>135</sup> A cantora e seu marido Jay Z se declararam veganos no início de 2015, afirmando que a decisão foi tomada pelos animais, porém, a maior parte dos meios que divulgaram a notícia optaram por falar na relação entre a forma física da Beyoncé e sua dieta vegana, ignorando inclusive o fato de Jay Z também se declarar vegano.

Figura 39 – Matéria sobre comentário feito pelo Dado Dolabella

## Dado Dolabella cria polêmica ao falar de veganismo em despedida de Betty Lago



Fonte: Jovem Pan<sup>137</sup>

Retomando o episódio do Rodoanel, mais recentemente, em dezembro de 2015, algumas das porcas tiveram filhotes, aumentando exponencialmente o número de animais no santuário, o que está gerando uma nova movimentação dos ativistas e da própria mídia<sup>138</sup>. Não analisamos este desdobramento, mas é importante citá-lo, pois torna visível o processo de circulação midiática em fluxo contínuo sempre gerando novos circuitos. (BRAGA, 2012).

### 5.2.1 Inferências Sobre o Episódio

Para compreender esse episódio comunicacional e o papel desempenhado pelo Portal Vista-se é importante ressaltar que o *veganismo*, apesar de ter surgido na década de 40, é um movimento em fase inicial que está tentando se constituir no Brasil. Sua inscrição na sociedade ainda é algo novo, que tem acelerado somente nos últimos anos. Portanto os amadores inseridos nessa cultura criam uma grande diversidade de estratégias (usos e

<sup>136</sup> Disponível em: <<http://www.vilamulher.com.br/bem-estar/nutricao/dieta-vegana-de-beyonce-m0515-702143.html>>. Acessado em 28 de janeiro de 2016.

<sup>137</sup> Disponível em: <<http://jovempan.uol.com.br/entretenimento/famosos/dado-dolabella-cria-polemica-ao-falar-de-veganismo-em-despedida-de-betty-lago.html>>. Acessado em 20 de fevereiro de 2016.

<sup>138</sup> <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2015/12/porcas-do-rodoanel-dao-cria-e-deixam-ativista-em-panico-falta-verba-diz.html>

apropriações) para se comunicar com quem está fora do *veganismo*. Táticas cuja eficiência é testada no próprio processo interacional (tanto com instituições midiáticas quanto com atores sociais), gerando alterações, debates e descontinuidades, evidenciando o caráter tentativo (BRAGA, 2010c).

Isso é reproduzido de forma bastante intensa no Vista-se, tornando-o um espaço aberto que busca as mais diversas formas para se comunicar com quem está fora do *veganismo* e é capaz de mudar a estratégia ou fazer adaptações, dependendo da eficácia em comunicar.

Um exemplo disso: em 2011 Chaves (que além de vegano é fã de *heavy metal*) aproveitando a reunião da formação clássica banda Black Sabbath<sup>139</sup>, publicou coincidentemente no Whiplash (nosso outro objeto de estudo), uma notícia sobre a reunião da banda, frisando o *veganismo* de seus membros<sup>140</sup>. Essa matéria foi originalmente postada no Vista-se e replicada no Whiplash, para fins de divulgação. Acreditamos que Chaves tenha tentado abrir um espaço para falar de *veganismo* em outros sites. A postagem, no Whiplash, está com 184 comentários (o que é bastante para os padrões atuais do site), a grande maioria são críticas, deboches e ofensas direcionados ao Chaves e ao Whiplash<sup>141</sup> por permitir esse tipo de publicação, como pode ser visto nos exemplos a baixo:

*Que cara escroto fazer dessa notícia uma ode a frescura do vegetarianismo! (Postado dia 11/11/2011).*

*Whiplash além de ser a TiTiTi e a Contigo do Metal ta virando a Boa Forma do Metal! Só faltava essa mesmo. (Postado dia 11/11/2011).*

*Porra whiplash! Só falta começar a publicar receita agora! Tomara que a reunião mostre a luz pra esses três ai voltarem a se alimentar direito pra aguentar o tranco da turnê e fazer o cérebro trabalhar direto pra conseguirem compôr música boa! (Postado dia 12/11/2011).*

*É, gente, cadê a imparcialidade? Matérias idolatrando o veganismo? O que está acontecendo com Whiplash Rocksite - Rock e Heavy Metal (www.whiplash.net)<sup>142</sup>? (Postado dia 15/11/2011).*

Além desta vez, Fábio fez mais duas publicações do gênero no Whiplash, todas geraram o mesmo tipo de resultado, não houve comunicação naquele espaço. Então ele

<sup>139</sup> O baixista (Geezer Butler) e o baterista (Bill Ward) do Black Sabbath são veganos e ativistas. E Ozzy Osbourne (vocalista) afirmou que está tentando se manter vegano.

<sup>140</sup> Disponível em: <[http://whiplash.net/materias/news\\_845/142014-blacksabbath.html](http://whiplash.net/materias/news_845/142014-blacksabbath.html)>. Acessado dia 26 de Janeiro de 2016.

<sup>141</sup> Esse é um indicio de que a comunidade é bastante fechada. Abordaremos mais detalhadamente no capítulo de análises transversais.

<sup>142</sup> Aqui o leitor marcou o Whiplash no *Facebook*, por isso aparece o nome completo do site.



rapidamente desistiu de divulgar o *veganismo* ali. Essa atitude fornece indícios de que ele acompanha a repercussão das suas tentativas comunicacionais. Chaves não apenas enviou a matéria para publicação, mas também verificou se estava atingindo seu objetivo (monitorou a reação dos leitores) e ao constatar que não estava, abandonou essa estratégia de publicar em outros sites.

Através dessas observações delimitamos algumas táticas comunicacionais que são utilizadas pelo Portal Vista-se:

- Sensibilidade em analisar a reação dos interlocutores e com isso direcionar suas estratégias comunicacionais, o que revela preocupação com circulação tanto intramidiática (para com a comunidade de sentido) quanto intermediária (para os não veganos);
- Multiplicidades de áreas de atuação que se dá por meio da criação dos diversos “microdispositivos” vinculados ao Portal, como *hotsites*, sessão de comentários, colunas operativas, página de cobertura ao vivo, etc;
- É aberto à mudança. Isso se evidencia na diversidade de plataformas e pluralidade de discursos veiculados;
- Atuação dentro e fora das redes digitais;
- Participação em eventos importantes para a causa animal, como sessão de votação de leis, congressos e protestos. Participa desses eventos como um protagonista do movimento.

Diante desses indícios coletados até aqui inferimos que o Vista-se, em muitos casos, realmente se apropria (PROULX, 2013) das técnicas e tecnologias, pois faz um uso inventivo e inovador, ultrapassando a utilização desses meios apenas para divulgar o *veganismo*. O Portal cria, de fato, novas práticas, como por exemplo, os diversos *hotsites* (citados na contextualização deste trabalho) e a página de cobertura ao vivo, que é um mecanismo diferenciado o qual permite atualização em tempo real, divulgação de fotos, vídeos, hospedagem de material para *download*. A página é atualizada automaticamente para o usuário a cada 2 minutos. Tudo isso denota capacidade técnica e cognitiva apurada, bem como sofisticação no uso desse meio técnico. Essas características são componentes importantes para a definição de apropriação, conforme Proulx (2013).

Outro aspecto relevante que inferimos é que após o caso das porcas o Vista-se atingiu um outro patamar dentro do *veganismo* brasileiro e tem se tornado referência para o movimento. Desde setembro de 2015 até agora, articulou mais dois resgates semelhantes<sup>143</sup>, sendo responsável pela arrecadação de verba, prestação de contas, convocação de ativistas e cobertura do evento (através da página de coberturas ao vivo). Além disso, Fábio tem sido constantemente convidado a dar entrevistas e falar em nome do *veganismo* pelas instituições midiáticas tradicionais, inclusive, atualmente, é colunista do R7. Identificamos aí, um processo de reconhecimento, de empoderamento tanto do Portal, quanto do ativista. E esse reconhecimento está vindo tanto de dentro da confraria de amadores quanto de fora dela.

Dessa forma, afirmamos que o Vista-se se empodera como dispositivo (para os veganos, os amadores) e o *veganismo* em si ganha mais espaço na sociedade, por isso o consideramos como uma cultura em ascensão. Nossa hipótese é de que isso acontece através da competência que o Portal tem em se adaptar aos novos processos que surgem com a midiaticização, sendo capaz até de ter vantagens com isso.

Porém, essa dinâmica gera um problema a ser enfrentado pelo movimento: quanto mais espaço o *veganismo* conquista na sociedade, mais a mídia "tradicional" fala sobre ele. Contudo, o que temos percebido é que na maioria das vezes o que é veiculado sobre essa temática nos meios tradicionais se restringe a discursos que tratam o *veganismo* apenas como mais uma forma de dieta ou focam em comentar como se fosse uma excentricidade/curiosidade acerca de celebridades veganas. Por consequência, deixando de lado questionamentos éticos mais profundos, aqueles que tentam combater o *especismo*, que tentam estabelecer uma nova forma de ver os outros animais. Então, levantamos os questionamentos: como a maior parte da população ainda não conhece o *veganismo*, essa forma de popularização não estaria causando esvaziamento de significado, fazendo com que o movimento perca sua ideologia inicial? Até que ponto a ascensão acentuada do movimento, que observamos nos últimos anos, não está se tornando meramente mercadológica, fazendo surgir apenas um novo nicho de mercado?

Essas questões não serão respondidas nessa pesquisa, mas certamente podem servir como motivação para estudos futuros, afinal partindo de nossas inferências atuais de que o Portal Vista-se está se empoderando como dispositivo e o *veganismo* está em ascensão,

---

<sup>143</sup> Os casos podem ser vistos em: <https://vista-se.com.br/policia-estoura-matadouro-clandestino-de-porc0s-em-diadema-e-conta-com-apoio-de-ativistas/> e <https://vista-se.com.br/santu0rio-que-recebeu-animais-resgatados-em-matadouro-clandestino-no-rio-precisa-de-ajuda/>.

podemos investigar o que acontece quando uma cultura alternativa se estabelece na cultura de massa.

O diagrama que criamos para analisar o circuito-ambiente relacionado ao Portal Vista-se compreende o episódio estudado (caso das porcas do Rodoanel) e coloca o Portal em lugar central, como articulador entre a comunidade de sentido e o que há fora dela, evidenciando assim a circulação intermediária.

Figura 40 – Diagrama do Vista-se



Fonte: Elaborado pela autora.

As setas duplas referem-se à circulação intermediária em fluxos, onde o Vista-se é o grande articulador, aquele que faz a chancela, vinculado à comunidade de sentido. Porém, o

mesmo recebe contatos de não veganos, do mercado e de instituições midiáticas que, embora fora da comunidade, incidem sobre ela.

### 5.3 ANÁLISES TRANSVERSAIS

As proposições anteriores nos ajudaram a compreender como ocorre o processo de midiaticização do *heavy metal* e do *veganismo*, através da análise dos empíricos Whiplash e Vista-se. Aqui, vamos analisar as transversalidades encontradas entre esses dois objetos para inferir além desses casos específicos, incidindo sobre o contexto amplo das culturas alternativas em processo de midiaticização, conforme a metodologia abdutiva referenciada no capítulo metodológico. Para tal, retomamos como se constitui empiricamente, os principais conceitos teóricos referentes ao processo de midiaticização.

Partindo da premissa de que dispositivos midiáticos se configuram na articulação consolidada como prática social entre meios, consumos, usos e apropriações (FERRERIA, 2015) e dependem de códigos compartilhados (BRAGA, 2015) para comunicar, entendemos que o Whiplash era um dispositivo empoderado quando reproduzia as lógicas e valores da comunidade de sentido e se fechava, sempre que possível, para a circulação intermediária, negando ou rechaçando o que era reproduzido sobre *heavy metal* fora das fronteiras da comunidade. Inclusive este foi o motivo<sup>144</sup> para a criação do site, informar e produzir conteúdo acerca do *metal* diferente do que já era produzido pela mídia tradicional.

Assim, era legitimado pelos amadores como um espaço adequado para se falar sobre *heavy metal* e fortalecido como prática social dos *headbangers*. Quando, em decorrência do processo de midiaticização como explicitado na análise individual do objeto, promove uma certa abertura para as lógicas externas, assumindo características jornalísticas comuns, deixa de ser reconhecido pelos amadores, que começam a deslocar suas interações para outros espaços que, por sua vez, tentam se empoderar como dispositivo.

Já o Vista-se, quando se torna articulador e agregador das relações entre a comunidade de sentido e a sociedade fora dela, no caso das porcas do Rodoanel, passa a ser empoderado como dispositivo midiático para orientar o fluxo comunicacional do *veganismo* na circulação intermediária. Como o *veganismo* é uma cultura que se propõe à expansão, para que os seus valores sejam mantidos na disseminação do movimento pelo tecido social, se faz necessário um aparato regulador que busque controlar e direcionar o que será veiculado sobre *veganismo*, no caso o Portal Vista-se constituído como dispositivo midiático. Ainda que isso

---

<sup>144</sup> Declarado pelo fundador do site.

não seja totalmente concretizado, afinal as instituições midiáticas tradicionais permanecem divulgando informações distorcidas sobre *veganismo*, o que “conta” para a confraria de amadores do Vista-se é o comprometimento em divulgar sem distorções os princípios veganos, e não, o sucesso em fazê-lo.

Certamente o reconhecimento de determinado meio como dispositivo midiático varia conforme as características específicas do tema que ali é tratado, bem como, do grau de especificidade desse tema. Mas, se tratando de culturas alternativas podemos inferir que a reprodução das lógicas, regras e valores dessa cultura são fundamentais para o empoderamento e legitimação do dispositivo.

A aceleração dos fluxos informacionais, ou seja, da circulação motivada pelo processo de midiaticização criou possibilidades para que culturas alternativas ampliassem seu espaço de atuação, levando temas como *heavy metal* ou *veganismo* para espaços que eram inatingíveis há alguns anos. Num primeiro momento esse fato pode parecer extremamente vantajoso, pois permite maior disseminação desses conteúdos, porém, nem sempre atingir mais interlocutores é garantia de uma comunicação bem sucedida. Constatamos que a circulação nos ambientes analisados ocorre permeada por tensionamentos e pressões, afinal são meios que tentam “colocar em fluxo” mensagens que não estão integradas à cultura de massa e que, muitas vezes, não são nem se quer entendidas pela cultura massiva. Isso fica evidente quando observamos pontos de encontro ou zonas de contato (FAUSTO NETO, 2010) entre a confraria e o que está fora dela. Nesses casos observamos, repetidamente, disputas de poder e legitimidade onde a confraria tenta impor seu discurso e a cultura de massa reage revelando o senso comum, a “conceituação rasteira” que tem sobre a confraria.

Dentro de problemática da circulação, as capacidades comunicacionais das confrarias são essenciais, deste modo é necessário refletir sobre os usos e apropriações desses grupos. A apropriação do midiático é um processo de constituição pessoal (do indivíduo amador) e social (da cultura alternativa) funcionando como uma matriz que combina o uso inventivo da técnica e capacidades cognitivas, de forma significativa e criadora (PROULX, 2013). Assim, atingir o nível de apropriação midiática - além do uso - nos parece substancial para que a confraria tenha sucesso comunicacional. Nos casos estudados, quando o Whiplash passa a mimetizar práticas padrão de jornalismo na web, deixando de fazer apropriações, além de perder legitimidade com a comunidade de sentido, perde força comunicacional. E o Vista-se que frequentemente se apropria das técnicas e tecnologias ganha força comunicacional. Dessa forma, inferimos que quanto mais apropriações uma cultura alternativa em processo de midiaticização fizer, mais eficiente será em comunicar.

Sobre aspectos comunitários, sustentamos que ambos são espaços de comunidades de sentido, porém no Whiplash as características identitárias, regras de pertencimento e códigos são colocados em evidência e constantemente reforçados. No Vista-se não temos esses aspectos de identificação excludentes, mas encontramos marcas nos discursos que revelam a existência de diretrizes para se inscrever no *veganismo*. Acreditamos que o conceito de neotribalismo (MAFFESOLI, 1998) seja ainda mais eficaz para entender as trocas comunitárias que ocorrem no Vista-se, pois mais que uma vivência, através do consumo de objetos culturais que permite a identificação de seus pares (JANOTTI, 2002), o *veganismo* é caracterizado como um agrupamento social que funde, de forma enfática, o ato de compartilhar um interesse com determinado coletivo, buscando a partilha de sentidos (MAFFESOLI, 1998). Outro ponto a ser ressaltado nessa questão diz respeito ao fato de que a confraria de amadores relacionada ao Whiplash busca o fechamento e a que diz respeito ao Vista-se busca a expansão, portanto é elementar para os veganos não criar regras excludentes para o acesso de novos membros além do pacto pelo abolicionismo animal, como gostos musicais ou de vestuário.

Retomamos agora nosso desenho inicial (ver página 77) para refletir sobre os elementos delimitados em nossas inferências preliminares em relação às nossas descobertas finais.

Certamente o desenho foi feito com grande grau de complexidade, para sistematizar “o todo” da pesquisa, desde o contexto mais amplo (sociedade em midiatização) até o mais específico (as confrarias de amadores). Num momento inicial esse desenho serviu para visualizar toda a gama de relações possíveis a serem estudadas. Porém, o avanço da pesquisa empírica e dos levantamentos teóricos permitiu que selecionássemos quais relações ali presentes poderiam ser analisadas a fim de servir ao nosso problema de pesquisa. Depois da adoção da delimitação de episódios comunicacionais (BRAGA, 2015), elencamos que a centralidade das relações analisadas ficaria nos dispositivos (Vista-se e Whiplash) e seu papel de articulador ou não das relações entre cultura de massa e cultura alternativa, ou seja, não se trata de estudar simplesmente a relação: cultura de massa X cultura alternativa, mas sim de observar essa relação por meio dos dispositivos selecionados. Isso fica evidente nos desenhos elaborados para a análise individual dos nossos objetos.

Resgatamos agora nossa pergunta central da pesquisa: **Nos casos específicos (Whiplash e Vista-se), que lógicas são acionadas na circulação inter e intramidiática para a constituição de culturas alternativas?** A qual pode ser respondida da seguinte forma:

O Whiplash se abriu para lógicas midiáticas externas, semelhantes às do jornalismo *online* padrão (circulação intermediática) enfraquecendo a comunicação com a confraria (circulação intramediática); enquanto o Vista-se cria, por meio de apropriações midiáticas (PROULX, 2013), lógicas próprias para falar sobre o *veganismo* para fora da comunidade (circulação intermediática) e se fortalece como articulador dos discursos veganos para a confraria (circulação intramediática).

Por fim, com base em nossas observações empíricas acerca do processo de midiaticização das culturas alternativas investigadas durante nossa pesquisa concluímos que: no Whiplash temos uma confraria de amadores que começa a se desfazer e o próprio *heavy metal*, como uma cultura em crepúsculo, já fez parte da cultura de massa e hoje se mantém em nichos. Então, quer dizer que há uma cultura em crepúsculo, um dispositivo em declínio e uma confraria em dissolução. No caso do Vista-se temos uma confraria que se integra – ainda que por razões midiáticas e mercadológicas -, uma cultura em ascensão e um dispositivo que se empodera, fazendo com que a confraria entre em fase de consolidação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos a comunicação na atualidade, em contexto de midiaticização, é notório que vivemos em um momento de expansão da utilização da internet para cobertura e divulgação dos mais diversos tipos de culturas alternativas e movimentos sociais. Os discursos destes grupos têm conseguindo circular mais facilmente pelo tecido social, assim vemos emergido daí algum tipo de caráter comunitário, mas o que isso estaria mudando de fato? Estaria acontecendo um verdadeiro empoderando desses grupos na sociedade? Minha vivência como integrante de algumas dessas culturas, somada aos aportes teóricos adquiridos com minhas experiências acadêmicas sempre me fizeram questionar o senso comum de que a internet é um espaço naturalmente democrático e aberto para disseminação de culturas não hegemônicas. Sim, as culturas alternativas estão se espalhando, mas é importante saber como. Essa inquietação foi uma das grandes motivações em estudar os processos de interação que ocorrem dentro dessas culturas alternativas e como se apropriam ou não das mídias para exteriorizar seus valores e saberes. Munida desses questionamentos ingressei no mestrado com a missão de observar como se configuram as práticas interacionais e comunicacionais dessas culturas, afetadas pelo processo de midiaticização em dois objetos empíricos o Whiplash e o Portal Vista-se, chegando assim ao nosso problema de pesquisa: **Nos casos específicos (Whiplash e Vista-se), que lógicas são acionadas na circulação intermediática para a constituição de culturas alternativas?**

Sobre as culturas alternativas escolhidas para análise optamos pelo *heavy metal* e pelo *veganismo*, pois ao participar ativamente desses agrupamentos culturais fui percebendo uma série de indícios que apontavam para uma força social e riqueza nesses grupos, no que diz respeito a usos e apropriações midiáticos, bem como à constituição de espaços comunitários, visíveis através do conceito de comunidade de sentido (JANOTTI, 2002), nas quais a inscrição se dá por meio de uma série de regras e protocolos, que garantem a manutenção dessas agremiações. Ressaltamos que o *veganismo*, e até mesmo o *heavy metal*, poderiam ser vistos pelo prisma do ativismo, todavia esse olhar não seria o ideal para entendermos os processos sociais que são mais relevantes para nós, aqueles que tratam de configurações comunitárias inseridas num contexto midiático e em fase de midiaticização.

Tanto o *veganismo* quanto o *heavy metal* são fruto de iniciativas de contracultura, na medida em que, em maior ou menor grau, ambos questionam e por vezes tentam romper, com normas socialmente aceitas e estruturas de poder, como por exemplo: a exploração dos animais não humanos e o consumo de produtos culturais massivos. Apesar da origem



semelhante, cada qual se insere na sociedade de maneira distinta, o *heavy metal* (que já fez parte da indústria cultural na década de 80) atua de forma a se fechar dentro da comunidade de sentido, está em crepúsculo e o *veganismo* (que nunca foi massivo) almeja a massificação, está em ascensão.

As afetações da midiatização manifestadas nos circuitos comunicacionais (BRAGA, 2012) e nos dispositivos midiáticos (Braga, 2015 e Ferreira, 2006; 2013), faz com que indivíduos, instituições e culturas permaneçam em constante interação entre si, criando zonas de indeterminação (FAUSTO NETO, 2013) onde ocorrem embates e disputas. Mesmo que uma determinada cultura, como o *heavy metal*, tente fugir desse confronto com o que existe fora da comunidade de sentido isso não é possível ao estar inserido na circulação (especialmente na comunicação via web) no contexto de midiatização.

O percurso metodológico dessa pesquisa, que foi feito em movimentos de “idas e vindas”, dos materiais empíricos às teorias e das teorias aos materiais empíricos conforme método descrito por Ferreira (2011; 2012), permitiu que observássemos o que de fato, nossos objetos estavam evidenciando. Exatamente por isso encontramos, especialmente no caso do Whiplash, grandes desvios em relação às nossas proposições iniciais e, enquanto alguns ângulos de análise perderam relevância, outros foram se mostrando mais relevantes. Assim, acreditamos que os resultados finais desta pesquisa dependem, essencialmente, desse movimento de idas e vindas (de abdução) que possibilitou mergulhar nos empíricos mais livremente, para ver quais indícios o próprio empírico revelava como substancial.

Nossa opção metodológica pela delimitação de episódios comunicacionais (BRAGA, 2015) foi feita para evitar dispersão e garantir riqueza de ângulos a serem analisados. No episódio do Rock In Rio 2015 não encontramos diversidade de ângulos para analisar, mas isso nos permitiu inferir que o Whiplash é um dispositivo em declínio, que gradativamente tem perdido o reconhecimento e a legitimidade no *heavy metal* brasileiro, pois ao ser tensionado pelo processo de midiatização cedeu às lógicas externas, rompendo, de certa forma, com a comunidade de sentido.

Já o episódio das porcas do Rodoanel se revelou como um marco, tanto para o *veganismo* brasileiro quanto para o dispositivo Vista-se, pois em decorrência deste caso diversos valores e reflexões éticas passaram a circular também fora da comunidade de sentido. Ainda que o “grosso” das falas sobre *veganismo* por parte das instituições midiáticas tradicionais sejam distorções e reduções do movimento, novas possibilidades surgiram, se pensarmos no conteúdo da matéria feita pelo Domingo Espetacular. Quanto ao Vista-se

constatamos que, após esse episódio, se empodera como dispositivo e passa a ser o principal meio articulador entre a comunidade de sentido e o que está fora dela.

Certamente as descobertas aqui relatadas servem de ponto de partida para novos questionamentos que podem ser desenvolvidos em pesquisas futuras. Ressaltamos: o que muda no Portal Vista-se agora que se constitui como dispositivo midiático? Nesse novo panorama, como serão estabelecidas as relações entre o portal e as instituições midiáticas tradicionais? O portal terá mais força para disseminar os valores e saberes do *veganismo*? Quanto ao Whiplash, é possível retornar ao espaço de empoderamento, reconhecimento e legitimidade de outrora? Como se daria esse processo?

Dessa forma ressaltamos que o processo de pesquisa inicia-se sempre com uma pergunta e finda com outras tantas novas perguntas, o que nos remete à crucial importância dos questionamentos para o devido *desentranhamento do comunicacional*.

## REFERÊNCIAS

- BATALHA, Ricardo. *A História do Heavy Metal no Brasil*. Disponível em: <<http://heavymetalnacional.com/a-historia-do-heavy-metal-no-brasil/>>. Acessado em: 01 de maio de 2015.
- BRAGA, José Luiz . Análise performativa: cem casos de pesquisa empírica. In: Braga, José Luiz; Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; Martino, Luiz Cláudio. (Org.). *Pesquisa Empírica em Comunicação*. 1ed.São Paulo: Paulus, 2010a, v. 1, p. 403-423.
- \_\_\_\_\_. **A sociedade enfrenta sua mídia - dispositivos sociais de crítica midiática**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2006. v. 1. 350p .
- \_\_\_\_\_. *Comunicação é aquilo que transforma linguagens*. Revista Alceu, v. 10 - n.20, jan./jun. 2010, p. 41-54. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2010b.
- \_\_\_\_\_. *Constituição do Campo da Comunicação*. Revista Verso e Reverso, São Leopoldo: UNISINOS, XXV (58): p. 62-77, janeiro-abril de 2011.
- \_\_\_\_\_. *Mediatização como processo interacional de referência*. In: MÉDOLA, Ana Silvia; ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda (orgs.). *Imagem,visibilidade e cultura midiática – Encontro da XV Compós*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- \_\_\_\_\_. *“Dispositivos interacionais”*. Versão em progresso de capítulo de livro em elaboração (“Uma heurística para a Comunicação” – título provisório). 2015.
- \_\_\_\_\_. *Circuitos versus campos sociais*. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Org.) **Mediação & mediatização**. 1. ed. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Comunicação, disciplina indiciária*. Matrizes (USP. Impresso), v. 1, p. 73-88, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Nem rara, nem ausente - tentativa*. In: XIX Encontro Nacional da Compós, 2010, Rio de Janeiro. Brasília/Rio de Janeiro: Compós/PUC-RJ, 2010c.
- \_\_\_\_\_. *O que a comunicação transforma?* In J. L. Braga, J. Ferreira, A. Fausto Neto & P. G. Gomes (Orgs.). *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação* (p. 156-171). São Leopoldo: Editora Unisinos. 2013.
- \_\_\_\_\_. *Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação*. Revista Contracampo, vol. 10/11, fascículo 2004/2, p. 219-235, Niterói: UFF, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Pesquisando perguntas - um programa de ação no desentranhamento do comunicacional*. In: FAUSTO NETTO, Antonio (Org.); FERREIRA, Jairo (Org.); BRAGA, José Luiz (Org.) ; GOMES, Pedro Gilberto (Org.) . **Mediatização e**

- processos sociais: aspectos metodológico.** 1. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010d. v. 1. 192 p
- CAMPOY, Leonardo Carbonieri. **Trevas Sobre a Luz - O Underground do Heavy Metal Extremo No Brasil.** 1ª ed., São Paulo: Alameda, 2010, 320 p.
- CARDON, Dominique. A inovação pelo uso. In: AMBROSINI, Alain; PEUGEOT, Valérie; PIMIENTA, Daniel. **Desafios de Palavras: Enfoques Multiculturais sobre as Sociedades da Informação.** C & F Éditions, 2005. em: <[http://vecam.org/article.php3?id\\_article=591&nemo=edm](http://vecam.org/article.php3?id_article=591&nemo=edm)> Acessado em: 25 de fevereiro de 2016.
- CARVALHO, André Luis de Lima. **Além dos confins do homem: Frances Power Cobbe contra o darwinismo na controvérsia sobre a vivisseção no Reino Unido (1863-1904).** 2010. 510 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.
- CASTELLS, Manuel. **Comunicación y Poder.** Madrid: Alianza e Pensamento, 2010, 680 p.
- \_\_\_\_\_. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999, v. 1, 671 p.
- \_\_\_\_\_. **Communication, power and counter-power in the network society.** International Journal of Communication. nº1, 2007, p. 238-266.
- COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. *Conceptualizing mediatization: contexts, traditions, arguments.* *Communication Theory*, v. 23, Issue 3, p. 191-201, 2013.
- DIAS, Juliana Vergueiro Gomes. **O Rigor da Morte: a Construção Simbólica do “Animal de Açougue” na Produção Industrial Brasileira.** 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em filofia) Universidade Federal de Campinas - Unicamp, Campinas, 2009.
- FASSINI, M. Os discursos sobre veganismo no contexto do *Facebook*. Projeto de pesquisa. Graduação. PPGCC-UNISINOS. 2015.
- FAUSTO NETO, Antonio. *A circulação além das bordas.* In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra. (Org.). **Mediatización, sociedad y sentido.** 1ed. Rosário: Departamento de Ciencias de la Comunicación - UNR, 2010, v. 1, p. 2-17.
- \_\_\_\_\_. *Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação?.* In: Braga, José Luiz; Ferreira, Jairo; Fausto Neto, Antônio; Gomes, Pedro Gilberto. (Org.). **10 Perguntas para a produção de conhecimento em comunicação.** 1ed. São Leopoldo: Unisinos, 2013, v. I, p. 38 - 58
- \_\_\_\_\_. *Enunciação, auto-referencialidade e incompletude.* Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 34, v. 1, p. 27-35, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Fragments de uma analítica da midiatização.* In: Matrizes, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.

- \_\_\_\_\_. *Midiatização, prática social: prática de sentido*. In: XV Encontro Nacional da Compós, 2006, Bauru/SP.
- FELIPE, Sônia T. *A desanimalização do consumo humano: desafios da ética vegana*. Palestra proferida na abertura da Reunião de Fundação da Sociedade Vegana. São Paulo: 2010. Disponível em [www.sociedadevegana.org/index.php?view=article&catid=16%3Aetica&id=16%3Aadesanimalizacao](http://www.sociedadevegana.org/index.php?view=article&catid=16%3Aetica&id=16%3Aadesanimalizacao). Acessado em: 30 de abril de 2015.
- \_\_\_\_\_. *Fundamentação ética dos direitos animais – O legado de humphry primatt*. Revista Brasileira de Direito Animal , v. 1, p. 207-230, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Por uma questão de princípios** – alcances e limites da ética de Peter Singer em defesa dos animais. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003, 211p.
- FERREIRA, Jairo. *ANALOGIAS: operações para construção de casos sobre a midiatização e circulação como objetos de pesquisa*. In: XXIV Encontro Nacional da Compós, 2015, Brasília. 2015 - XXIV COMPOS: BRASÍLIA/DF. BRASÍLIA: COMPÓS. v. 1. p. 11-18.
- \_\_\_\_\_. *A Pólis que se Faz em Processos Midiáticos: proposições sobre a política na perspectiva da midiatização*. Livro da Compós, 2016. No prelo.
- \_\_\_\_\_. *Adaptação, disrupção e reação em dispositivos midiáticos: questões sobre a incerteza e indeterminação nos processos de midiatização*. In: Antônio Fausto Neto; Natalia Raimondo Anselmino; Irene Lis Gindin. (Org.). **relatos de investigaciones sobre mediatizaciones**. 1ed.ROSÁRIO: CIM-UNIVERSIDADE DE ROSÁRIO, 2015, v. 1, p. 71-86.
- \_\_\_\_\_. *Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições?*. In: Braga, José Luiz; Ferreira, Jairo; Fausto Neto, Antônio; Gomes, Pedro Gilberto. (Org.). **10 Perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. 1ed. São Leopoldo: Unisinos, 2013, v. I, p. 140-155.
- \_\_\_\_\_. *Estudo exploratório sobre a construção de hipóteses: entre o método e os contextos de produção*. Líbero (FACASPER), v. 14, p. 79-92, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação*. E-Compós (Brasília), v. 10, p. 1-15, 2007a.
- \_\_\_\_\_. *O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa empírica em comunicação*. In Texto (UFRGS. Online), v. 27, p. 161-172, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/33802/0>>. Acessado em: 10 de maio de 2015.
- \_\_\_\_\_. *O método como valor de trocas nas ciências sociais*. In: Ferreira, Jairo; Franciso José Paoliello Pimenta; Signates, Luiz. (Org.). **Estudos de comunicação: transversalidades epistemológicas**. 1ed.São Leopoldo: Unisinos, 2010, v. 1, p. 39-56.

\_\_\_\_\_. *Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos*. In: Libero, São Paulo, Faculdade Cásper Libero, n. 17, p. 137-145, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/6112/5572>>. Acessado em: 01 de maio de 2015.

\_\_\_\_\_. VIZER, Eduardo (orgs). **Mídia e movimentos sociais: linguagem e coletivos em ação**. São Paulo: Paulus, 2007b.

\_\_\_\_\_; ROSA, Ana Paula da. *Midiatização e poder: a construção das imagens na circulação intermediária*. IN: TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa (org). **Mídia, Cidadania & Poder**. Goiania: FACOMB/FUNAPE, 2011. (p. 19-38).

FLICHY, Patrice. Seminário: *Os amadores no mundo digital - rumo a uma nova democracia de competências*. Seminário da Escola de Altos Estudos/Capes. 3. UNISINOS. São Leopoldo - (Transcrição). Outubro de 2013.

FRANCIONE, Gary L. **Animals, Property, and the Law**. Temple University Press, 1995, 275 p.

GOMES, Pedro Gilberto. *O processo de midiatização da sociedade*. Paper/Unisinos. São Leopoldo, RS. 2005. Disponível em: <<http://rolandoperez.files.wordpress.com/2009/02/midiatizacao-da-sociedade-pedro-gilberto-gomez.pdf>>. Acessado em: 19 de fevereiro de 2015.

\_\_\_\_\_. *Da Sociedade dos Meios à sociedade em Midiatização*. Revista Instituto Humanitas Unisinos [online], n.357, ano XI, abril 2011. Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3769&secao=357](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3769&secao=357)> Acessado em: 15 de maio de 2015.

HARAWAY, Donna J. **The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003, 100 p.

HEPP, Andreas. *As configurações comunicativas de mundos midiatizados: pesquisa da midiatização na era da "mediação de tudo"*. Matrizes, São Paulo, v. 8, n.1, p. 21-44, jan/jun. 2014.

HJARVARD, Stig. *A Midiatização do Habitus: O Caráter Social de um Novo Individualismo*. In: \_\_\_\_\_. **A Midiatização da Cultura e da Sociedade** Tradução André de Godoy Vieira, 1ª ed., São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014a. Cap. 6, p. 217-239.

\_\_\_\_\_. *Midiatização: conceituando a mudança social e cultural*. Matrizes, São Paulo, v. 8, n.1, p. 21-44, jan/jun. 2014b. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/issue/view/ISSN%201982-2073/showToc>> Acessado em: 24 de maio de 2015.

\_\_\_\_\_. *Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural*. Matrizes, São Paulo, v. 5, n.2, p. 53-92, jan/jun. 2012.

JAHN, Carlos Alberto. **Indeterminações comunicacionais geradoras de indefinição ética**. 2014. 240 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2014.

JANOTTI, Jeder. *Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos*. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), BH, 2 a a 6 set 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/39163256441774638697926277590288153638.pdf>> Acessado em: 24 de maio de 2015.

---

**Heavy metal e mídias: das comunidades de sentido aos grupamentos urbanos**. 2002. 375 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2002.

KEEN, Andrew. **O culto do amador**: como blogs, myspace, youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009, 207 p.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998, 320p.

---

**O tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. Tradução Maria de Lourdes Menezes, 4a ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, 297 p.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Trad. de J. T. Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PROULX, Serge. *Emergência de uma cultura da contribuição na era digital: Mutações da Comunicação*. Seminário da Escola de Altos Estudos/Capes. 2. UNISINOS. São Leopoldo - (Transcrição). Abril de 2013.

REGAN, Tom. **A case for animal Rights**. Berkley: University of California Press, 1983, 474 p.

RODRIGUES, Adriano. *Experiência, modernidade e campo dos media*. In: **Reflexões sobre o contemporâneo**, UFPI, 2000.

ROSA, Ana Paula da. **Imagens-totens: a fixação de símbolos nos processos de midiatização**. 2012. 360 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2012.

RYDER, Richard. *All beings that feel pain deserve human rights*. 06 de agosto, 2005. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/uk/2005/aug/06/animalwelfare>>. Acessado em: 29 de abril de 2015.

SÁ, Simone Pereira de. *Utopias Comuns em Rede: Discutindo a noção de comunidade virtual*. In: X Encontro Nacional da Compós, 2001, Brasília - DF.

SBARDELOTTO, Moisés. *O leigo-amador no contexto da midiatização: uma análise da circulação do religioso na internet*. In: XXIII Encontro Anual da Compós, 2014, Belém – PA.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, 216 p.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010, 488 p.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural – mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, 332 p.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidade e sociedade**. In: Miranda, Orlando de. *Para ler Ferdinand Tönnies*. 1. ed. São Paulo: Ed USP, 1995. p. 231-352.

VERÓN, Eliseo. *Esquema para el analisis de la Mediatización*. In: **Diálogos de La Comunicación**, Lima, nº. 48, out. 1997.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

\_\_\_\_\_. *Interfaces: sobre la democracia audiovisual avanzada*. In: FERRY, Jean-Marc et all. **El nuevo espacio público**. Barcelona: Ed. Gedisa, 1992, p. 124-139.

\_\_\_\_\_. *La Semiosis social 2: ideas, momentos, interpretantes*. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

\_\_\_\_\_. *Teoria da midiatização: uma perspectiva sociosemioantropológica e algumas de suas consequências*. Revista Matrizes, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, jan/jun. 2014. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/561>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2015.

WATSON, Donald. *Vegan News – Magazine of the non-dairy vegetarians*. Leicester: Ed. by Donald Watson, 1944.

WEINSTEIN, Deena. **Heavy Metal: The Music and its Culture**. 2ª ed., Chicago: First Da Capo Press Edition, 2000, 352 p.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010, 96 p.

## Entrevistas

FAUSTO NETO, Antônio. *A midiatização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim*. Entrevista IHU Online, São Leopoldo, 2009. Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2479&secao=289](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2479&secao=289)>. Acessado em: 18 de maio de 2015.

GOMES, Pedro Gilberto. *O processo de midiatização nos coloca em outra ambiência social*. IHU OnLine, São Leopoldo, 2009. Disponível em:



[Http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/21342-o-processo-de-midiatizacao-nos-coloca-em-outra-ambiencia-social-entrevista-especial-com-pedro-gilberto-gomes](http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/21342-o-processo-de-midiatizacao-nos-coloca-em-outra-ambiencia-social-entrevista-especial-com-pedro-gilberto-gomes)– Acessado em: 18 de maio de 2015.

### **Documentários**

METAL: A HEADBANGER’S JOURNEY. Direção: San Dunn. Produção: ScotMcFadyen e Jessica Wise. Toronto: Global Metal Film, 2005, 1 DVD.

RUÍDO DAS MINAS (THE EARLY HISTORY OF THE BRAZILIAN HEAVY METAL = 80S).Direção: Filipe Sartoreto. Produção: Gracielle Fonseca. Belo Horizonte: Doc MTV. 2011, 1 DVD.

### **Sites**

American Vegan Society. Disponível em: <<http://www.americanvegan.org>>. Acessado em: 11de abril de 2015.

Animal Liberation Front. Disponível em: <<http://www.animalliberationfront.com>>. Acessado em: 11de abril de 2015.

Brasil Vegano. Disponível em: <<http://www.brasilvegano.com.br>>. Acessado em: 11 de abril de 2015.

Guia Vegano. Disponível em: <<http://www.guiavegano.com.br>>. Acessado em: 11 de abril de 2015.

Humane Society of United States. Disponível em: <<http://www.humanesociety.org>>. Acessado em: 10 de abril de 2015.

Igualdad Animal. Disponível em: <<http://www.igualdadanimal.org>>. Acessado em: 10 de abril de 2015.

Instituto Nina Rosa. Disponível em:<<http://www.institutoninarosa.org.br>>. Acessado de abril de 2015.

People For the Ethical Treatment of Animals –PETA. Disponível em: <<http://www.peta.org>>. Acessado em: 10 abr. 2010.

Portal Vista-se. Disponível em: < <http://www.vista-se.com.br/>>. Acessado em 26 de fevereiro de 2015.

Vegan Society. Disponível em: <<http://www.vegansociety.com>>. Acessado em: 12 de abril de 2015.

Whiplash. Disponível em: <[whiplash.net](http://whiplash.net)>. Acessado em 26 de fevereiro de 2015.

Página 22: Disponível em: <<http://www.pagina22.com.br/2013/10/03/fao-reafirma-o-impacto-devastador-da-producao-de-carne-para-o-clima/>>. Acessado em 26 de fevereiro de 2015.